EDIÇÃO PARA GUARDAR: 20 PÁGINAS HISTÓRICAS

SHOWBIZZ

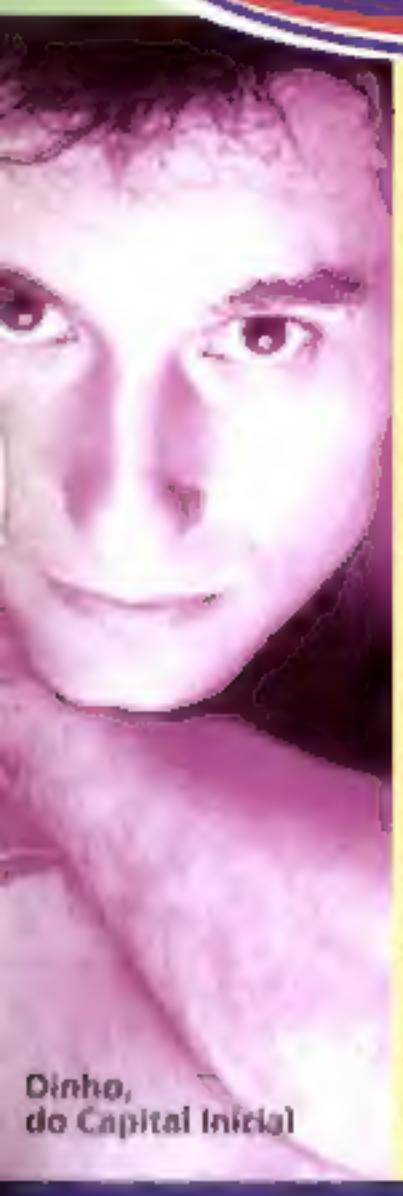
Para quem gosta de música

DE VOLTA AOS 80 ANOS

TITÃS, KID ABELHA, E PARALAMAS retomam a vocação popular do rock brasileiro

Os clássicos "descartáveis" que ninguém consegue esquecer

Engenheiros e Biquíni: lições de uma geração revolucionária



Dinho, do Capital Inicial

CAPITAL INICIAL retorna com a bandeira da turma de Brasília

Por onde andam? Ultraje, Plebe Rude, Miquinhos, Metrô, Ritchie, Léo Jaime...

Herbert Vianna, dos Paralamas

Paula Toller, do Kid Abelha

Titãs

CONTROLE DE CIRCULAÇÃO JUSTIFICADA

R$ 5,00
15561/1
EDIÇÃO 16
ANO 14 Nº 12
DEZEMBRO 1998

Metallica no entrevistão: o supergrupo brinca de banda cover

Abril

Preço Micro Xerox.
Porque Papai Noel é generoso mas não é rico.

Impressora Jato de Tinta
DocuPrint C3
600x600dpi.
Até 3,5 ppm em PB e 1,5 ppm em cores.
Compatível com Windows 98.
Preço Micro Xerox R$ 259,00*

Impressora Jato de Tinta
DocuPrint XJ6C
1.200x600dpi em papel fotográfico.
Até 5 ppm em PB e 2,5 ppm em cores.
Preço Micro Xerox R$ 409,00*

Impressora Jato de Tinta
DocuPrint XJ8C
1.200x1.200dpi.
Até 8 ppm em PB e 4 ppm em cores.
Preço Micro Xerox R$ 529,00*

Você não precisa gastar muito para ser um grande Papai Noel. Dê uma impressora jato de tinta Xerox. O presente que foge do lugar-comum e do preço alto. Quem ganha Xerox recebe qualidade e garantia de assistência técnica em todo o Brasil. Quem dá Xerox faz economia, mas esbanja criatividade.

THE DOCUMENT COMPANY
XEROX

www.xerox.com.br

Para mais informações ligue:
0800-15-4444

Editorial&Sumário

Herbert, Roger, Arnaldo, Bi e Barone: festa de uma geração

O panorama econômico pode aconselhar um final de ano austero, mas não é por isso que **SHOWBIZZ** vai deixar de comemorar. É com orgulho que apresentamos uma reportagem especial de 20 páginas sobre o *revival* do rock brasileiro dos anos 80.

Números do mercado comprovam: os sons pioneiros que marcaram gerações na década passada vieram para ficar, encontrando um lugar cativo na memória afetiva do brasileiro. É um fenômeno semelhante ao da Jovem Guarda, que até hoje é consumida, com nostalgia ou sem nostalgia, conforme a idade do freguês. Mas inclui também uma diferença crucial: seu alto teor melódico e pop aponta tendências para o que se faz agora, como fica explícito na entrevista com os Titãs que publicamos.

Aproveitamos para fazer uma revisão histórica, recuperando, com a inestimável assessoria do tempo que passou, reputações injustamente manchadas por palavras como "descartável" ou "engraçadinho". São ao todo vinte páginas: dá para fazer a festa legal.

Aquele abraço,

Pedro Só

P.S. Com esta edição, você recebe uma cédula para votar no **Prêmio BIZZ 98**. Não deixe de participar.

18 Metallica, a banda cover
O maior grupo de rock pesado da atualidade grava músicas alheias e encurta as turnês

24 Chico Buarque
Um dos grandes compositores da MPB lança disco e filosofa, sem pressa

28 Os incríveis anos 80
A história e as histórias do pop nacional na década passada, hoje valorizado no mercado.

48 The Offspring
Os californianos reaparecem com o humor e a ironia de sempre

sempre em showbizz

4 CARTAS
A eletrônica na música; o novo disco do R.E.M.

6 SHOWBIZZ RESPONDE
Um guia para compras de CD na Internet, a volta dos cranberries

12 INFORME BIZZ
Max Cavalera e a vinda do Soulfly; U2, Oasis e Os Ostras

52 SOM INDEPENDENTE
Pereira da Viola e a cantora Cláudia Lima

56 MINHA COLEÇÃO
Marcelo Yuka, d'O Rappa

58 LETRA TRADUZIDA
"In Dreams", de Roy Orbison

60 DISCOS
Claudinho & Buchecha, Molejo, Aerosmith, Marcelo Nova, Capital Inicial, Carlinhos Brown

74 AO VIVO
Man... Or Astro-Man?, Angra, Baaba Maal, Marcelo D2 e Fundo De Quintal

78 MEU INSTRUMENTO
O violão de Dino Sete Cordas

80 EQUIPAMENTOS DE SOM
Aparelhos de discman para as férias

81 ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

82 DISCOTECA BÁSICA
The Gilded Palace Of Sin, dos Flying Burrito Brothers

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Tim Maia – *Tim Maia*
De 1973, com "Réu Confesso" e "Gostava Tanto De Você". Comprável pelo MusiClub (011/3037-2600).

Reginaldo Rossi – *20 Super Sucessos*
Primeiro volume de uma série de três, tem "Tô Doidão" e "Gênio Cabeludo". Reginaldo é tudo que Faicão tenta ser.

Metallica – *Garage Inc.*
Nunca houve banda cover como esta. Destaques: o *medley* do Mercyful Fate e "Turn The Page", baladão à Bon Jovi.

Oasis – *The Masterplan*
Os lados B dos manos Gallagher são muito melhores do que seus lados A. Eles usam droga e quem fica doidão é a gravadora Creation.

Cartas

O futuro da música preocupa Issac Hayes

Jorge Mautner

Carta do mês

Fico bastante apreensivo diante do futuro da música popular, visto que pessoas como Amon Tobin *(artista brasileiro radicado em Londres que usa exclusivamente samplers e teve disco resenhado na SHOWBIZZ 159)* não são músicos *(segundo ele mesmo)*, gravam discos. Nada contra a música eletrônica. É que penso no que disse Isaac Hayes *(mestre da música negra americana, autor de grandes hits soul nos anos 60 e 70, um dos mais sampleados pela geração do rap – entrevistado por SHOWBIZZ em janeiro de 1997)*: "É melhor os jovens aprenderem a tocar algum instrumento, senão no futuro irão samplear os próprios samplers". Não questiono a qualidade, apenas acho que Aldous Huxley *(1894-1963, escritor inglês)* acertou ao abordar o conceito de música sintética no romance *Admirável Mundo Novo* – um tipo de música sem alma e que só funciona sob efeito de psicotrópicos. O que não é o caso dos Senhores Tempo Bom *(reportagem publicada na edição 160, enfocando Gerson King Combo, Paulo Diniz, Banda Black Rio e outros artistas)*. Mais uma vez, SHOWBIZZ mostra para as gerações mais novas o valor de gente talentosa e que nem sempre tem o seu valor reconhecido.

Romeu Menezes de Paiva Jr. – Itabuna, BA

Justiça para a MPB

Pode parecer ufanismo, mas existe no mundo um lugar onde a cultura pulsa como aqui no Brasil? Que brasileiro não se identificaria com o seu Adelsonilton *(compositor gravado por Bezerra da Silva, entrevistado em SHOWBIZZ de novembro)*, não cantou seus sambinhas em botequins?

O brasileiro tem o dom de extrair arte e sons de tudo que encontra. Oswalds, Bandeiras, Villa-Lobos, eternos manifestos antropofágicos, mangue bits, em nossas ruas, becos e avenidas, como eternas vias de acesso ao mundo.

Fiquei meio que sonhando quando vi a SHOWBIZZ de novembro, a capa é a mais linda que vocês já fizeram. É muito bom saber que o Brasil passa por mais um período de conscientização cultural, social, e que existem pessoas que estão acompanhando tudo de perto, sem perder um lance, como nós.

Roberta de Oliveira – Belo Horizonte, MG

Justiça para a MPB

As edições das DBs *(suplementos* Discoteca Básica *que acompanharam as edições de setembro e outubro)* são referência fundamental para os apreciadores da boa música, graças à abrangência de estilos e qualidade dos textos. Mas onde estão as mulheres? É imperdoável a ausência de Janis Joplin. Gal Costa merecia companhia. Pior ainda é a tendência de uma parcela da crítica de valorizar a transgressão, como se a inadequação social do artista fosse componente intrínseco do talento. No jogo, acho inexplicável a falta de Johnny Rivers e Bee Gees. Mas a maior escorregada foi na MPB: desleixada do mais universal de nossos autores, Tom Jobim, e do nosso maior compositor popular, Chico Buarque.

Marcelo Mesquita – Porto Ferreira, SP

Suas críticas procedem, Marcelo. Mas a Discoteca Básica *que publicamos foi baseada nessa seção, que existe desde o primeiro número da BIZZ. Ao longo do maior parte de sua existência, a revista seguiu uma linha editorial bem diferente da atual, que, entre outras coisas, dava bem menos espaço à música brasileira. Se fôssemos organizar uma lista a partir de uma revalidação histórica, tendo em mente nossa visão contemporânea, certamente ela seria bem diferente. Fica a idéia de um dia executarmos essa tarefa. Já temos planos concretos de publicar DBs fechadas em gêneros musicais, incluindo aí o injustiçado MPB. No mais, como bem escreveu o mestre Tárik De Souza, desde os tempos de Moisés que lista existe para ser contestada. Um abraço.*

Antiecletismo

Sofro de um grande "dilema existencial", pois sou um ecletico frente aos radicais e um radical frente aos ecléticos. Ouço basicamente rock pesado, mas também gosto de outros estilos, que de alguma forma estão ligados ao rock, como rap, mangue bit, música eletrônica e reggae. Entretanto o ecletismo da SHOWBIZZ já vem me incomodando há um tempo. E o que ganho de presente de vocês? Carlinhos Brown (provavelmente o artista mais chato do Brasil ou até mesmo do mundo) e Marisa Monte na capa de uma só vez.

Leônidas Viegas – Belo Horizonte, MG

Revisão do U2

Qualquer um que viveu a trilha sonora das rádios do planeta, nas últimas duas décadas, sucumbiu – nem que por uma única vez – ao charme deles. Este é o momento em que o U2 dos anos 90 volta seus olhos para trás – e faz reverência *(edição 160)*. A coleção se coloca estrategicamente no limite entre o oportunismo reprovável e a sagração legítima. Ainda que tenha se globalizado nas intenções e que tenha se privatizado na defesa de suas causas, o U2 permanece fiel à sua essência criativa. Haja o que houver, o U2 promete novas aventuras pra quem ficar ao seu lado.

Julio Daio Borges – São Paulo, SP

Escreva para SHOWBIZZ:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
email: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

Decepção racional

No dia 21 de novembro aconteceu em Curitiba o "encontro do ano": Racionais e O Rappa. Mano Brown e cia. arrasaram enquanto cantaram, mas acho que foram um pouco ignorantes com seu público – que por sinal era a maioria. Quando o show estava realmente ficando quente, eles viraram as costas e saíram do palco, sem ao menos se despedir ou, no mínimo, agradecer. Sei que suas palavras são verdadeiras e seu sucesso é merecido, mas ele precisa reconhecer que, apesar de ter um público fiel, depende de nós e (realidade) até dos "playboys". Espero que a fama e a arrogância não estejam subindo à cabeça e eles comecem a ignorar nós, seus fãs. Para o Rappa, nota 10, o show deles foi total.

Cristiane de Paula Pereira – Curitiba, PR

Futricas no Iron

Achei ridículo o Steve Harris *(baixista da Iron Maiden)* dizer que o Bruce queria se mostrar mais que os outros *(SHOWBIZZ edição 160)*. Todo bom vocalista sempre tem carisma com o público. O Steve queria que ele ficasse apenas mexendo os lábios? É bom ele largar esse seu jeito de "criança invejosa" e passar a dar mais valor aos excelentes profissionais que trabalham ao seu lado, para que não se repita o que aconteceu com o Bruce – o melhor vocalista que passou pelo Iron Maiden.

Emerson Freires – São Bernardo do Campo, SP

Hanson, sim!

Todos os artistas têm seu valor. Aqueles que acham que o Hanson não passa de uma bundinha pé-de-chinelo, que experimentem ficar cara a cara com eles. Vamos ver quem vai ter coragem de dizer isso. Os caras são talentosos e não têm culpa de a maioria das fãs serem crianças ou garotas. Acho idiotice alguém escrever para SHOWBIZZ e mandar piadinhas sobre "matar Hanson". Por que precisaríamos ter exatamente o mesmo gosto musical? Temos o direito de escutar o que nos satisfaz, seja Spice Girls ou Pavarotti, Metallica ou Madonna, Celine Dion ou Mariah Carey.

Fabiano Machado – Goiânia, GO

R.E.M. no topo

Up já nasceu obra-prima. Mais uma vez o R.E.M. deixou 99% da música dos últimos tempos comendo poeira. Se 10% das bandas da atualidade nos apresentassem músicas como "Walk Unafraid", "You're In The Air" ou "Suspicious", estaríamos vivendo uma revolução.

Adérico Público – São Paulo, SP

Correções

Daniela Dacorso

Luiz Grande (à esq.) e Barbeirinho do Jacarezinho

Na matéria As Cabeças do Bezerra (edição 160), *o compositor Luiz Grande é identificado como seu parceiro Barbeirinho do Jacarezinho.*

Essence And Rare, *do Everything But The Girl (citado na seção* Minha Coleção *da edição 160, com o Pato Fu)* nunca saiu em disco pirata. *Editado no Japão e gravado pela Toy Records, o CD pode ser encomendado por meio do Music Boulevard (www.musicblvd.com).*

Na discografia do Cocteau Twins (publicada na edição 160) *faltou o último disco,* Milk And Kisses, *de 1996. E* Heaven Or Las Vegas *é LP, e não um EP.*

No Volume 2 da Discoteca Básica *(edição 159), um erro de digitação atrasou em três anos o lançamento de* Master Of Puppets, *do Metallica, um disco de 1986.*

No pôster 15 da edição 159, o guitarrista Jerry Cantrell está de capuz e o vocalista Layne Staley, de cabelo azul.

Na Discoteca Básica *da edição 160 (Legião Urbana), faltou a faixa "Tempestade".*

Números Atrasados:
Tel. (011) 810-4800 ou pelo
email:dinap.na@email.abril.com.br
Central de Atendimento ao Assinante
Grande São Paulo: 3990-2112
Demais localidades: 0800-55-2112

EDITORA Abril
Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 -1990)

PRESIDÊNCIA EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES: Guilherme Dorigatti

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Carlos Nunes Filho
DIRETOR DE PLANEJAMENTO CORPORATIVO: Cássio Leonardi
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Eduardo de Medeiros
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugenio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Heitor Ferraz
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Marcos Sandoli
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Milton Campos Jr.

SHOWBIZZ

DIRETOR SUPERINTENDENTE: Nicolino Spina

REDATOR CHEFE: Pedro Só
EDITOR: Bernardo Araujo e Sergio Martins
REPÓRTER: Cíntia Cabral
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Roberto Morgan Lopes
ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Ana Paula Freire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: (TEXTO) André Barcinski, André Gordirro, Carlos Eduardo Oliveira, Celso Masson, Celso Pucci, Charles Gavin, Claudio Luiz de Souza, Daniel Bezerrides, Daniel Oliveira, Danilo Monteiro, Fabio Rodrigues, Felipe Zobaran, Hagamenon Brito, Humberto Finatti, Lucia Braggio, Ivanir Medeiros, Luciano Mariziga, Luciano Vianna, Paulo Cavalcanti, Paulo Vicina Sergio Gracia, Tarik de Souza, Thales de Menezes, Thomas Pappon (ASS.) Camilla Saia, Isabella Leonardos de Amaral, Rodrigo Vaccari e Elio Netto (FOTOS) Alex Silveira, Ana Paula Oliveira, Daniela Dacorso, Fernando Cruso, Luiz Rosemberg, Marcelo Soares e Marcos Serra Lima, Pedro Saade, Ricardo Lucas e Rio Music Brasil (REVISÃO) Edgar Costa

ARTE EXECUTIVA
DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Simone Cardoso, ABRIL PRESS: José Carlos Augusto, NOVA YORK: Chico de Souza, PARIS: Pedro de Souza

PUBLICIDADE
DIRETORA DE PUBLICIDADE: Ilza Ondas S. B. Borges
GERENTE DE VENDAS: Aldo Faleiros
EXECUTIVOS DE CONTAS: Marco Regina Braga e Marcelo Cavalheiro
GERENTE DE MARKETING PUBLICITÁRIO: Elizabeth Rocha e Guilherme Mazza
CIRCULAÇÃO
Claudio Sanches Ramos e Assinaturas
PROMOÇÃO E EVENTOS
Marcelo Inoue

ASSINATURAS
DIRETOR DE OPERAÇÕES E SERVIÇOS: Antonio Alvarado
DIRETOR DE VENDAS: Wilson Pessoa

PUBLICIDADE E COMERCIAL
Edição de Textos: Barros
PRODUÇÃO:
Gilson Del Carlo

DIRETOR ESCRITÓRIO BRASÍLIA: José Edgar P. Tavares
DIRETOR ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Marcos Venturoso
DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO: Paulo Ricardo Simões

Abril
PRESIDÊNCIA: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

VICE-PRESIDENTES: Angelo Rossi, Fatima Ali, Geraldo Nogueira, de Agular, José Wilson Armani Pinheiro, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
email: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Depois de parir e parar por um ano, Dolores volta a trabalhar com seus cranberries

Richard Cutt/Reprodução

A volta das frutinhas

Queria que vocês publicassem a discografia completa dos cranberries.
Célio Martins – Itaú de Minas, MG

O grupo irlandês cranberries – em minúsculas mesmo – lançou *Everybody Else Is Doing It, So Why Can't We?* (1993), *No Need To Argue* (1994), e *To The Faithful Departed* (1996). Depois de dois anos longe dos palcos – intervalo que a cantora Dolores O'Riordan aproveitou para gerar e amamentar um bebê, Taylor –, a formação tocou dia 7 de dezembro em Oslo, na Noruega, num evento de entrega do prêmio Nobel da Paz aos líderes irlandeses John Hume e David Trimble. Um novo álbum, ainda sem título escolhido, já foi gravado e deve sair em março ou abril.

Os álbuns do U2

Por favor, por favor, por favor, quero a discografia do U2.
Antônio Alves – Belo Horizonte, MG

Boy (1980), *October* (1981), *War* (1983), *Under A Blood Red Sky* (1984), *The Unforgettable Fire* (1984), *Wide Awake In America* (1985), *The Joshua Tree* (1987), *Rattle And Hum* (1988), *Achtung Baby* (1991), *Zooropa* (1993), *Pop* (1997), *The Best Of 1980-1990* (1998).

Mutações

Muito legal a nova seção SHOWBIZZ Responde! Aproveito para pedir a discografia dos Mutantes.
Cláudio Graciolli – São Paulo, SP

Os Mutantes (1968), *Mutantes* (1969), *A Divina Comédia Ou Ando Meio Desligado* (1970), *Jardim Elétrico* (1971), *Mutantes E Seus Cometas No País Dos Baurets* (1972), *Tudo Foi Feito Pelo Sol* (1974) *Tudo Bem/ Balada Do Amigo/ Cavaleiros Negros* (1976), *Ao Vivo* (1977), *OAEOZ* (1978), *Algo Mais* (1986).

Beatlelados

Queria saber a maravilhosa discografia dos Beatles.
Luciano Rodrigo da Silva – São Paulo, SP

Vocês poderiam fazer o favor de publicar a discografia dos Beatles?
Rafael Barbosa – Indaiatuba, SP

Please Please Me (1963), *With The Beatles* (1963), *A Hard Day's Night* (1964), *Beatles For Sale* (1964), *Help!* (1965), *Rubber Soul* (1965), *Revolver* (1966), *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967), *Magical Mistery Tour* (1967), *The Beatles* (1968), *Yellow Submarine* (1969), *Abbey Road* (1969), *Let It Be* (1970), *The Beatles 1962-1966* (1973), *The Beatles 1967-1970* (1973), *Live At The Hollywood Bowl* (1977), *Live At The Star Club In Hamburg, Germany, 1962* (1977), *Past Masters Vol. 1* (1988), *Past Masters Vol. 2* (1988), *Live At The BBC* (1994), *Anthology Vol. 1* (1996), *Anthology Vol. 2* (1997) *Anthology Vol. 3* (1997).

Baby Aerosmith

Gostaria de saber em que ano nasceu cada integrante do Aerosmith. Tenho também uma dúvida: qual dos dois loiros é o Tom Hamilton?
Lídia S. – São Caetano do Sul, SP

O vocalista Steven Tyler é o mais velho da banda: nasceu em 1948. Em 1950, vieram ao mundo o guitarrista Joe Perry e o baterista Joey Kramer; no ano seguinte, o loiro Tom Hamilton, mais alto, que toca o baixo. O caçula é o guitarrista e também loiro Brad Whitford, de 1952.

Como importar CDs pela Internet

Atendendo a pedidos dos leitores, publicamos um guia com as principais dicas de como aumentar sua coleção via Internet.

É mais barato comprar pela Internet?
Só pedindo na quantidade que não é taxada pela Receita Federal – três CDs ou US$ 50 – e discos que não são lançados em edições nacionais. Desse modo, sai mais barato do que comprar em uma loja de importados.

Chega em casa direitinho?
Convém você pedir que a encomenda venha em correspondência registrada.

Qual é a taxa de frete?
Geralmente, fica por volta de 10% do preço da compra.

Devo enviar o número do meu cartão de crédito?
Antes de enviar seus dados, clique no ícone de um cadeado ou de uma chave, que deve estar no canto da página. As informações irão codificadas, o que praticamente impede sua violação.

Quanto demora para chegar?
De duas semanas a um mês.

Alguns sites bacanas

- **www.cdnow**: sempre há ofertas para cadastrados, por US$ 8,00, e um "saldão", a US$ 7,99 cada. Quando não possui o CD em estoque, você é avisado no mesmo dia.
- **eil.com**: site da Esprit, loja inglesa especializada em raridades. Tem no catálogo uma antologia com 42 faixas do grupo Flying Burrito Brothers, *Out Of Blue*, por 12,99 libras.
- **www.vinyltap.co.uk**: especializada em vinis e CDs de heavy metal e hard rock. Duplamente cara, pelo preço e pela moeda, a libra.
- **www.cduniverse.com**
- **www.amazon.com**
- **www.midnightrecords.com**
- **www.music boulevard.com**

Ficha: Janis Joplin

A pedido do leitor **Anderson Melo**, de São Paulo (SP)

Janis Joplin: grande voz e vida blues

Universal Studios

Importância
Janis Joplin foi uma das mais populares cantoras de blues de todos os tempos. As interpretações viscerais, as declarações provocativas e seu estilo de vida a transformaram num dos principais ícones da geração hippie do fim da década de 60.

Biografia

- Janis nasceu em 19 de janeiro de 1943, em Port Arthur, Texas, EUA. Aos 17 anos, fugiu de casa e começou a se apresentar em bares no seu Estado natal. Sua idéia era juntar dinheiro para ir para a Califórnia.
- Aos 20, atingiu seu objetivo, apresentando-se em diferentes lugares na cidade de São Francisco, eventualmente acompanhada pelo guitarrista Jorma Kaukonen – que em 1965 iria formar a banda Jefferson Airplane.
- Juntou-se à banda Big Brother & The Holding Company em 1965. Em 1967, apresentou-se no Monterey Pop Festival, e foi contratada pelo empresário de Bob Dylan, Albert Grossman. No mesmo ano saiu o álbum de estréia da banda.
- Já por uma grande gravadora, em 1968, saiu o segundo disco, *Cheap Thrills*, cujo nome deveria ter sido *Dope, Sex And Cheap Thrills* (traduzindo, Drogas, Sexo E Emoções Baratas), não fosse a pressão da Columbia Records. O LP foi primeiro lugar na parada americana. Como Janis era o centro das atenções, o empresário sugeriu que ela deixasse a banda para seguir carreira solo.
- Apresentou-se com uma nova banda, a Kozmic Blues Band, nos festivais Newport 69 Pop, Atlanta Pop e vários outros, ao lado de artistas como Joe Cocker e Jimi Hendrix.
- Foi presa durante um show na Flórida, em 1969, por ter ofendido um policial – a queixa foi logo retirada.
- Sua carreira solo foi curta: estava gravando o clássico *Pearl* quando morreu em um hotel em Hollywood, a 4 de outubro de 1970. A causa: overdose de heroína, possivelmente acidental. Para aquela manhã em que foi encontrada já sem vida, estava prevista a gravação da música "Buried Alive In The Blues" ("Enterrada Viva No Blues"), que acabou entrando no disco apenas como versão instrumental.
- *Pearl* saiu em 1971 e atingiu o primeiro lugar na parada americana.

Discografia
Big Brother & The Holding Company (1967), *Cheap Thrills* (1968), *I Got Dem Ol' Kozmik Blues Again Mama* (1969), *Pearl* (1971), *In Concert* (1972), *Janis Joplin's Greatest Hits* (1973), *Janis* (1975), *Farewell Song* (1982), *Janis* (1993), *18 Essential Songs* (1995) *Live At Winterland 68* (1998).

Circinus

Basic

System Draco

Promoção

RAINHA

FORA DE SÉRIE

X GAMES

CA/MJ/SDE/DPDL nº 01/1254/98

CA/MJ/SDE/DPDL nº 01/1253/98

System Activent

System Elastic

System Profile

System Perseus

Octans

System Kayes

Chega de assistir esporte radical deitado no sofá.

A Rainha radicalizou: PROMOÇÃO Rainha Fora de Série. Pra participar é só comprar um tênis Rainha, preencher o cupom que está nas lojas e depositar em qualquer caixa de coleta dos correios até 05/02/99.

Você estará concorrendo a 3 VIAGENS com acompanhante para curtir os X-GAMES de verão em São Francisco, Califórnia e mais 10 KITS RAINHA contendo tênis, mochila, boné e camiseta.

Não fique marcando, entre logo nessa. Maiores informações: 0800-170501

ALGUMAS DAS LOJAS ONDE VOCÊ PODERÁ ENCONTRAR O SEU TÊNIS RAINHA

Belém (091) • Y Yamada 224-8844 Belo Horizonte (031) • Centauro 286-2445 • By Tenis 286-2194 • Elmo 235-2000 • Só Esportes 482-9040 • Sapataria Americanas 212-3607 Bragança Pta. (011) • Jo Calçados 7844-1177 Brasília (061) • Sport Center 321-3338 Campinas (019) • Baby 230-8011 Cuiabá (065) • Gabriela Moda e Couro 624-7799 Curitiba (041) • Planeta Pé 345-7654 • Pague Menos 335-1555 • Andorinha 233-3737 • Senador Calçados 232-4132 Feira de Sant'ana (075) • Mersan 623-9661 Florianópolis (048) • Tênis Bom Bom 225-3398 • Carioca Calçados 244-6763 • Imperador Calçados 259-2731 Fortaleza (085) • Casa Pio 252-1011 • Peony 242-8074 Goiânia (062) • Agata Esportes 281-1822 • Flavio's 212-8787 Jundiaí (011) • Passarela 7395-4100 Porto Alegre (051) • Paquetá Calçados 342-6788 • Renner 361-7122 • Chaussinho 228-0415 • Terê Calçados 226-9432 • Ughini 228-0144 Recife (081) • Esposende 424-9544 • Exótica 231-6308 • Via Sports 424-4888 Rio de Janeiro (021) • Feira e Forma 547-0145 • Via Rio Tropical 548-9898 • Pupy 431-9736 • Paquetá 236-0011 • Di Santini 509-7896 • Magia dos Pés 595-4243 Salvador (071) • Grat's 351-0068 • Dinni 359 1415 • Ach Calçados 351 6669 • A Baiza Modelos 351-2105 • Ao Leão de Ouro 243-5778 Santo André (011) • Poesia 440-9859 São Paulo (011) • Nize Não 883-7233 • Dony 820-2231 • Beuni 220-0022 • World Tennis 3105-6509 • Nicky's 881-4111 • Mundial 6959-0990 • Shoe Biz 220-3322 • Alegria 220-3322 • Kallan 223-0277 • Dio's 222-9299 • Babuch 258-[illegible] • Nova Babuch 606-6381 • Regata 3115-5200 • Romba 293-6122 • Aragon 5589-4411 • Gaby 288-2444 Vitória (027) • Elmo 335-1194 • Só Esportes 222-8017

Atendimento Master ao Consumidor Rainha • 0800 557166

Volans

FS 4200

RAINHA

A reprodução não autorizada de obras protegidas por direitos autorais é ilegal e estará sujeita às penalidades previstas na Lei de Direitos Autorais. Este aparelho não deverá ser utilizado com tal finalidade.

Mini System com Dolby Surround Pro Logic

Rádio-gravador com CD Player

Eu dirijo minha própria vida.
Agora, vou fazer a trilha sonora também.

Gravador de CDs com Duplo CD Deck

Personal CD Player

The Philips CD Collection

Com o CD Recorder Philips você grava seus próprios CDs* com suas músicas preferidas. É o primeiro CD Recorder com duplo CD Deck, desenvolvido pelos criadores do CD.

Depois, escute suas trilhas exclusivas em um Mini System Philips com Dolby Surround Pro Logic, 5 caixas acústicas e gaveta para 3 CDs.

Ou leve suas músicas aonde quiser com os rádios-gravadores com CD Player e o Personal CD Player com Electronic Shock Absorption (ESA), que garante a qualidade da música mesmo quando você está em movimento.

Temos que admitir, as coisas estão cada vez melhores.

Para maiores informações, ligue para o CIC (Centro de Informações ao Consumidor) 0800-123123.
www.philips.com.br
*Necessita CD Gravável (CD-R) ou CD Regravável (CD-RW) Digital Audio

PHILIPS

Fazendo sempre melhor

Informe Bizz

Soulfly decola no Brasil

Max encerra o ano com shows no Brasil e no Arizona

Robert Gibson

Se os integrantes do Sepultura não escondem sua mágoa com Max Cavalera, o ex-vocalista do quarteto mineiro também se mostra decepcionado com certas atitudes dos ex-companheiros. "Cara, eles estão ameaçando me processar! Mandam cartas para eu parar de usar o nome Sepultura, isso dói bastante", desabafa.

As dores de coração foram aplacadas em parte com doses maciças de trabalho. Desde que lançou *Soulfly*, disco de estréia de sua nova banda, o cabeludo já excursionou por diversas cidades da Europa e dos EUA, recitou suas letras em alguns bares e produziu a banda argentina Animal. "Eu falei com a minha mulher, a Gloria: 'Me dê todo e qualquer tipo de trabalho, senão eu enlouqueço' ". Max, que já se encantou com a percussão cheia de dendê de Carlinhos Brown, a tapioca musical dos índios xavantes e os caranguejos do movimento mangue, agora vai trabalhar com o grupo inglês Asian Dub Foundation. Será uma espécie de heavy metal ao curry. "Eles vão fazer um remix de 'Tribe' ". Há também a possibilidade de uma excursão ao lado dos rappers Beastie Boys para o próximo ano.

Max e o Soulfly desembarcaram no Brasil três meses depois da apresentação do Sepultura e mostraram a força de suas músicas em São Paulo e Belo Horizonte. Mas as comparações e eventuais bravatas foram deixadas de lado. "Eu só quero conferir se a galera aprova ou não meu trabalho", desconversa, apesar de ter tocado novas versões de "Attitude", "Beneath The Remains", "Dead Embryonic Cells" e "Inner Self". O cabeludo confessa também não ter ouvido *Against*, primeiro trabalho do Sepultura com o novo cantor, Derrick Greene. "Não sei se me sentiria bem escutando o Sepultura com outro cantor." Max planeja lançar um novo disco do Soulfly no ano que vem e já prepara algumas composições. Se depender das vibrações do Réveillon, ele tem tudo para ser um sucesso. O cabeludo fecha o ano de 1998 com um megaevento em Phoenix, Arizona. "Vamos tocar ao lado de Slayer, Pantera e Black Sabbath", adianta.

Lados B de Noel

"Tudo o que fazemos é clássico, outras bandas poderiam construir carreiras apenas com os lados B dos nossos singles." A modéstia continua não sendo o forte de Noel Gallagher, guitarrista e compositor do Oasis. Ele se refere ao novo CD da banda, *The Masterplan*, coleção de canções que jamais haviam entrado em álbuns escolhida pelos fãs, via Internet. Ele diz que jamais compôs uma música para servir de lado B, ao contrário da regra geral, que é preencher os singles (normalmente de quatro ou cinco faixas) com as sobras dos discos. A única cover de *The Masterplan* é "I Am The Walrus", dos Beatles, que, ele entrega, não foi gravada em um show na Cathouse de Glasgow, na Escócia – como está no encarte –, mas em uma passagem de som em uma convenção da gravadora Sony. Outras faixas do CD têm história, como "Acquiesce". "Precisávamos de mais uma canção, e o trem quebrou quando eu estava indo gravar em Cardiff, no País de Gales. Peguei o violão e comecei a arranhar. Fui cantando cada vez mais alto, até que comecei a ouvir reclamações dos outros passageiros", recorda.

Noel acha o fino os lados B do Oasis

Alex Lake

CALOUROS NO AR

Quem disse que as FMs não tocam ninguém novo no segmento pop?

Vinny

Nativus

	Vinny	Nativus
História	Começou como cantor de uma banda de heavy metal chamada Haikai. "Até hoje fã do Haikai me xinga: 'Pô, cara, tu se prostituiu!'." O primeiro disco, *Vinny*, é semi-acústico e tem uma versão de "Eu Sei", da Legião Urbana	O baterista Juninho, o baixista Luis Mauricio, o percussionista Bruno e o cantor Alexandre jogavam bola na UnB (Universidade de Brasília). Numa conversa de bar resolveram formar uma banda de reggae
Hábitat	Boates, FMs e festas infantis. "Meu som é para escutar na noite, não adianta querer deitar na rede com a namorada para ouvi-lo"	Luaus, shows, festinhas e festivais pelo Brasil. "Todo o mundo precisa ouvir a mensagem", diz o cantor Alexandre
Idade	32 anos	Entre 24 e 26 anos
Hits indefectíveis	"Heloísa Mexe A Cadeira" e "Shake Boom"	"Presente De Um Beija-Flor" e "Liberdade Pra Dentro Da Cabeça"
Ritmo	"É um som que excita seu córtex cerebral"	Reggae de raiz, com influências de rock e MPB
Futuro	"Daqui a pouco posso estar fazendo outro som. Eu já misturo tudo mesmo, me permitiria fazer qualquer coisa"	O segundo CD deve sair em março. "Já estamos pensando no quarto, no quinto", exagera Bruno
Ídolos	Tom Petty, Renato Russo	Inner Circle, Cidade Negra e Djavan

Fotos: Gal Oppido/Line Records e EMI

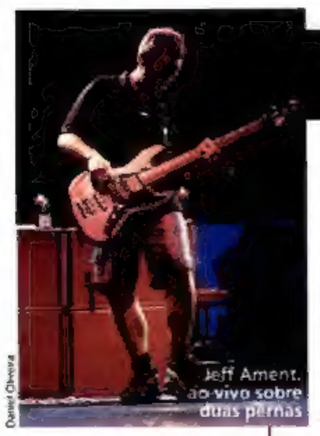
Rap sangue bom

A canja de D2 e os grafites agitaram o Morro Dona Marta, no Rio

No Rio de Janeiro, roda de break tem capoeira e abadá, e o grafite ajuda a combater a violência policial. O *Viva Zumbi II* – encontro de hip hop que aconteceu no Morro Santa Marta, em Botafogo, em novembro – reuniu mais de 25 grupos de rap, quatro gangues de break e grafiteiros na quadra da escola de samba da favela, a Mocidade Unida do Santa Marta. "Foi o primeiro encontro de hip hop verdadeiro que vi nesta cidade", comemorou o grafiteiro paulista Binho. Parece que o rap carioca desencantou. Na terra do DJ Marlboro, o estilo sempre foi meio sufocado pelo funk, mas agora está ganhando força, após o estouro dos Racionais. Vidigal, Cruzada, Rocinha e Cidade de Deus são alguns dos focos. "O interesse da gente é trabalhar com a comunidade. Queremos combater o desemprego, a desinformação, a subnutrição, o racismo e a violência policial. O hip hop quer, por meio de sua linguagem popular, conscientizar", prega o DJ TR, que toca com MV Bill, rapper que foi lançado pelos Racionais. "Estou vendo grupos punks se unirem aos de hip hop, a ideologia é a mesma", conta Marcelo Fernandes, do The Brother's MCs, que veio de Santos e aproveitou o encontro para distribuir fanzines. Os integrantes do Faces do Subúrbio, do Alto Zé do Pinho, em Recife, também apareceram.

"O rap, aos poucos, está se tornando mais brasileiro. Nós, por exemplo, estamos misturando com embolada", informa Tiger. "Em todo o mundo o hip hop vem se mapeando de acordo com o lugar. No Rio, ele está se mesclando com o funk e com o charme", avalia o produtor do evento, Marcelo Eloy, do Criminal Pense. *(Giovana Hallack)*

Sobreviventes do grunge


Jeff Ament, ao vivo sobre duas pernas

Das quatro grandes bandas saídas de Seattle no início da década (as outras são Nirvana, Soundgarden e Alice In Chains), o Pearl Jam é a única em plena atividade. Além de ter lançado cinco CDs em menos de oito anos, o quinteto comandado pelo cantor Eddie Vedder pega o planeta rock'n'roll de surpresa ao colocar nas ruas *Live On Two Legs*, disco ao vivo gravado na recente turnê americana do disco *Yield*. Vedder, os guitarristas Stone Gossard e Mike McCready, o baixista Jeff Ament e o baterista Matt Cameron (ex-Soundgarden, que substitui a Jack Irons, supostamente com problemas de saúde) mostram tudo o que sabem em uma seleção que vai desde clássicos como "Even Flow" até a recente "Faithful" e uma cover de Neil Young, "Fuckin' Up".

Os Ostras capricham no instrumental

Mariscos incrementados

Eles continuam não surfando nada, mas da surf music não levam mais caldo. Com baterista novo (Neto) e um guitarrista a mais (Reizinho), os Ostras escancaram no fim de seu novo CD, *Operação Submarina*, e cospem sete músicas instrumentais, que perfazem metade do disco. "Foi um toque de amigos nossos: surfista gosta de ouvir música instrumental sem interrupção. Por isso as isolamos", conta Márcio Garcia, vocalista da banda, que em seu primeiro CD intercalou as faixas instrumentais e as cantadas. Por incentivo dos amigos do Skuba, incorporaram um naipe de metais aos shows. "A gente era uma banda de bar e teve que ralar muito num palco pra aprender a pegar a galera ao vivo", conta Márcio.

Maurício não viajou para os EUA, mas decolou

Mistura negra

Maurício Manieri tem olhos azuis, é neto de índios, estudou Engenharia, deu aulas de piano e em seu CD de estréia canta música negra americana. Estranho? "Meu disco mostra o que sou: tem a colagem de elementos, a balada e o balanço", simplifica Manieri. Você pode não reconhecer este paulistano de 28 anos na rua, mas provavelmente já dançou ao som de "Minha Menina". Ele mesmo adora bailar – já fez parte do Unidade Móvel (grupo performático paulistano), freqüenta bailes black desde a adolescência e no show arrisca coreografias. "Mas sou meio desajeitado no palco", avisa. Nas gravações, ele teve de confiar no *feeling* do produtor Dudu Marote, que comandou sozinho a mixagem e a masterização em Nova York. "Fiquei sem visto, cara. Alguém do consulado achou que eu queria tocar numa estação de metrô de lá."

frases

"O garçom do boteco onde a gente almoçava ouviu o nosso sotaque e perguntou: 'Em que obra vocês estão trabalhando?'"
O pernambucano ***Fred 04****, do mundo livre s/a, explica o nome do CD* Carnaval Na Obra *em show na ONU, em São Paulo*

"Ele fuma maconha, gosta de sexo e felação – ele é um de nós"
DJ Muggs*, do Cypress Hill (grupo especializado em temas como maconha e violência policial), definindo o presidente Bill Clinton no tablóide inglês* Melody Maker

"Hoje está difícil achar até dedal. Se o disco der certo, vai ficar difícil é da clientela me achar"
Walter Alfaiate*, sambista, que acaba de lançar seu primeiro disco, aos 68 anos, na revista Época*

Madonna se comportou mal

"Usando a maquiagem sagrada e uma roupa que deixava seus seios visíveis e dançando de maneira sexualmente sugestiva com seu guitarrista, Madonna ofendeu hindus em todo o mundo"
Documento de uma associação hindu condenando a performance da cantora Madonna no último MTV Awards, publicado na revista inglesa Uncut

"A música baseada em samples de hoje em dia é a arte dos zapeadores de controle remoto. E sua intenção é tão alejada quanto as mentes a que ela agrada"
Joni Mitchell*, cantora, na revista americana* Musician

"Não tenho paciência de ouvir meus discos. Decoro as letras porque sempre que vou ao bar do Geraldo, em Xerém, meu CD está tocando. Acho que o Geraldo tem um acordo com a minha gravadora"
Zeca Pagodinho*, no jornal* O Globo

Muito mais do que os Racionais

A periferia de São Paulo não pára de produzir bons grupos de rap

"Quatro P" é o maior sucesso do DMN

Novo, o RZO não é. "Estamos na correria há treze anos", contabilizam Hélio, Sandro e DJ Rico, a Rapaziada Da Zona Oeste. Formado em Pirituba, o grupo foi contratado pela gravadora Cosa Nostra, de propriedade dos Racionais MCs, que lança em dezembro seu primeiro CD, produzido por Mano Brown e Ice Blue. Em 1992, o RZO participou de uma coletânea com a faixa "Pobre No Brasil Só Leva Chute", e no ano passado lançou em single independente a faixa "O Trem", que explodiu nas rádios comunitárias e na MTV, em clipe com a participação de Mano Brown. O CD conta com canjas de Thaide e DJ Hum, Sistema Negro, Gog e Possementezulu, além dos próprios Racionais. "É o disco mais aguardado do ano", acredita Hélio.

Do outro extremo da cidade (Itaquera, Zona Leste) vêm os Defensores Do Movimento Negro, o DMN. Na estrada desde 1989, o trio, que tem L.F., MC Marcão e DJ Slick, estreou em 1991 na coletânea *Consciência Black* e em 1993 emplacava o primeiro disco, *Cada Vez Mais Preto*, do qual saiu o hit "Quatro P (Poder Para O Povo Preto)". "Nossa música mostra um Brasil diferente do da TV, procurando sempre colocar um conteúdo histórico quando trata de problemas como o racismo", explica o rapper. O próximo CD sai em abril e tem colaboração de Eddy Rock, dos Racionais.

O RZO lança disco com a bênção dos Racionais

Diversão e solução sim, na música do RPW

O RPW carrega na sigla o nome de seus componentes, Rúbia, Paul e Wagner, ou W-Yo. O grupo foi formado há onze anos em Cidade Ademar, Zona Sul da capital, e lançou este ano o CD independente *RPW Ao Vivo*. O primeiro CD, *RPW Está Na Área*, data de 1996. "Claro que nossas letras também têm preocupações sociais, mas não deixamos de enfocar o lado alegre, o rap como diversão", comenta Paul. Um novo CD do trio sai em janeiro.

Túnel do tempo

George antes e depois de assumir

Na época em que era uma fábrica de sucessos como integrante da dupla *Wham!* (ao lado de Andrew Ridgeley), George Michael era bem diferente do trintão que sem comporta mal em banheiros públicos de hoje em dia.

O passado do U2: gay, nudista e carola

Nas entrevistas que deu à imprensa inglesa para promover a coletânea *Best Of 1980-90*, do U2, o guitarrista The Edge lembrou os tempos carolas da banda. David Evans (verdadeiro nome de Edge), Paul Hewson (Bono) e Larry Mullen Jr. chegaram a integrar um grupo de estudos carismáticos, Shalom (saudação hebraica que significa "paz"), e quase pararam de tocar rock, por conflitos morais. "Banda que reza unida permanece unida", dizia na época o baixista Adam Clayton, único ateu do U2.

Edge lembrou que "Trash Trampoline And The Party Girl", quitute-mor entre os lados B agora relançados, foi motivo de conflito. Adam vestiu a carapuça do personagem Trash (lixo, em inglês) e achou que a música era um recado para ele, em público. Sobre *Boy*, o primeiro disco, Edge lembrou um delicioso mal-entendido despertado pela foto do garotinho na capa: "Revistas gays de São Francisco publicaram ótimas críticas e os gays americanos começaram a nos adorar". As gravações de *The Unforgettable Fire*, em 1984, incluíram um dia de nudismo no estúdio. "Cobrimos as partes com uma fita adesiva que doía muito na hora de tirar", conta Edge, divertido. "Para quebrar a monotonia do estúdio, vale tudo", justifica ele.

Edge *(à esq.)* e o U2 da época de *Joshua Tree*: Adam *(loiro, à esq.)* nunca teve o apelido de Trash

notas

O Twisted Sister vive

O novo visual de Dee Snider

Quarentão e sem a cabeleira mal pintada da década passada, o ex-cantor do Twisted Sister, Dee Snider, está estreando no cinema. Ele escreveu o roteiro do filme *Strangeland*, no qual também interpreta o vilão, Captain Howdy, não por acaso personagem de uma canção do Twisted. Howdy é um maníaco que obriga pessoas a participar de rituais tribais. Dee também produziu a trilha, que conta com artistas emergentes da música metálica (Soulfly, Marilyn Manson) e veteranos, como o Anthrax, Megadeth e o velho Twisted Sister, com a inédita canção "Heroes Are Hard To Find".

A bela Papaya vem aí

Nomes marotos

A banda americana Drown está em alta no Hemisfério Norte. Difícil vai ser evitar brincadeiras de mau gosto quando, no Brasil, surgir um grupo cujo cantor – um sujeito grande e tatuado – se chama Lauren Boquette. Nome esquisito, aliás, também tem a nova contratada do selo Maverick (propriedade de Madonna e que tem Alanis Morissette como estrela principal): a cantora dinamarquesa Papaya.

Progressivo milionário

O tecladista inglês Rick Wakeman, ex-Yes, acaba de receber da gravadora EMI Classics 2 milhões de libras (algo próximo de 4 milhões de reais) para ele gravar uma continuação do disco *Viagem Ao Centro Da Terra*, de 1974.

College rock

Está no ar o Circuito Estudantil de Promoção, que reúne colégios e universidades do eixo Rio–São Paulo à música pop. Nele, estudantes de colégios como o São Vicente, do Rio, e o Galileu Galilei, de São Paulo, podem conhecer e entrevistar bandas. Marcelo D2 e o Maskavo Roots foram os primeiros a participar.

A maior banda cover do mundo

Metallica lança CD duplo com músicas de dezoito outros artistas e cai na estrada sem tocar composições próprias

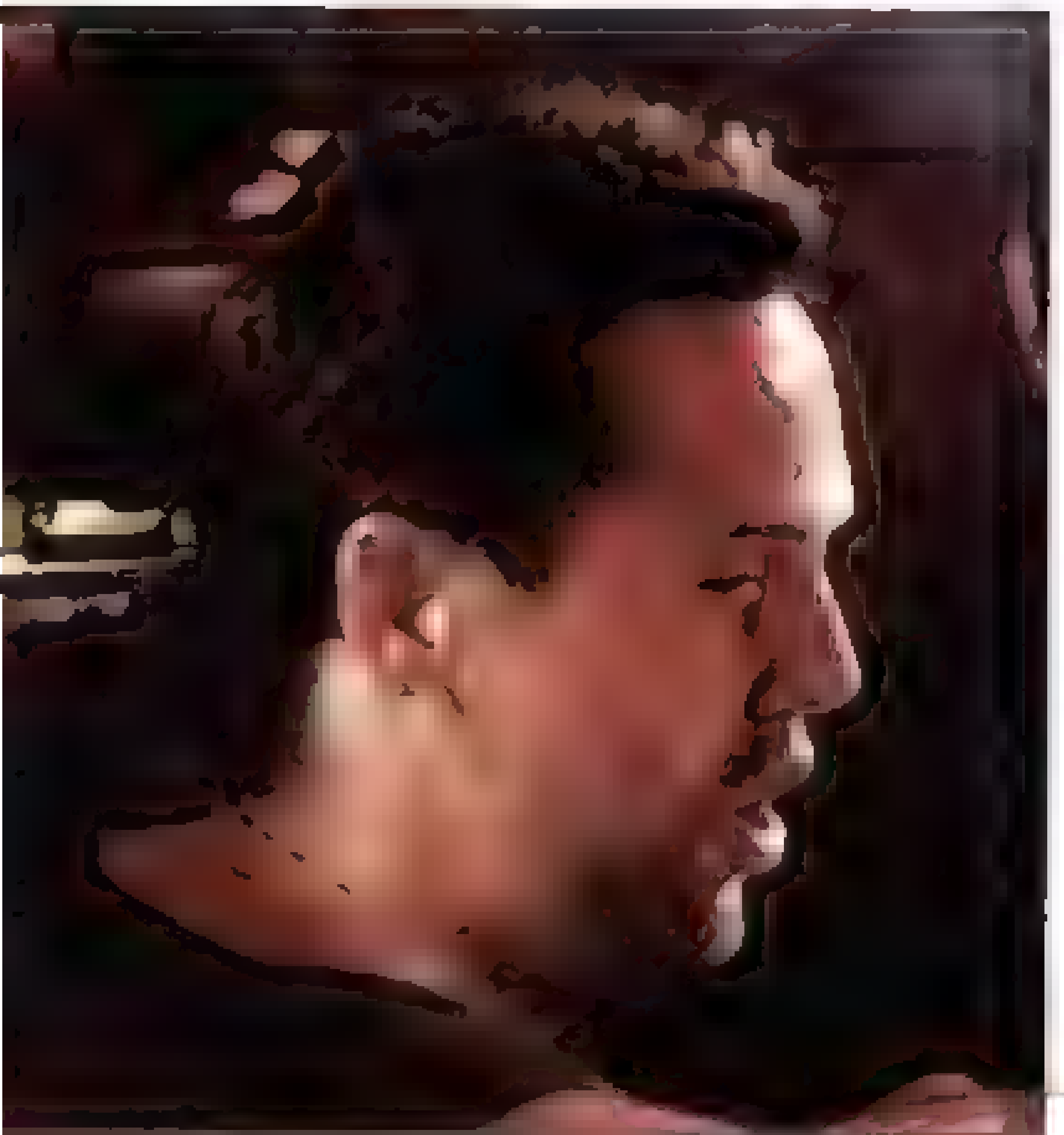
por Daniel Oliveira de Sausalito, EUA
Ilustração: Paulo Nilson

O nome da mais recente turnê do Metallica, *Poor Touring Me* (algo como Pobre De Mim Em Turnê), já mostrava, além da ironia habitual da banda, um sentimento comum a muitos dos maiores artistas do pop rock mundial: a má vontade com os longos períodos na estrada. Para não tomar uma decisão como a do R.E.M., que se aproveitou da saída do baterista Bill Berry para simplesmente não mais excursionar, o quarteto de São Francisco fica em um meio-termo: a partir de agora os discos serão mais freqüentes e as turnês mais curtas. Estão extintos intervalos longos, como o decorrido entre os discos *Metallica* (1991) e *Load* (1996). E jamais haverá outra excursão como que sucedeu o "álbum negro", de 1991, que durou 22 meses, 300 shows e provocou sérios atritos entre os quatro músicos.

James Hetfield (guitarra e voz), Lars Ulrich (bateria), Kirk Hammett (guitarra) e Jason Newsted (baixo) estão mesmo empolgados com o trabalho no estúdio. Tanta animação produziu o terceiro disco da banda em três anos, *Garage Inc.*, CD duplo com 27 canções de outros artistas que sucede *Load* e *Reload* (de 1997). "Nosso plano agora é lançar um disco por ano", anuncia Lars, nos Plant Recording Studios, na Califórnia. ▶

Antes de virar a página, tente encontrar dezessete referências aos artistas homenageados pelo Metallica. O garçom Nick Cave é um deles...

A maior banda cover do mundo



Após o enterro da mãe na Dinamarca, o baterista Lars [illegible]

Além de trazer onze covers novas, *Garage Inc.* (o nome do CD é mais um trocadilho, desta vez misturando a g[illegible] [illegible] do quarteto, com a canção "Damage Inc.", do disco *Master Of Puppets*, de 1986, resgata as músicas do EP *Garage Days Re-Revisited* (1987) e diversas gravações até hoje só [illegible] poníveis em singles [illegible] cos piratas. É um [illegible] que vai do australiano Nick Cave e do *soulman* de Detroit Bob Seger [illegible] [illegible] de baladas e can[illegible] ções muito mais leves do que o som habitual do Metallica – *veja boxe*) [illegible] pancada punk dos Misfits e do Discharge [illegible] [illegible] lindo também *Cunning Stunts*, vídeo com os [illegible] [illegible] [illegible] dos shows de 1996 (da turnê de *Load*) [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] do seu repertório próprio nos shows. Como [illegible] Jason Newsted, que veio ao Brasil divulgar *Garage Inc.* [illegible] [illegible] tarde, quem toca as músicas do Metallica [illegible] [illegible] [illegible] mada Battery.

Entre outras coisas, *Garage Inc.* traz versões para músicas de bandas punk (Anti Nowhere League e Misfits), hard rock (Queen e Thin Lizzy) e heavy metal (Motörhead e Mercyful Fate). Dentre esses, qual é seu estilo favorito?

Não tenho preferência. Essas músicas demonstram nossa abrangência musical, do mesmo modo que o álbum *Reload* vai da pancada de "Fuel" até a [illegible] de "Low Man's Lyric". Gosto dessa variedade.

Quais covers você sugeriu?

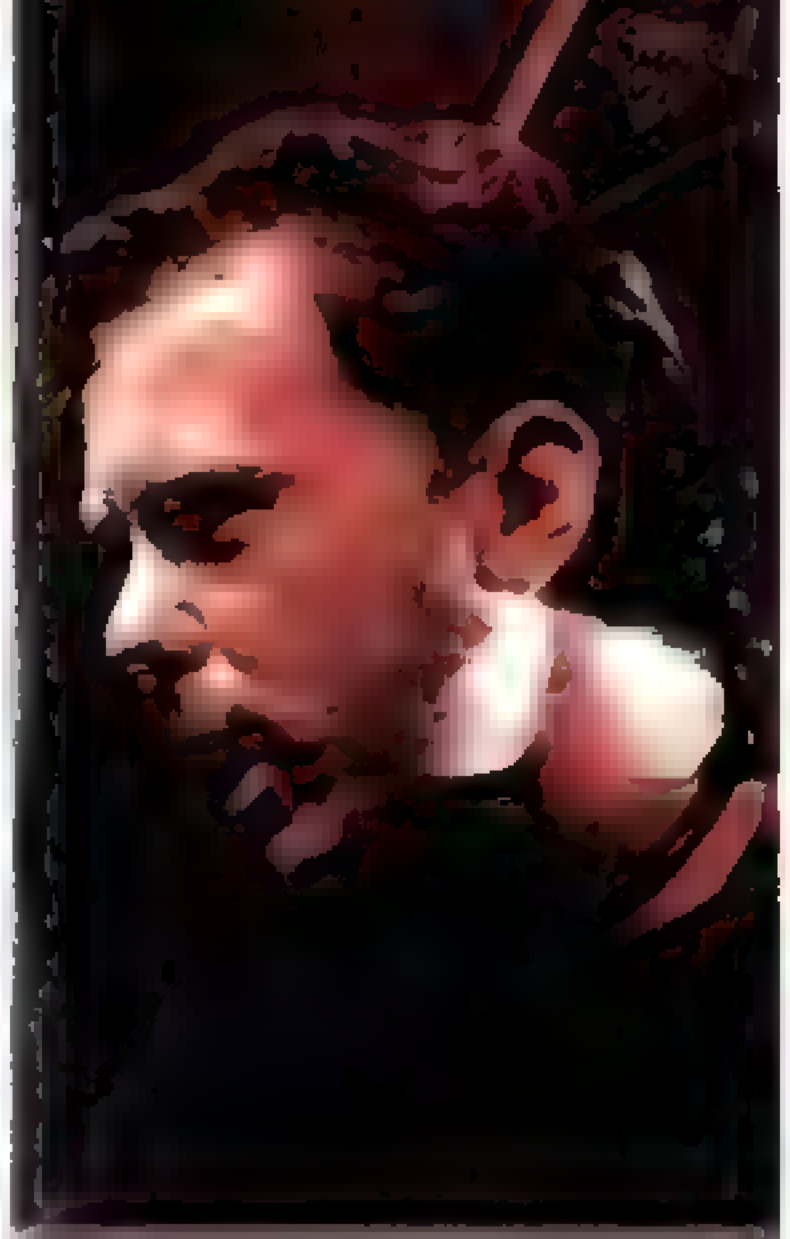
"Astronomy", do Blue Oyster Cult. Foi uma das bandas importantes dos anos [illegible] nos EUA, ela foi a que envelheceu melhor. Suas músicas soam muito bem nos anos 90. Também sugeri uma [illegible] de [illegible] [illegible] que dura 12 minutos. Há também "Sabbra Cadabra", do Black Sabbath. Quando eu tinha 10 anos, ganhei o disco *Sabbath Bloody Sabbath* de Natal. Todo mundo falava das músicas "War Pigs" [illegible] [illegible] [illegible] *Paranoid*, mas "Sabbra Cadabra" sempre foi a minha preferida.

O EP *Garage Days Re-Revisited* é considerado um clássico entre os fãs do Metallica. Sua inclusão em *Garage Inc.* pode agradar as pessoas que se decepcionaram com *Load* e *Reload*?

[illegible] [illegible] [illegible] de interpretar músicas dos outros sempre fez parte da nossa história. Se vamos reconquistar [illegible] respeito, depende dos fãs. Mas acho que nem quero isso. Se algumas pessoas não gostaram de *Load* e *Reload*, tudo bem. Não quero que voltem a curtir a banda só por causa de *Garage Inc.*

A imagem do grupo [illegible] [illegible] criticada. Há [illegible] [illegible]?

Não me sinto bem com a aparência que tenho hoje. Eu acho que a imagem era muito [illegible] quando usávamos o cabelo comprido e roupas pretas, mas nós passamos por mudanças pessoais e quisemos acabar com aquilo tudo. Nos últimos dois anos tenho sido mais honesto em minhas entrevistas. Certamente [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] a verdade. Ideologicamente, eu e Kirk somos os caras mais aventureiros da banda. Politicamente, somos de esquerda, enquanto James e Jason são de direita. Quanto [illegible] [illegible] heavy metal, não gosto do radicalismo dos fãs, eles nem sempre separam bem as coisas. Tem sido legal atirar coisas na cara deles. Estou provando que é possível tocar música pesada sem precisar seguir as regras do heavy metal.



O cantor James Hetfield fez questão de incluir no CD uma canção de Nick Cave

O que você achou das versões sinfônicas de músicas do Metallica gravadas nos dois discos do quarteto de violoncelos Apocalyptica, da Finlândia?

Demais! Gosto quando as pessoas dão vida nova às nossas composições. Alguns anos atrás, a banda alemã Die Krupps fez versões techno do Metallica. É muito divertido ouvir essas coisas.

Você prefere fazer covers ou ouvir versões para músicas do Metallica?

Ganho mais dinheiro quando as pessoas tocam nossas músicas (*risos*).

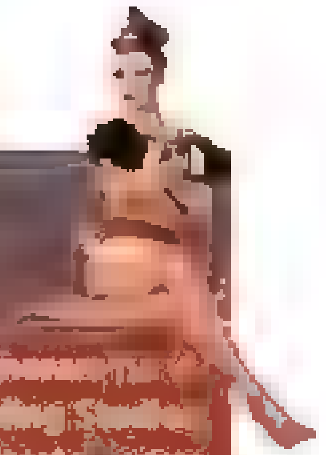
Como surgiu a idéia do home video *Cunning Stunts*, que vocês estão lançando junto com *Garage Inc.*?

Jamais conseguiríamos repetir o espetáculo visual da turnê do *Load*, então quisemos registrar tudo. Tocamos duas noites em Fort Worth, no Texas, em maio do ano passado. Os melhores momentos dos shows estão no vídeo, disponível em VHS e DVD (*Digital Video Disc, uma variação mais completa do CD-ROM*).

Na última turnê [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] shows. Há planos para um *MTV Unplugged*?

Não, de jeito nenhum. O legal da parte acústica é que pudemos mudar os arranjos de músicas que já tocamos milhares de vezes, como "The Four Horsemen". Não quero que o Metallica se torne um Foreigner, cujos fãs vão aos shows para ouvir os hits.

Peladinhas no estúdio



[illegible]

Musas do barulho: as bandas coverizadas pelo Metallica em *Garage Inc.*

Anti Nowhere League – [illegible] punk [illegible] começo dos anos 80, homenageada [illegible] [illegible] [illegible] pedofilia.

Budgie – trio inglês da década de 70 [illegible] por R[illegible]

Black Sabbath – [illegible] inventores do heavy metal [illegible] [illegible] "Sabbra Cadabra", faixa instrumental de *Sabbath Bloody Sabbath*, álbum de 1973.

Motörhead – consagrado grupo inglês liderado por [illegible] Lemmy [illegible] [illegible] entre o metal e outras facções do barulho.

Blitzkrieg – obscuro [illegible] heavy inglês formado em 1980.

Blue Oyster Cult – [illegible] [illegible] [illegible] anos 19[illegible] [illegible]

Bob Seger – [illegible] [illegible] [illegible] anos 80.

Discharge – [illegible] hardcore [illegible] [illegible] riffs de guitarra.

Thin Lizzy – grupo [illegible] [illegible] "Whiskey in the Jar" [illegible] [illegible] John Sykes, [illegible] Whitesnake.

Diamond Head – possivelmente o grupo mais underground homenageado pelo Metallica, atuou [illegible] dos anos 80 na Inglaterra.

Killing Joke – banda pós-punk [illegible] anos 80 [illegible] [illegible]

A maior banda cover do mundo

O guitarrista Kirk Hammett adotou recentemente um visual latino

Seu filho Myles Ulrich nasceu em agosto. Como você planeja educá-lo durante as gravações e as turnês?
O legal é que eu e James tivemos filhos na mesma época. Não temos os problemas que o Slayer enfrentou alguns anos atrás – um dos caras teve um filho e isso acabou mudando tudo na banda (*Lars se refere ao baterista Dave Lombardo, que deixou o Slayer por causa de problemas familiares*). Eu e James estamos curtindo mais fazer discos. É muito chato tocar ao vivo as mesmas músicas por mais de um ano. Queremos excursionar menos, gravar mais discos e ficar mais em casa. Como sou dinamarquês, planejo educar meu filho com a cultura européia.

A propósito, como você se sentiu quando a Dinamarca perdeu para o Brasil na Copa do Mundo da França?
Fiquei satisfeito com a atuação da seleção do meu país, a única que desafiou o Brasil além, claro, da França (*N. do E.: Lars deve ter perdido o jogo Brasil x Holanda pelas semifinais da Copa*) na final. A Noruega ganhou do Brasil na primeira fase, mas aquele jogo não foi lá grande coisa. Quando empatamos o jogo em 2 a 2, qualquer um dos dois poderia ter vencido. O time brasileiro era muito mascarado e mereceu tomar um tapa na cara. Agradeço à França por ter feito isso pelo resto do mundo. Se a seleção brasileira tivesse um pouco mais de humildade, o Brasil teria melhor reputação como país.

Já existem datas marcadas para apresentações do Metallica no Brasil?
Se não houver problemas, voltaremos lá em maio para alguns shows.

Aqui no estúdio, fotos de mulheres nuas estão em tudo que é lugar. O que suas esposas acham disso?
Se você está com alguém que reclama de besteiras como essa, é melhor nem manter o relacionamento. Esse negócio apenas caracteriza o nosso lado machão. Tenho sete canais de TV em casa com filmes pornôs e isso é uma coisa bem chauvinista, que não machuca. Minha esposa não se importa...

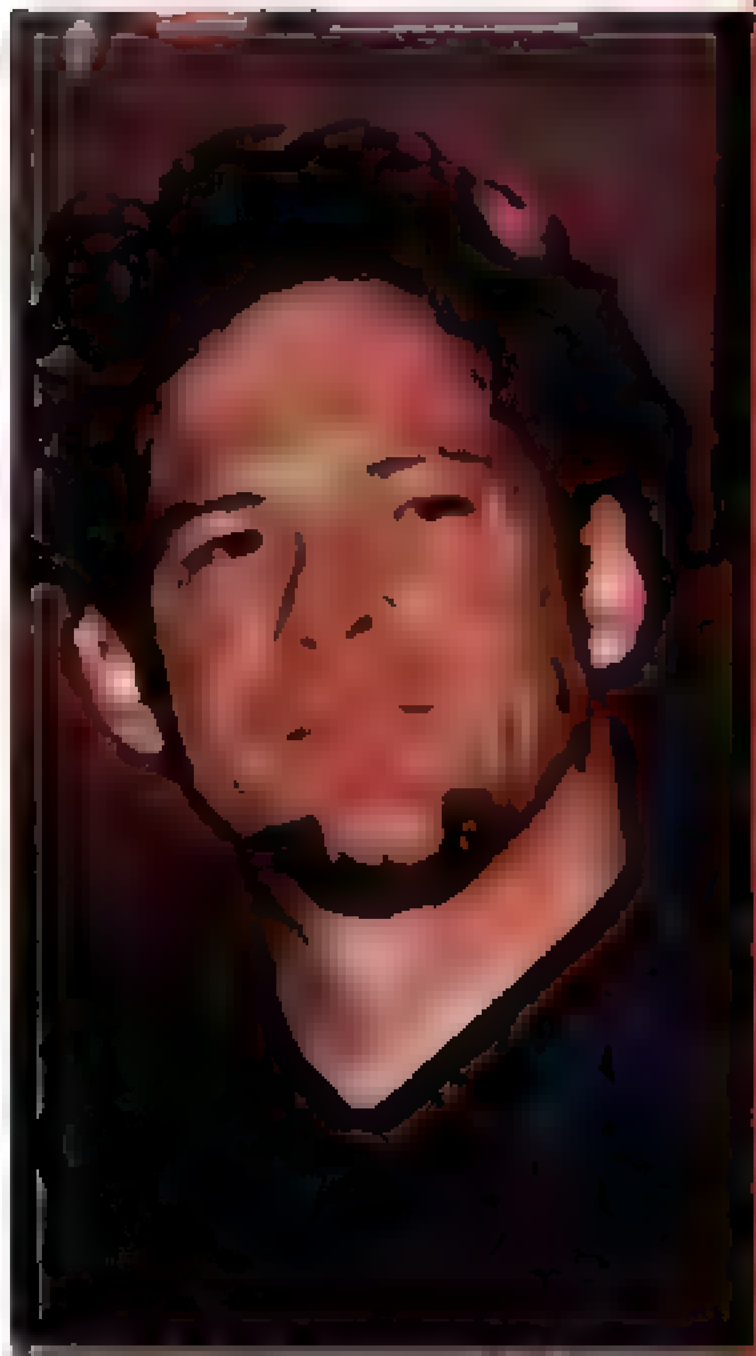
O ator Matt Damon (de *O Gênio Indomável* e *O Resgate Do Soldado Ryan*) namorou Skylar, e deu o nome dela à personagem principal de *O Gênio*... sua esposa, e disse a uma revista americana que ela o abandonou para se casar com um "rockstar que tem 80 milhões de dólares e seu próprio avião". O que você acha deste comentário?
Acabei conhecendo o Matt e nos tornamos amigos. Ele também é amigo de Skylar. Os dois estiveram juntos durante quatro anos. Ele queria se tornar uma estrela do cinema e seu objetivo se tornou mais importante do que o relacionamento com ela. Acho que ele pensou: "Quando ficar famoso, voltarei para ela e tudo será como antes".

Aí você entrou na história.
É isso aí. Acabei com a festa dele (*risos*).

Sua mãe morreu recentemente. Esta perda afetou suas atividades no Metallica?
Apenas adiamos alguns shows na Austrália. Eu precisava de um tempo sozinho. Depois que enterrei minha mãe na Dinamarca, passei uma semana em Paris com um amigo. Paris é a minha cidade favorita em todo o mundo, ao lado de Copenhague e São Francisco. É um local ótimo para esquecer os problemas.

Você fundou sua própria gravadora, TRC Records. Como ela funciona?
Um dos caras do Pearl Jam tem uma gravadora para ajudar amigos (*a provocação é com o guitarrista Stone Gossard, dono da Loosegroove Records*), o que não é o meu caso. Como dizem nos Estados Unidos, minha gravadora é um estabelecimento puramente comercial. Uma das bandas que contratei, DDT, está gravando agora com o produtor Matt Wallace, que já trabalhou com o Faith No More. A banda vem do Canadá e toca um punk/hip hop com dois vocalistas. A música é bastante agressiva e possui ótimas melodias.

Kirk disse que está escutando Iron Maiden antigo, enquanto James e Jason se tornaram grandes fãs do Sepultura. Quais bandas de metal você curte atualmente?
Estou com CDs do Mercyful Fate e Deep Purple no meu carro. Nos últimos seis meses tenho escutado muito as bandas que interpretamos no disco. Quando malho na sala de ginástica da minha casa, ouço Alice In Chains e Corrosion Of Conformity. O álbum *Sin After Sin*, um dos primeiros do Judas Priest, também tem tocado lá em casa. Adoro a música "Dissident Aggressor".



Musas do barulho

Lynyrd Skynyrd – lendária banda de rock do sul dos EUA. Três de seus integrantes morreram num acidente de avião, em 1977

Mercyful Fate – quinteto dinamarquês liderado pelo cantor King Diamond, que acolheu o Metallica em sua terra para a gravação de *Ride The Lightning*, disco de 1984

Misfits – grupo dos anos 80 liderado pelo cantor americano Glenn Danzig, de grande influência no punk atual

Nick Cave and The Bad Seeds – cantor australiano idolatrado por góticos pós-punk dos anos 80

Sweet Savage – grupo hard rock farofa de Los Angeles, existiu entre 1984 e 89

Diamond Head – surgiu na "nova onda do metal britânico" do início dos anos 80

Queen – o grupo de Freddie Mercury e de Brian May é lembrado por "Stone Cold Crazy", um de seus rocks mais sólidos

Jason, o doce advogado do diabo

Jovem Chico

Aos 54 anos, cheio de vitalidade, ele segue escrevendo livros, tendo netos, lançando bons discos e compondo cada vez mais em ritmo de Dorival Caymmi: o artesanato da canção exige paciência

Chico Buarque, na beira da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro

por Bernardo Araujo
Fotos Ricardo Fasanello

Não, o intervalo de meia década entre dois discos de musicas inéditas nada tem a ver com preguiça, garante Chico Buarque. *Se Paratodos* saiu em 1993 e o novo *As Cidades* só chegou às lojas cinco anos depois, isso se deve a outras atividades do dono do par de olhos – verdes, azuis, ninguem sabe – mais cobiçado da MPB. "É tanta coisa que nem tenho tempo de ir a lojas de discos, só ouço os CDs que recebo", diz ele. Desde 1992, além de lançar *Paratodos*, Chico escreveu dois livros. *Estorvo* e *Benjamim*. teve dois netos, Chiquinho e Clara, frutos do casamento da filha do meio, Helena, com o baiano Carlinhos Brown, subiu ao palco algumas vezes (numa delas lançou um CD de regravações, *Uma Palavra*, e foi enredo da Mangueira. A associação com a mais tradicional escola de samba carioca – que acabou campeã de 1998, empatada com a Beija-Flor – tomou o tempo do compositor triplex, que acabou adiando por um ano o lançamento de *As Cidades*. Rendeu também um belo

"Calculo que uma música que faço hoje dá o mesmo trabalho de dez que compunha antigamente"

CD, *Chico Buarque Da Mangueira*, em que o homenageado cantou ao lado de velhas figuras da verde-e-rosa, como Beto Carvalho, Alcione e Nelson Sargento. Armado para falar do disco novo, da vida e nem um pouco do tri-rebaixado Fluminense, Chico recebeu SHOWBIZZ no Hotel Rio Palace, no Rio.

Das onze musicas do disco, quatro ("A Ostra E O Vento", "Chao De Esmeraldas", "Assentamento" e "Aquela Mulher") já haviam sido lançadas em outros CDs. Por que repeti-las? Você so compos essas sete?

Sim, praticamente só compus essas. Havia outra, um samba chamado "Dura Na Queda", mas o disco demorou tanto a sair que acabei gostando dele e o deixei de fora. Das quatro que já existiam – e que, aliás, formaram o embrião do disco –, só Chão De Esmeraldas ficou inédita. Quando eu

um CD fácil de encontrar. Mesmo assim achei que deveriam entrar no disco e peguei todas, com novos arranjos.

Esta mais difícil compor hoje em dia?

Muito mais difícil, muito mais exigente do que quando era jovem. Para cada música que sai são umas palavras, sons e acordes que vão para o lixo. Calculo que uma música que faço hoje dá o mesmo trabalho de dez que compunha antigamente. E, curioso, revendo musicas antigas para colocar na minha homepage (*chicobuarque.com.br*) e no *songbook* (*a ser lançado no ano que vem*), vi muitas letras que gostaria de ter revisado, que poderiam ter ficado mais bem-feitas. Quando era novem eu tinha um baú cheio de músicas mais ou menos como o Carlinhos Brown que tirou as quinze do disco de uma coleção de 120. Mas com o tempo você vai esquecendo, vai jogando fora, sobra pouca coisa. Para ter uma ideia, o último disco bom (canções que poderiam ter entrado no primeiro

Houve pressao para terminar as musicas e finalmente gravar o disco?

Claro, sem a pressão o disco jamais ficaria pronto. As próprias músicas que já estavam prontas exercem uma pressão, elas querem ser soltas, existir para o mundo. Eu já tinha umas seis musicas prontas, o que não dá para lançar o disco. Então chega a hora de me empenhar, passar o dia com o violão – o que às vezes é intolerável – e a caneta, ou mesmo cancelar outras atividades, como ouvir música e ir ao cinema, no sentido de buscar sons que vão virar musicas. Tem uma hora que você diz "Agora vai", aí tudo acontece, é uma correria maravilhosa. Nesse disco aconteceu de [illegible] em dois casos eu tinha ideias de letras, porém parei e não conseguia vir com a melodia adequada. Então lembrei de fitas que eu tinha em casa com melodias do Dominguinhos e do Guinga que se adaptavam perfeitamente às idéias. *(N do E: A parceria com Dominguinhos se transformou no "Xote De Navegação", e a musica composta com Guinga virou "Você, Você – Uma Canção Edipiana".)*

A canção-título de seu CD anterior, "Paratodos", é um baião, e desta vez você gravou um xote. Qual a sua relação com a musica do Nordeste?

Na minha infância, na casa de meus pais se ouvia tudo da música brasileira, nordestina inclusive. É claro que o samba era o que mais tocava – ao lado da bossa nova foi o que me fez querer ser musico –, mas volta e meia rolava um xote ou um baião. Um dos meus primeiros trabalhos semiprofissionais foi a trilha sonora da peça *Morte E Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Para compor aquilo eu fui apresentado pelo escritor Roberto Freire, à época diretor do teatro, a um pesquisador (cujo nome esqueci) especializado em cultura nordestina. Ele me passou um monte de fitas, daquelas grandes, antes que existisse o cassete, com tudo da música nordestina. Um pouco daquilo que aprendi deve estar aflorando agora.

É verdade que você ficou quinze anos com a musica do Dominguinhos na gaveta e dez com a do Guinga?

É, por acaso me lembrei delas tanto tempo depois. A do Dominguinhos tem uma história curiosa. Na fita, ele dizia, como quem fala ao telefone: "Chico, acabei de viajar não sei quantos quilômetros e estou em um hotel em São Luís. Aqui vai um xote russo em tom menor". E, acompanhado pelo acordeão, cantarolava a melodia, que tinha realmente uma relação com a Europa do Leste. Quando resolvi gravar, procurei o Dominguinhos para perguntar se por acaso a musica já havia sido gravada por alguém. Contei a história, cantarolei para ele ao telefone e ele me disse: "Chico, se você gravasse essa música dizendo que era sua eu não desconfiaria nada". Depois, ouvindo mais a fita, percebi que um trecho da melodia não estava bem resolvido e o recompus. Aí percebi que Dominguinhos havia feito tudo na hora, por isso ele não se lembrava. Quando ele veio gravar comigo e ouviu a música seus olhos brilharam como quem reencontra um filho, gerado e perdido quinze anos atrás. Foi um momento muito bonito. O curioso do Guinga é que eu tenho diversas musicas mais recentes dele, mas acabei usando uma de 1998. As outras ficam para daqui a uns dez anos.

Depois de dois livros bem-sucedidos você encara a literatura como profissão ou apenas como uma atividade?

Não posso ver a literatura como uma profissão como é a música, pois o que me permite ser um escritor descomprometido de minha profissão ser a música. O músico é o *sponsor* (*patrocinador*) do escritor. Eu posso me permitir ficar um ano e pouco só escrevendo um livro, sabendo que, por mais que ele vá vender, jamais vai me sustentar. O meu sustento financeiro vem da música.

E o desafio de escrever um livro e maior do que o de compor?

Não, é tão grande quanto; são atividades da mesma família, a da criação. Quando começo a escrever tenho muita dificuldade porque, por exemplo, se eu começar um livro daqui a uns meses, já terão se passado três ou quatro anos desde o último, *Benjamim*. Então eu posso ainda estar tendo insights com o livro anterior. Quando eu começar a fazer novas musicas vai acontecer a mesma coisa. Já terá se passado um tempo enorme, então não vou mais saber. Cada vez que eu escrevo um livro ou faço uma música, ela vem do zero, e eu vou reaprendendo. Foi assim com todos os meus dois últimos discos.

Existem planos para uma turne?

Ainda não sei. Com o *Paratodos* fiquei uns oito meses em turnê pelo Brasil e já tinha uma excursão agendada pela Europa. Mas comecei a ocupar minha cabeça com o *Benjamim* e falei: "Pelo amor de Deus, vamos desmarcar isso!". Tenho receio de ficar amarrado muito a minha vida e depois resolver fazer outra coisa. *(N do E: Pelo sim, pelo não, Chico já reservou o Canecão, no Rio, para uma temporada no mês de janeiro.)*

Inspiração em música e letra...

"Dos grandes medalhões da MPB, Chico é o que está melhor, cada vez melhor. Não paro de ouvir o disco novo, sou até suspeito pra falar. Aliás, achei desagradáveis algumas críticas que só falavam das letras. As pessoas observam muito o trabalho dele pelo prisma da letra. Felizmente, ele é um dos maiores letristas do mundo, mas é também um dos maiores compositores. Em qualquer canção dele você bota uma flauta, um clarinete, um cello... Todas elas ficaram lindas em versões instrumentais, porque são musicalmente brilhantes. Ele, o Edu Lobo e o Guinga são os maiores compositores da MPB no momento, fazem jus ao legado do Tom. Tenho todos os discos dele em CD, gosto de ouvir ele cantando, além de adorar o repertório. Dos trabalhos recentes, *Paratodos* é, para mim, um dos vinte maiores discos de música brasileira de todos os tempos. Devo gravar duas músicas no *songbook* dele."
Ed Motta

"Nos anos 70, eu era muito fã do Chico, me lembro que comprei e curti muito o *Meus Caros Amigos*. Sempre me impressionou muito nele a facilidade da palavra, do verso, e aquela sensibilidade que o fazia entender tão bem a alma feminina. Também admirava nele a crítica contra o discurso oficial, ele tinha uma posição diferente dos tropicalistas, sempre manteve uma independência em relação à elite poderosa. Com essa história de o presidente ter dito que ele estava repetitivo, achei que ele fosse tomar uma atitude mais ousada, foi meio ambíguo o fato de ele ter ido falar no *Fantástico*. Do *Paratodos* só ouvi a faixa-título, gostei da música e do clipe. Estou procurando em lojas o disco novo, quero muito ouvi-lo".
Fred04, do mundo livre S/A

Os incríveis anos 80

por Jaime Biaggio e Pedro Só*

Onda nostálgica faz o rock brasileiro redescobrir sua vocação popular

*Colaboraram Bernardo Araujo, Sergio Martins e Leticia Calmon

Q

PARALAMAS DÃO SUA VERSÃO

"galera Circo Voador
reunindo-se ao lugar onde no
Rio entre 1982 e 86 emergiram
Ruiz, Kid Abelha, Lobão e os
próprios Paralamas.

Naquele momento, a banda
[illegible] um d
entário sobre sua geração
Produzido pela Conspiração
mes, o especial será exibid
25 de dezembro pela HBO. O pr
os de shows, depoimentos d
temporâneos
mo Arnaldo Antunes, Roberto Frejat (Barão Ver-
melho), Dado Villa-Lobos (Legião Urbana), Roger
(Ultraje a Rigor), Leandro Mesquita
(Ritz), além de padrinhos, como Rita Lee e Erasmo
[illegible]

No banquinho em que [illegible]
em Brasília, os Paralamas [illegible]
do Dig e dos Kamikazes) e Dinho Ouro
vocalista do Capital Inicial [illegible]
Mostra Urbana" (do Capital), "Ve
r", Herbert
rocks estranhos que [illegible]
turam a turma. Num sebo da Praça do Ba
o Rio, os Paralamas recebiam
[illegible]
[illegible] tocam, entre outras, "Legal
[illegible]
[illegible]
[illegible]

Em Belo Horizonte, uma versão de "Love Vigilantes", do New Order, chamada "Pra Nunca Mais Partir", ganhou as FMs e ressuscitou a carreira do Uns e Outros, grupo carioca que, em 1989, teve o hit filho único-de-mãe-solteira "Carta Aos Missionários". Estamos procurando gravadora – avisa o vocalista Marcelo Havena. "Pra Nunca Mais Partir" chegou ao rádio pela mão de um amigo de Marcelo, Bruno Gouveia, vocalista do Biquini Cavadão. Seu grupo organizou uma série de shows no Ballroom, no Rio, com canjas de Leoni, Tony Platão, ex-vocalista do Hojerizah, e Selvagem Big Abreu e Avellar Love, dois terços do João Penca & Os Miquinhos Amestrados, talvez a grande banda perdida dos anos 80. "Elas estão ensaiando num estúdio e já têm quinze músicas prontas", conta Bob Gallo, o marqueiro restante, engenheiro mecânico que administra o centro de artigos de uma ferrovia. "De repente, eu gravo o disco também, mas show tá enrolado. A ferrovia acaba de ser privatizada, quando em do Estado dava para conciliar com o grupo."

A PolyGram pôs no mercado há pouco uma caixa com todos os discos do Cazuza (Legião e Paralamas tiveram esse tratamento antes) e a BMG acaba de lançar uma dos Engenheiros Do Hawaii, *Infinito Highway* (veja boxe na pág. ao lado). Logo será a vez do Barão Vermelho (incluindo os discos da Som Livre e RGE). *Mais Do Mesmo*, coletânea da Legião, lançada este ano pela EMI, passou das 500 mil cópias.

DE VOLTA À NEW WAVE

Os paus-de-sebo *Rock Voador* (que, a despeito de trazer os primeiros fonogramas do Kid Abelha, "Distração" e "Vida De Cão E Chato Pra Cachorro", tem como destaque "Brilhar A Minha Estrela", reggae gravado pelo grupo hard rock Sangue Da Cidade) e *Rock Grande Do Sul* (com Engenheiros Do Hawaii, Defalla, Garotos Da Rua e TNT) foram relançados. Na série *Brilhantes*, da Sony, há relotadíssimas de Leo Jaime, Ritchie e RPM. A série *Musical*, da WEA, por sua vez, traz compilações de Barão Vermelho, Ed Motta, Herós Da Resistência, Kid Abelha, Lulu Santos e Ultraje A Rigor. Isso sem falar nos novíssimos discos de remixes de Biquini Cavadão e Capital Inicial (e de *Pop/Rock Remixes*, lançado antes, que recicla, entre outros, Ha-Ha-Ha e João Penca).

Sobra um bocadinho até para as bandas-e-um-sucesso-só. Em 1994, a Sony lançou a coleção *Back To New Wave*, três deliciosos CDs que reuniam os esquecidos hits de Dr. Silvana & Cia., Matogrosso & Mathias, Metrô (cujo primeiro LP foi recolhido também), Radio Táxi, Tokyo e outros grupos. Na ocasião, vendeu quase 100 mil discos. "As músicas do Dr. Silvana (*Hoje Você Não Sai Daqui* e *"Eh Oh"*) ficaram", festeja o vocalista/guitarrista Cícero, que mantém a banda viva fazendo shows.

"VIVA O BLAU-BLAU!"

O rótulo pejorativo *new-wave* deve sua persistência a bandas como Dr. Silvana, Degradê (do hoje megaprodutor Dudu Marote) e Absynthio, cujos hits fugazes não escondiam as "mas" intenções: divertir e se divertir, somente. Guilherme Isnard (ex-*Zero*, roca que viveu os anos 80 em São Paulo, envolvido na cena local, elogia hoje: "Eu nunca poderia dizer isso no meio daquele pessoal que se levava a sério, mas 'Ursinho Bam-Bom' é uma pota música". O sucesso que cantava com ele no hit "Agora Eu Sei", Paulo Ricardo, tem outra teoria. "Havia uma cena de bandas lobinhas, coisas como 'Teca A Mão Pra Ver Se Quica' [do Dr. Silvana]. Mas quem ouvia isso hoje se remete a tudo que aconteceu naquela época."

Carreira atualmente reorganizada em torno do autor romântico Paulo Ricardo, a geração 80 [illegible] tentativas frustradas de ressuscitar o RPM começou a tirar o pé da lama em 1996, justamente com o CD *Rock Popular Brasileiro* (um nonsense quase genial), em que garimpava sucessos como "Me Liga", dos Paralamas, e "Tempo Perdido", da Legião.

Bruno, do Biquini Cavadão, elabora: "Hoje você ouve músicas que estavam na época e lembra com saudade de quanto ficava [illegible] composições [illegible] mesmo as mais ingênuas, que diziam o que a garotada queria ouvir. E as pessoas usavam as letras na vida delas". (tomando-se como exemplo da própria afirmação) – "escrevi 'Tiranossa' para a minha paixão platônica e acabei casando com ela". Bruno encontra em Léo Jaime um aliado na valorização do pop dito "descartável". "Desenvolvemos uma linguagem pop brasileira, fazendo uso do palavrão, recurso ▶

De Porto Alegre a BH

Os Engenheiros do Hawaii estão tendo sua obra completa – dez álbuns – remasterizada e lançada numa caixa, *Infinita Highway*, e devem lançar disco novo no primeiro semestre de 1999. "O combinado é lançar um ao vivo com quatro inéditas, mas já fizemos tantas que pode sair um inteiro de estúdio", conta o líder Humberto Gessinger, de Porto Alegre, onde mora atualmente.

[illegible] do rock dos anos 80?

Eu não sabia colocar o ponto e a vírgula na história. Somos um pouco posteriores, antes de sermos profissionais já havíamos comprado os discos da Blitz. E sempre mantivemos um público independente da economia, estivemos meio imunes ao mercado.

Quais as vantagens e desvantagens que uma banda de rock [illegible] naquela época?

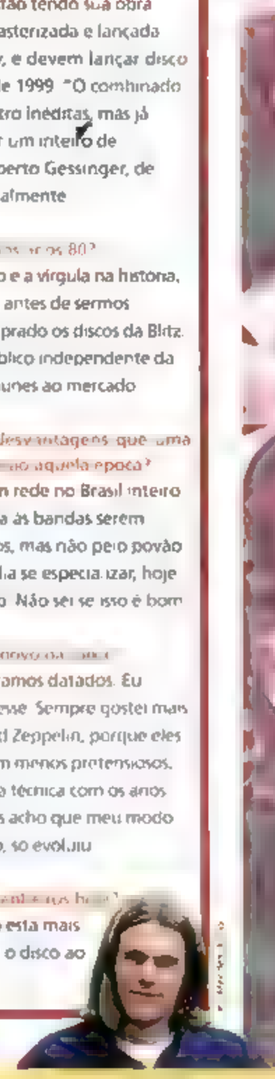
No Chacrinha, você estava em rede no Brasil inteiro. Hoje tem a MTV, e isso facilita às bandas serem aceitas pelas respectivas tribos, mas não pelo povão. Naquela época você não podia se especializar, hoje tem de decidir cedo seu estilo. Não sei se isso é bom.

[illegible] dos CDs do novo [illegible]

Foi engraçado, vê que nós estamos datados. Eu sempre quis que isso acontecesse. Sempre gostei mais de Deep Purple do que de Led Zeppelin, porque eles não queriam ser eternos, eram menos pretensiosos. Adquirimos uma competência técnica com os anos que ninguém imaginaria, mas acho que meu modo de compor não mudou muito, só evoluiu.

Qual [illegible] dos Engenheiros [illegible]

Acho que a maior parte não está mais no Sul. Pensamos em gravar o disco ao vivo em Belo Horizonte.



Eles estão por aí...

Nenhum De Nós

A banda gaúcha está lançando um bom disco novo, *Paz E Amor*, gravado com pitacos de amigos bacanas, como Herbert Vianna e Dudu Marote. Em junho, toca na França. "A imprensa dos anos 80 teve de engolir as palavras. Críticas, tudo bem. Mas as pessoas bacanas deveriam num nível que podia acabar com o ganha-pão dos outros", analisa o líder Theddy Corrêa, que leu muitas e más por ter transformado "Starman" (David Bowie) em "O Astronauta De Mármore", campeã de regravações nefastas (de forró a tecno).

Zero

O cantor Guilherme Isnard está a cara do Antonio Callado. Aos 40 anos, vive a escritor em *Ó Abre Alas*, musical sobre a vida de compositora Chiquinha Gonzaga, que volta aos cartazes no Rio, em janeiro. Gravou jingles, fez [illegible] agem ao injustiçado compositor Luis Antonio (autor de "Mulher De Tinta" e de vários outros sambas gravados por Miltinho).

[illegible] foi até dormir de restaurante. Hoje prepara um CDemo solo numa linha que chama de *cool groove*, mas mandou um recado aos ex-colegas de Zero: "Podíamos nos reunir".

May East

A loura da Gang 90 mora na Escócia desde 1992, numa comunidade auto-sustentável entre as cidades de Inverness e Aberdeen que conheceu a partir do LP tribal *Tabapora*, que lançou em 1988. "Agora toco sanfona, instrumento pitagórico de ondas que reproduz o som dos planetas", diz ela, que gravou o CD *Cave Of The Heart*, distribuído no Brasil pelo selo de Fábio Golfetti, guitarrista do Violeta De Outono (que também voltou).

Hojerizah

O grupo do cult hit "Pros Que Estão Em Casa" também voltou para um show na Factoring, no Rio. O cantor Tony Platão tem gravado demos com Dado [illegible]

Absyntho

O cantor Silvinho, que usou o solerte "Blau-Blau" (por causa do hit "Blau-Blau") vai lançar um CD com regravações dos anos 80.

Villa-Lobos

O baixista Marcelo Lemosa é sócio de um estúdio e lidera uma banda, Rádio Pirata, especializada em Mock (telefone para contatos: 522-4411). O guitarrista Flávio Murrah, agora evangélico, recuperou-se dos problemas psiquiátricos que precipitaram o fim do Hojerizah, em 1990, após confusão que envolveu pugilato com o Uns & Outros.

Dr. Silvana & Cia

Dono da banda, o rebolante guitarrista Cícero Corrêa não perde uma chance de se mostrar ao vivo, mas diversificou. "Jingles, trilhas de teatro, produção, fiz até um remix de Fat Family que está tocando no rádio", informa. Ele não esconde o ressentimento com o mercado: "Titãs e RPM não sacavam muita da coisa, não. Tenho que preferiam tocar antes da gente nos shows conjuntos, porque a gente fazia um som mais poderoso".

importante para quem cresceu sob a ditadura. E era mos uma ponte entre dois mundos", compara Léo "O que tinha importância para a madame também tinha para a filha da empregada, o que era significativo para o Piauí também era para Porto Alegre."

Curiosamente, é Paula Toller escolada em detoração da parte de críticos, quem procura traçar uma linha divisória no terreno do saudosismo. "Há necessidade de se analisar e julgar a produção da época com mais isenção. Mas é ridículo ficar achando que 'tudo era maravilhoso'. 'Ingenuo' pode ser bom e duradouro, 'descartável' ..."

Leandro Mesquita, fundador da Blitz, que também sofreu com o rótulo, tasca sem pestanejar: "Fomos revolucionários. No primeiro disco, havia tamborim e repenique. Houve resistência". E ele partiu mais da minha "roupa rá" visto que a Blitz foi arranhada verbalmente até por Paulinho da Viola e Dorival Caymmi.

Dinho acrescenta uma nuance diferente à fogueira. Graças à nossa geração existe hoje uma infra-estrutura roqueira. Hoje, um produtor tem de conhecer rock". De fato, o estouro da geração 80, com discos bem distantes do padrão MPB, forçou a indústria fonográfica brasileira a se matricular num curso intensivo de produção e de técnicas de gravação. "A grande renovação daquela geração foi tecnológica", opina Carlos Bem, ex-baterista do Kid Abelha e produtor do Biquíni Cavadão. "Nossa contribuição musical não se compara à da Bossa Nova, por exemplo. Houve uma renovação de linguagem nas letras, foi basicamente isso. Mas, em técnica de gravação, produção e arranjo, houve um salto. Os artistas da MPB não se preocupavam com isso."

O caminho, porém, foi longo e cheio de aporrinhações. "No estúdio, você tinha que vencer pessoas que, a qualquer início de discussão, vinham com um 'pô, eu gravo com o Chico *(Buarque, claro)*'", lembra Bruno Gouvêia. "Eles não entendiam que som de caixa era importante, tinha que ser esporrento. As baterias eram gravadas dentro de casinhotas com panos, abafava tudo." Marcelo Sussekind, ex-guitarrista do Herva Doce e produtor de alguns dos melhores discos da geração *(O Passo Do Lui*, dos Paralamas, e *O Rock Errou*, que é quase tão dele quanto de Lobão), tem fama de haver consertado muita coisa para os músicos com quem trabalhava. "Isso é normal, acontece no mundo todo. Mas havia bons instrumentistas, também. Os Paralamas chegavam tocando tudo certo." Produtor atual de Jota Quest, ele livra a cara do Planet Hemp, mas se diz decepcionado com a nova geração. "Mesmo com toda a tecnologia atual, poucas bandas se preocupam com a qualidade sonora ao vivo".

"É ridículo achar que tudo era maravilhoso. Mas o que é ingênuo pode ser bom e duradouro"
Paula Toller

Show era uma aventura sem roteiro", lembra Paula Toller. Ou com roteiro de filme dos Trapalhões, como conta Herbert Vianna. "Logo depois do Rock In Rio, a gente foi tocar em Itabuna *(BA)*. O palco do lugar... era como se o cara tivesse juntado umas mesas de bar. Reclamamos e ele foi dizendo: 'A Blitz tocou nesse palco, Caetano adora esse palco. Pedimos pra ele, pelo menos, pregar umas tábuas em cima. Resposta: 'Não dá, o rapaz que fez isso foi tomar um café'. A gente disse que não ia tocar. Ele chamou a polícia, que acabou nos dando razão e nos escoltou para fora dali. Quando estávamos indo embora, o cara jogou o público contra a gente. Fomos embora fugidos, perseguidos por uma multidão."

Essas coisas aconteciam, claro, quando as bandas chegavam para tocar de verdade. Afinal, "a forma ▶

A crítica errou

A maioria das bandas brasileiras que a imprensa (e particularmente a revista BIZZ) incensava na década passada não conseguiu chegar aos ouvidos do grande público e sumiu sem deixar saudades. "Havia a preocupação de produzir algo mais interessante, mas muitos discos daquela época são ruins mesmo", avalia a comerciante Rosana Munhoz, 42 anos, ex-Mercenárias. O hoje engenheiro de computação Miguel Barella, ex-guitarrista do Voluntários da Pátria, lembra. "Fizemos um show que não durou 10 minutos: os amplificadores estouraram duas vezes. Tudo era amador". Público? Que público? "Era formado por bandas que tocavam nos mesmos lugares que a gente. Uma vez fizemos um show para quatro pessoas no Val Improviso *(bar de travestis, no centro de São Paulo)*. Quando pegamos o dinheiro da bilheteria, cada um tomou um refrigerante." Ao contrário de outros *one hit wonders* ("maravilhas sem sucesso"), o Voluntários deixou um bom disco (lançado em CD). Cultuado pela turma mangue bit, o Fellini engata uma turnê de reunião que começa 17 de dezembro em São Paulo e passa por Goiânia, Brasília e Rio. "A independência tem seu preço, não temos de lamentar a falta de sucesso", defende o vocalista Cadão Volpato, 41 anos. Akira S., 38 anos, ex-Akira S. E As Garotas Que Erraram, que trabalha como operador de sistemas, em Amsterdã, na Holanda, ainda espera ser compreendido, mas discorda: "Todos queriam fazer sucesso. O problema foi de comunicação: a mensagem deveria ter sido passada de forma mais expressiva para que o público a entendesse, como fez o RPM".

A mistura de música e teatro da Blitz abriu o caminho para a geração 80

O Barão Vermelho de Cazuza

Dois momentos de Léo Jaime: 83 e 98

Eles estão por aí...

Diretor da gravadora Trama, Kid Vinil, 43 anos, retomou a formação "clássica" do Magazine com Ted Gaz, Lu Stevenson e Miranda. "Estamos ensaiando há três meses e já temos material novo, mais para o country rock".

Após o final da banda (que teve um sucesso [illegible] em 1987), em 1990 [illegible] na Suécia, onde ficou lá até este ano, e no início de dezembro se uniu ao baterista Ronaldo Pereira (ex-[illegible] produtor do Planet Hemp), ao guitarrista César [illegible]nine e ao baixista Roberto Medeiros [illegible] um show na festa Factoring, [illegible] Black Future.

A ex-cantora do Sempre Livre [illegible] fez três discos solo, estudou [illegible] teve filhos [illegible] do Roseberg [illegible] bum do Barão, e dela e de [illegible] Freijat. "Este ano, a Leila Pinheiro, a Renata Arruda e a [illegible]nova cantora chamada Ana Carolina gravaram composições nossas", conta Buke, que pensa em voltar.

O grupo que [illegible] shows do Kiss e do Van Halen no Rio foi trabalhar nos bastidores. O tecladista e vocalista Renato Ladeira [illegible] carreira como homem de gravadora. O guitarrista Marcelo Sussekind produziu os últimos CDs de Jota Quest e de Luiz Santos (em cujos sons também controla[illegible] P.A.). O baixista Roberto Lly reapareceu há pouco como produtor de Virus.

Hanoi Hanoi

O líder Arnaldo Brandão só de[illegible] criou letras tocadas no gru[illegible] há dois anos. Desde então [illegible] tenta gravar um disco solo. "Mas tive de administrar a of[illegible] oficina mecânica do meu pai e atrasei o trabalho", ressalva. A oficina faliu e Arnaldo, 41 anos, retomou a carreira musical produzindo pagode e rock alternativo (The Cynics).

Além de shows covers, [illegible]ormei a banda The Power Of Jimi, só com Jimi Hendrix, e The Power Of John, em que toco músicas de Lennon" – e uma ou outra apresentação como Hanoi Hanoi.

Atualmente sem gravadora, o autor de "Alguém", "Primeiros Erros", "Rolam As Pedras" e "Eu Te Amo Você" (sucesso na voz de Marina) lançou em 1997 um CD, com seus hits em versão dance. "Tinha umas coisas de DJ, não gostei muito", confessa.

Virginie casou com um diplo[illegible] mata e mora na Namíbia. Há três anos, disse que preferia vende[illegible] pastel e voltar com o grupo. O baixista Xavié é dono de restaurante La Tartine, em São Paulo. O tecladista Yanni tem um bar em Ilhabela (SP); o guitarrista Alec importa instrumentos. O baterista Danny trabalha em peça-cabeça de Bia Lessa, sua mulher.

Os jovens Paralamas (à esq.), a Legião (acima) e Leoni mandando ver no playback

Desplugados e não-pagos

O esquema de sucesso era assim: o artista fingia que tocava e Chacrinha fingia que pagava

Instrumentos sem amplificadores, microfone, uma caixa e um prato para o baterista fazer sua *mise-en-scene*, fitinha com quatro ou cinco sucessos. Esse era o equipamento que a geração 80 carregava para shows em *playback* em clubes de Bangu, Pavuna e outros subúrbios do Rio.

Chacrinha era o rei desse mercado, promovendo "shows" com artistas quentes nas paradas, que tocavam de graça, em troca de aparições em seu programa. "Quem estava começando fazia três, quatro shows para aparecer uma vez na TV", entrega o miquinho Bob Gallo. "Quando o cara era mais famoso, podia fazer um show só." Nasi, do Ira!, resume: "Era a degradação total, o reino do jabá!" Leleco Barbosa, filho e empresário do Velho Guerreiro, vem para confundir: "Havia uma troca de gentilezas. Ninguém era obrigado, mas normalmente quem fazia show participava do programa. Para eles era interessante." Guto Goffi resigna-se: "Sabíamos a importância da TV." "A gente podia exclusividade para o Chacrinha por oito programas. Depois o cara podia ir onde quisesse. Blitz fez isso, Kid Abelha fez isso. A gente programava o cara até ele estourar", acrescenta Leleco. E acredita que, sem estar no Chacrinha, ninguém existia. "Uma vez, chamamos o Ritchie para um show em Volta Redonda – show mesmo, com cachê – junto de Sidney Magal e Alcione. Ele não quis, não queria se misturar. Eu disse: 'Tá bom, não quer, não faz, mas também não vai mais no programa.' Foi a partir daí que ele começou a cair."

mais usual de se divulgar um trabalho na época era o *playback*, Televisivo ou "ao vivo", por clubes de subúrbio, em regime de escravidão (*veja boxe à dir.*). Dentro das gravadoras, a vida também era dura. Diretores artísticos acostumados a lidar com um pop "fabricado", artistas inexperientes, duas de uma [illegible] modelos ladies – [illegible] produção para [illegible] bota-paus homéricos. Leo Jaime não fugia de luta.

Quando estava para lançar o segundo disco, *Sessão Da Tarde* (1985), o cara da gravadora bateu lá em casa: "Tá uma merda. Vamos apagar tudo e [illegible] outro." Ele não topou, era muito ego, como ele quer. Ameaçaram rasgar o meu contrato, mas acabou [illegible] quando o disco do jeito que estava. Do jeito que foi gravado, *Sessão Da Tarde* vendeu 140 mil cópias.

"Queriam que a gente gravasse 'Geração Coca-Cola country'", exalta-se o baterista Marcelo Bonfá. "Essas coisas a gente ficava sabendo por outros, nunca nos comunicar nada. Queriam som de rodinho de pilha, bateria-caixa-de-fósforo. Mas batemos o pé desde o início." A consagração da Legião Urbana no álbum *Dois*, de 1986, foi a prova definitiva de que ninguém tinha a fórmula do sucesso, "focando muscas sem voar o com vocal sussurrado, a banda pulou de 100 mil para 800 mil cópias vendidas.

ENVENENARAM A MOTO DE VITAL

Alguns colegas [illegible] Nos discos, manipular pelas pessoas da EMI no [illegible] direção", admite Herbert Vianna. "Houve imposição de coisas [illegible], aquele papo de 'ou se é o que é bom pra vocês'. *Cabeça Muda* não captou o espírito da banda. Eu tive parte da culpa, convenci o Bi e o Barone a deixarem entrar naquelas coisas. Originalmente, Vital E Sua Moto não tinha o coturno do fim, repetindo o refrão, que foi feito pelos Golden Boys. No [illegible] trecho do 'Vital passou a ser [illegible] total [illegible] redundo porque [illegible] que a música era curta demais.' Com um contrato [illegible] dente da EMI, os Paralamas [illegible] veram o segundo LP, *O Passo Do Lui*, mais livres. Quase todo o disco tocou no rádio.

Mais do que as vítimas do mercado no capitalismo de Terceiro Mundo, os desentendimentos entre as próprias bandas foram as principais causas de [illegible] exceção deus. "Sou muito fatalista nessas coisas", interpreta Herbert. "A [illegible] estão onde devem estar. Se [illegible] que [illegible] trato de um Barão ou [illegible] houve casos como o da Plebe Rude [illegible] um dos discos [illegible] internamente virou um pandemônio, ninguém falava com ninguém. *Veja na pág. 40*

A MATURIDADE AFASTOU O PÚBLICO

Bruno, do Biquíni Cavadão, teoriza bem: "O rock foi moda na década de 80. Hoje não é. E quando você não está na moda, sua exposição na mídia [illegible]. O que então terá determinado o fim do prazo de validade da "moda rock"? Dinho responde: "Toda [illegible] ção causa estafa no público depois de alguns anos. Depois de quase uma década, então, o público diz 'Chega!' E você sofre uma rejeição na mesma intensidade com que foi aclamado."

Essa rejeição, a substituição de Leo Jaime e Leoni por Leandro e Leonardo na TV da época de cair a chegada da maturidade para o rock dos anos 80. No apontado do próprio Leoni, esse entusiasmo para o afastamento do público. "Eu dar para de fazer esse tipo exigia uma certa identidade de [illegible]. A época em que o rock [illegible] uma modinha geral [illegible] momento em que todo mundo estava em busca de [illegible] tros cantores. Os Paralamas estavam mais experimentais; os Titãs grunge; os Heróis vinham com um disco bem pesado. Já não havia mais um meio-termo. Essa identificação, então, se perdeu." Mas toda vez que alguém consegue resgatar o frescor pop dos rocks e rockinhos dos anos 80, o público sai correndo. Para comprar, sim. Mas, sobretudo para dançar, namorar, ser feliz...

Pop é pop mesmo: 8 discos clássicos dos anos 80

Os Maiores Sucessos de João Penca & Seus Miquinhos Amestrados

Obra-prima perdida, jamais lançada em CD. Deboches de rolar de rir. "O Sincero", "M", "Você Roubou Meu Coração" ("Vou para Paris e vou lhe telefonar/ Ligando a cobrar/ "Eu sou o gostosão sul-americano/ Meu bem, você entrou pelo cano") e versões como "Telma, Eu Não Sou Gay" ("Tell Me Once Again"), com Ney Matogrosso, "Eu Quero Ser O Seu Ursinho" ("Teddy Bear") e "Edmundo" ("In The Mood").

***Seu Espião* – Kid Abelha**

A estreia mais deliciosamente imatura do mundo, o mais adolescente dos discos adolescentes. Teclados uêrvis, sax quase onipresente, a vozinha de Paula Toller e muitos sucessos: "Por Que Não Eu?", "Fixação", "Como Eu Quero", "Pintura Íntima"...

***Vôo De Coração* – Ritchie**

Marco do pop nacional, com padrões de produção revolucionários no Brasil. Vendeu mais de 780 mil cópias, impulsionado por canções que explodiram em todo o país: "Menina Veneno", "A Vida Tem Dessas Coisas", "Casanova" e "Pelo Interfone". A faixa-título (regravada por Lulu Santos recentemente) tem a guitarra de Steve Hackett, ex-Genesis.

***O Ritmo Do Momento* – Lulu Santos**

Pop sem vergonha de ser feliz. Elevou Lulu à categoria de ídolo popular, graças a "Como Uma Onda", "Adivinha O Quê" e "Um Certo Alguém".

***Cantando No Banheiro* – Eduardo Dusek**

Traz o histórico "Rock Da Cachorra" ("Troque seu cachorro por uma criança pobre"), que revelou o compositor Léo Jaime. Tem o brilho de Dusek no em "Cantando No Banheiro" e "Quero Te Beber No Gargalo".

***Revoluções Por Minuto* – RPM**

O supra-sumo do tecnopop brazuca: "Rádio Pirata", "Olhar 43", "Louras Geladas". Disponível em CD. Impressionou pelos teclados de Luiz Schiavon e letras politizadas.

***O Passo Do Lui* – Paralamas**

Eles ouviram muito grupos ingleses, como The Beat e Specials... e fizeram um ska melhor, num nível que a turma de hoje só sonha atingir. Tocaram no rádio: "Meu Erro", "Ska", "Óculos", "Assaltaram A Gramática" (com participação de Lulu Santos), "Fui Eu", "Romance Ideal"...

***As Aventuras Da Blitz* – Blitz**

Outro marco inicial da geração 80, já lançado em CD, mas atualmente fora de catálogo. Revolucionário na linguagem bem-humorada, na teatralidade e – sim! – no som também. "Cruel Cruel Esquizofrenético Blues" e "Ela Quer Morar Comigo Na Lua" foram censuradas. Motivos: um "peru de Natal" e um "puta que pariu" muito de leve. O disco foi mandado às lojas com o vinil riscado, como protesto. Inclui o clássico "Você Não Soube Me Amar".

Cante outra vez...

Letras que fizeram história, para o bem ou para o mal

"Não é nossa culpa/ Nascemos já com uma bênção *(capricha no erro da sílaba tônica)* / Mas isso não é desculpa *(rima com culpa)*/ Pela má distribuição"

"Mary Lou, Mary Lou/ Transava até com urubu/ Mary Lou, Mary Lou, botava ovo pelo sul"

"Tudo bem, tudo mal, nosso caso é sensacional/ Leve o clima na batida, vai pintar uma ida/ Nova York, Rio ou São Paulo, pode estar em qualquer lugar/ Com prazer de te querer/ Não me iluda/ Vou te esquecer/ Você me perturba *(rima com iluda, veja só)* sem perceber..."

"São 10 pr'eu ficar louca/ Daqui a pouco posso piraaaar"

"Cheia de blush, naquele rush/ Toda tchan pro meu galã"

"É a última moda que chegou de Nova York. E deve ser bom, como tudo que vem do Norte/ (...) Vai pegar, e vai pintar até na novela das oito/ E você vai *cupiar*, *cupiar* vai cupiar, vai cupiar, vai cupiar/ Aids, não tente colocar band-aids *(coff coff)*

"Choveu no meu chip/ Mas que tristeza sem par/ Choveu no meu chip/ Não posso mais computar"

"Lá pelas nove eu passo lá/ Naquele lance, pra te pegar/ Tô numa de te azarar, gatinha/ O sol tá quente, a praia tá cheinha"

"Bip-bip, meu amor/ Sou um computador/ Cheio de programações para fazer com você/ (...) Sei que você namora/ Um videocassete metido a gostosão/ Mas larga o cassete, porque ele tá ligado numa televisão"

O Kid dos anos 80 (à esq.) e Paula hoje: sucesso após mais de uma década

Heróis da resistência

Há dezesseis anos, nada tira o bravo pop do Kid Abelha do topo das paradas de sucesso

Uma das principais habilidades do Kid Abelha é contrariar as mas-línguas. Quando o baixista e principal compositor do grupo, Leoni, deixou a banda em 1986, a aposta era de que o recém-trio sentiria forte sua ausência. Logo se viu que Paula Toller (voz), Bruno Fortunato (guitarra) e George Israel (saxofone) eram duros na queda. O Kid aguentou firme, sempre lançando discos e singles eficazes nas rádios.

Nos anos 90, quando a aposta era de que o pop leve do Kid não resistiria a tempos mais "sérios" (ou brutalizadamente grunge), ele só fez crescer. Lançou *Meu Mundo Gira Em Torno De Você*, reviveu o sucesso "Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda (Casinha De Sapê)", de Hyldon, pôs na rua um disco de remixes e, somando os dois, vendeu 800 mil CDs. Assim como nos Titãs, uma mistura de sucessos e novidades.

O conforto do sucesso faz com que a banda se sinta mais livre ao lançar disco novo. *Autolove*. Contrariando a fórmula de que em time vencador não se mexe, Paula, Bruno e George não registraram nenhuma música que não fosse inédita. "Para gravar cover a gente tem que ter muita identificação, e hoje podemos fazer isso só se quisermos", diz Paula, que lançou há pouco um trabalho solo. Outra diferença em *Autolove* é a volta da presença do saxofone de George, uma das marcas registradas da banda. "Estive tão envolvido com as composições e a produção *(no lado do baterista Kadu Menezes)*, que não pude me dedicar tanto ao sax", conta George, lembrando que a canção precisa "pedir" o instrumento. Por outro lado, a filosofia essencial do grupo está mantida. "Como sempre, procuramos soar neste disco, um pouco diferentes do que fomos no anterior", garante o saxofonista, que hoje em dia também se responsabiliza por vocais e violões. Ele ressalta que a banda não vê o sucesso como uma mudança de nível. "Não vamos apostar em mais um grande sucesso, até porque não sabemos como estará a situação econômica do país ao longo de 1999.

George atribui o crescimento na popularidade do grupo a um movimento muito comum do disco *Meio Desligado*, de 1995. Sem a ajuda da MTV ou da gravadora, e quando isso não estava tão na moda aqui no Brasil, fizemos um disco e uma turnê acústicos", lembra ele. A banda ficou feliz com os resultados – musicais e financeiros – obtidos e se motivou ao compor as canções de *Meu Mundo...*, que acabou levando o Kid Abelha a seu momento de maior sucesso. "Até hoje tocamos lotado no Metropolitan (*Rio*), e agora todos os nossos shows são lá", conta Paula.

O indescartável

Leoni e Leonardo shows acústicos

Você acha constrangedor aquele refrão "fazer amor de madrugada/ amor com jeito de virada", de "Pintura Íntima", primeiro hit do Kid Abelha? Bem, Leoni é o culpado, acha. "Detesto aquilo. Já detestava na época. Procurei outra rima até o último segundo, mas estávamos em cima do prazo para fechar o disco", lamenta ele, em seu único comentário autodepreciativo. O que mais incomoda Leoni é o termo "pop descartável". "'Lágrimas E Chuva' é quase um bilhete suicida. 'Como Eu Quero' fala de fascismo emocional", argumenta. Ele saiu do Kid após o segundo LP, *Educação Sentimental* (de 1985), por razões pessoais (a separação de Paula Toller, então sua mulher) e profissionais (desejo de cantar as próprias composições). Seu segundo grupo, Heróis Da Resistência, emplacou "Só Pro Meu Prazer" e "Dublê De Corpo", mas não sobreviveu aos anos 90. "Nosso segundo disco foi carríssimo, teria de vender um milhão pra se pagar. No terceiro, a banda já estava por baixo na gravadora." Aos 37 anos, Leoni faz trilhas para peças e administra o estúdio Gorila Mix. Lançou ano passado o single "Tudo Sobre Amor E Perda" pelo selo Geléia Geral, e vai continuar insistindo. Deve soltar álbum no ano que vem. "Gravei agora com o George *(Israel)* e quero ver se chamo o Frejat e o Dado para fazer mais coisas."

Para a arquibancada

Nascidos em meio ao underground paulistano, os Titãs comemoram quinze anos de carreira no auge da popularidade

Rui Mendes

Além dos modismos e das nostalgias, os Titãs seguem populares como nunca

Por: Bernardo Araujo

O cantor Paulo Miklos será o primeiro titã a completar 40 anos, em janeiro. Ao todo, os sete músicos já somam treze filhos, encabeçados por Nina – do primeiro casamento do guitarrista Toni Bedotto –, uma moça de 17 anos. E quanto mais o tempo passa, mais sucesso. Assim como Paralamas, Kid Abelha e Barão Vermelho, o grupo paulistano estourou o caixa após passar a marca dos quinze anos de estrada. O disco *Acústico*, de 1997, vendeu 2 milhões de cópias e rendeu uma turnê de 170 shows, puxado, é verdade, por regravações de antigos sucessos, mas também por canções antes desconhecidas como "Para Dizer Adeus" (*faixa do disco* Televisão *de 1985, a gravação original tinha uma levada de reggae e os vocais eram feitos pelo baixista Nando Reis*) e quatro músicas inéditas: "Os Cegos Do Castelo", "Nem Cinco Minutos Guardados", "A Melhor Forma" e "Não Vou Lutar".

Volume II, o CD seguinte do septeto paulistano, saiu há três meses e já é disco de platina, com mais de 300 mil cópias nas prateleiras dos fãs. Acima de qualquer *revival* e por cima da carne-seca entre adolescentes, tiniões, jovens de classe média urbana e frequentadores de touts agropecuários, os Titãs falam sobre sucesso, popularidade e os destinos contraditórios da geração 80.

Que porcentagem do sucesso de *Acústico* se deve às regravações de velhos sucessos?

Sérgio Britto: 60, 70 por cento.

Marcelo Fromer: Quantas músicas novas eram? Quatro, né? Acho que foi proporcional.

Paulo Miklos: No rádio foram as músicas inéditas que estouraram... A gente bateu pó nesse ponto. O normal do projeto é você só regravar e a gente fez questão de mostrar inéditas. Tem também o tratamento que a gente deu às músicas. A primeira música de trabalho, "Pra Dizer Adeus", era uma regravação com tratamento de inédita, era totalmente desconhecida.

Fromer: Isso quer dizer que a divisão do repertório é de 50% para cada lado.

Vocês acham que o reencontro com a popularidade tem a ver com uma retomada do aspecto "popular" e n[illegible] seu trabalho como um todo?

Britto: Com certeza. Poderia não ter acontecido nada, mas a gente *fez* um movimento generoso nesse sentido, querendo nos comunicar mais, levando em conta as coisas que, na nossa música, são de mais fácil comunicação.

Fromer: Não que a gente tenha trazido elementos de outros ambientes para dentro da nossa música. A gente viu dentro da nossa obra, das coisas que a gente faz e fez, coisas que têm um maior apelo popular.

Britto: Mesmo em discos que não venderam muito, como no primeiro, já se via bem essa vontade.

Fromer: A gente se preocupou muito com as letras, com o que se está falando. Acho que esse projeto pela maneira como ele foi vestido, ajudou as pessoas a entenderem mais o que a gente está dizendo. Quando você tira um pouco da sonoridade [illegible] dessas mensagens são mais bem compreendidas.

Britto: Uma grande canção não é só uma boa letra e uma boa melodia. É importante também um bom tema. Isso distingue a música de um [illegible] que marca a canção. A gente teve muito isso [illegible] esse repertório. Se você olha o disco, há [illegible] de canções de amor ou duas ou três [illegible] falam de temas específicos e a gente sempre teve muita atenção [illegible]

▶

Os Titãs do le-le-le sofreram patrulhas na época, e hoje são a mais popular das bandas. Por que? Voces não se afinavam muito com artistas underground como Fellini e Akira S.?

Miklos – Talvez essa patrulha seja uma coisa de quem inventa. Uma turma tinha uma ligação com essa coisa independente, de gueto, fechada. Quando você sai do gueto, isso é pessimo para a imagem na turma.

Fromer – A proposta da banda sempre foi tão caótica que a gente se permitia ser alternativo também, além de diversas outras coisas. A gente surgiu tocando em casa de chá, em casa punk, dando tiro para tudo quanto era lado. O que a gente queria era aparecer, não rolava nenhum grilo com os programas de auditório, aquilo era um barato para nós como é até hoje.

Britto – Toda banda quer isso. Só que nem todas têm um tipo de trabalho que permite esse trânsito por vários tipos de publico. Ninguém faz canções para só um tipo de publico gostar.

Miklos – A gente deu guinadas estéticas na carreira muito radicais. Depois de uma unanimidade nacional como *O Blesq Blom*, a gente fez *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*.

Britto – Existia a desse de que seria um grande sucesso. A gente não teve a intenção de alastar ninguem. Fez por necessidade artistica e querendo que todo o mundo gostasse.

Miklos – Com grandes sucessos, como "Amor, Eu Quero Te Ver Cagar" (*risos*).

Fromer – Nesse começo, os independentes eram um movimento muito legal, as pessoas conheciam-se, um gas, acho que eles mesmos foram sacando que quando você não consegue ultrapassar determinada barreira você cria um estereotipo para dizer que não queria ter chegado até lá.

Miklos – Os Racionais, por exemplo, têm uma postura assim. Só que o trabalho deles é de uma qualidade tal que transcendeu essa história do gueto. Mesmo eles não querendo, o playboy de quem eles tanto falam é público deles.

Fromer – Eles não devolvem a grana quando um playboy compra o disco, devolvem?

Como foi o encontro de voces com o Molejo?

Fromer – O Molejo gravou uma musica nossa, "Família". É o nome do disco deles. Somos de divisões diferentes da mesma gravadora, e eles quiseram que a gente ouvisse a versão, que aliás é muito legal, um ótimo arranjo. Uma semana depois de ouvirmos, participamos, nós e eles de um mesmo show ligado a uma rádio, aqui em São Paulo. Eles nos chamaram, tocamos todos juntos e foi muito legal. Eles são uma banda de pagode que não faz exatamente esse pagode romântico, tem uns ritmistas legais, o Anderson é um grande malandro, no bom sentido. No palco a gente viu que não é brincadeira, os caras são muito bons.

Paulo Miklos no zinguidum com o grupo carioca Molejo

O publico de voces é parecido com o deles?

Britto – Parece que não é, não! Mas quando convidamos o Katinguelê para participar do nosso show no Olympia, eles começaram a cantar um dos sucessos deles e muita gente cantou junto.

Fromer – Existe um publico que é o que ouve rádio e gosta de sucessos. O que toca muito eles curtem, o lance não são os estilos, são os sucessos. Adoro isso.

Miklos – É bom que não exista mais tanto esse publico especifico, que seja mais aberto.

Fromer – O pagode hoje é musica pop. A banda Eva além do ser uma banda de axé, é uma banda pop. A Radio Jovem Pan, por exemplo, que é uma rádio pop toca Jota Quest, Titãs, E O Tchan!

Britto – O samba é o nosso rhythm'n'blues, é normal que ele participe do pop.

Por que é que artistas como Leo Jaime e Roger (*cantor e líder do Ultraje A Rigor*) não conseguem mais gravar, enquanto outros surgidos nos anos 80 estão bem?

Fromer – Acho isso impossível de se avaliar. Isso é muito particular de cada artista, envolve a vida pessoal dos caras. Claro que em todos os segmentos existe uma triagem natural, mas não acho que o Roger, por exemplo, não tenha qualidade. *Nós Vamos Invadir Sua Praia* (*primeiro disco do Ultraje*) é um marco para mim.

Miklos – É complicado. Tem a ver com o percurso de cada um durante os anos. É um pouco a velha história de se matar um leão por dia. Você precisa produzir, errar, ter altos e baixos, mas a sua carreira precisa existir.

Britto – Mas é curioso mesmo, porque na minha opinião, depois do *Cabeça Dinossauro*, naturalmente *Nós Vamos Invadir Sua Praia* é o melhor disco de rock nacional.

Fromer – A economia do país também influi nisso. O Brasil é um país tão maluco que uma crise pode matar a carreira de alguém, assim como um momento bom pode catapultar um artista. Mas agora as pessoas estão aprendendo a ressuscitar. O Gabriel, por exemplo, depois daquele segundo disco (*Sou Louco*, *O Começo, de 1995*), disseram que ele estava acabado. Acabado o carete! O cara tem talento e as portas se abriram para ele na marra. Quer dizer, a qualidade conta, sim, e muito, é o principal fator. O Paulo Ricardo, por exemplo, resolveu agora um problema de encaixe metodologico. Ele descobriu o que era obvio. Eu mesmo já falei para ele: "Você é um grande cantor romântico, um galã". Ele tava inseguro, meio patinando. Quando caiu na veia certa, foi embora, pois ele é bom, canta bem, compõe bastante.

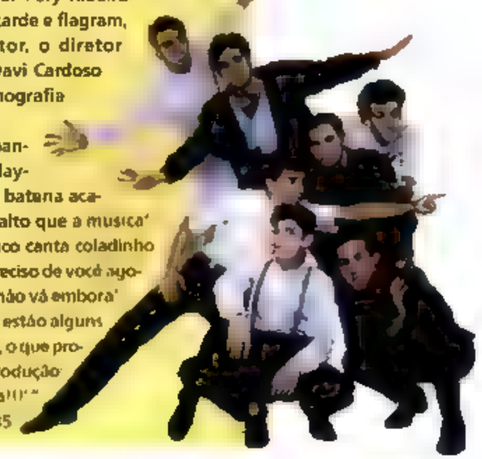
Miklos – O Ritchie é uma historia estranha, ...

Parece que foi hoje...

"Ao começar a gravação (*da Hebe*), Branco é o unico a deixar a lanchonete para sentar-se, no estudio, ao lado do veterano cantor Pery Ribeiro. Os outros sobem mais tarde e flagram, através de um monitor, o diretor de pornochanchadas Davi Cardoso dissertando sobre pornografia e malufismo.

Charles vai dublar de pandeiro na mão: 'Aqui o playback é muito baixo e a bateria acaba soando muito mais alto que a musica' (...) Enquanto isso, Branco canta coladinho na apresentadora: 'Eu preciso de você agora, por favor meu bem, não vá embora' As gargalhadas de Hebe estão alguns decibéis acima da musica, o que provoca alguns gritos da produção: 'Arranca o microfone dela!!!'"

BIZZ Nº 1, agosto de 1985



Dinhe no Ballroom (Rio), de volta e em forma

Rock até morrer

Fé, Loro, Flavio, Dinho (à... juntos nov...

Capital Inicial volta carregando a bandeira da turma de Brasília

...o Martins

O [illegible]

Atras Dos Olhos foi bem acolhido pela crítica. Você ficou surpreso?

Dinho Ouro Preto – Cara, estou até meio preocupado com essa boa repercussão. Se todos os jornalistas gostaram, acho que pode ser um fiasco (*risos*).

Bem, acho que o público não esperava que a gente fosse afirmar o rock brasileiro com esse disco – esperavam um trabalho de versões, brega, dance, acústico sei lá! E as pessoas não só gostam do Capital, como também estão desgostosas com os caminhos que outras roqueiras da nossa geração tomaram. Fica embutida aí uma "piradinha de orelhas" em nossos companheiros, que optaram por caminhos menos legais.

O *revival* dos anos 80 não deveria ser uma referência ao rock das bandas da atual década? Que não prima por boas melodias, por exemplo.

Não existe texto, não é? O Alvin (*L., letrista "titular" do Capital Inicial e autor de diversos sucessos da cantora Marina*), tem a teoria de que nós seríamos a geração de conteúdo, em oposição a essa de hoje. Mas eu sinceramente não sei. A cultura pop tem um movimento "pendular". Hoje estamos vivendo o começo de um processo de acomodação. Raimundos e outros artistas com som mais pesado ou grunge vão passar pelo que a gente passou há seis, sete anos, ou seja, um período de baixa. É uma pêndula!

Vocês tocam "Até Quando Esperar" da Plebe Rude, nos shows. Pretendem gravá-la?

A intenção é forçar a Plebe a voltar. Os reis do marketing cultural no Brasil – Caetano, Gil – são pródigos em jogar confete um no outro. O rock de Brasília é muito mais importante do que a gente imagina, mas sempre foi alimentado por uma rivalidade entre nós. Ninguém se gostava e isso nos enfraqueceu. Acho que o rock de Brasília é tão importante quanto a Tropicália. Sinto muito, você não pode falar da cultura brasileira sem falar da nossa turma. A gente não precisa ter complexo de vira-lata ou passar a fazer MPB para ser respeitado. Não, cara, é rock. Rock puro, rock de Brasília. Eu vejo *Atras Dos Olhos* como um manifesto em favor da nossa geração.

Por que a reunião da Plebe ainda não deu certo?

Um dos motivos é que o André X (*baixista*) começou a trabalhar como funcionário público. O outro é que as brigas ali foram piores que as do Capital. O Gutie Ramos (*baterista*) saiu no tapa com o André; Aneliza (*guitarrista e vocalista*) foi despedido pelo telefone pelo Philippe Seabra (*também guitarrista e vocalista*). Eles nunca voltaram a se falar novamente – pelo menos face a face. Mas eu não desisti dessa volta, espero que a Plebe tome consciência do poder de suas canções.

Ao vivo, o Capital também toca "Que País É Este", lembrando a banda em que essa música surgiu, o Aborto Elétrico. Há planos de outras homenagens às bandas de Brasília?

Sim. Estamos planejando incluir nos shows uma canção do Finis Africae – talvez "Armadilha" –, queria tocar "Luzes", da Escola De Escândalos. Tenho o sonho de fazer um grande concerto de rock em Brasília. Chamar todo mundo, cada um toca uma música.

Em que pé está o livro que você está escrevendo sobre o rock de Brasília?

Ele deve sair na metade do ano que vem. Ali eu dou minha versão sobre as histórias da Turma Da Colina (*o coletivo das bandas de rock candango*), da minha entrada no Capital e de como conheci o Renato (*Russo*).

Como foi trabalhar em Nashville com o David Z?

Eu fui quem mais hesitou em gravar lá fora. Achava que o rock brasileiro tem peculiaridades que o tornam diferente do americano. Então o Brian (*Butler, diretor artístico da Abril Music*) trouxe os discos novos que o David Z fez: um do Jonny Lang (*bluesero adolescente*) e outro do Buddy Guy (*lenda negra do blues, ídolo de Eric Clapton*). Eu fiquei impressionado, a gente deu o OK e o David mandou o currículo dele. Aí, foi assim: "Poxa, crescemos ouvindo a produção do David Z".

Mas qual foi a maior contribuição dele para o bom resultado de *Atras Dos Olhos*?

No Brasil, os caras têm obsessão pela correção. Você tem de fazer de novo até acertar. Perde-se o sentimento, a espontaneidade. Nos EUA, se o David Z achava que tinha a energia necessária – mesmo com erros – matou. Eu fiz as vozes em dois dias, todas ao vivo.

Foi lançado recentemente um disco de remixes do Capital. O que achou do resultado?

Não. A gente nem participou do projeto, foi apenas avisado pela gravadora. Achei bom o remix de "Fogo", mas "Fátima" ficou um horror! Queria que a PolyGram relançasse nossos primeiros discos.

Você mexeria naqueles LPs?

Eu preferiria que fossem lançados daquele jeito mesmo, uma tosquice do cão. As vezes ouço os discos e fico encabulado. Eu canto tão mal!

O que você espera do novo disco em termos de retorno de público?

Bem, estamos no dez mil lugar em execução nas rádios de São Paulo e tem novo pagodeiro na nossa frente. A gente cresce ou fazendo rock e vai envelhecer fazendo rock.

A Turma da Colina

Trechos do primeiro capítulo do livro sobre o rock de Brasília que Dinho Ouro Preto está escrevendo

Dinho narra as descobertas dos jovens de Brasília

"A banda era formada por três garotos, que, apesar de muito jovens, eram um pouco mais velhos do que eu. Era fácil reconhecê-los: cabelos espetados e colondos, roupas que estavam mais pra pano de chão e uma quantidade tão grande de alfinetes que provavelmente nenhum deles passaria num detetor de metais. (...)

Dado (*Villa-Lôbos*), Pedro (*Ribeiro, irmão de Bi*) e eu passávamos o tempo na quadra, andando de skate, jogando bola e, claro, experimentando drogas. Aos poucos íamos provando um pouco de tudo. Maconha, benzina, cola, cogumelos, qualquer coisa que nos caísse nas mãos e produzisse algum efeito, ótimo. De um modo geral podia se dizer que estávamos caminhando para o desastre certo. (...)

Se eles achavam que eu ia simplesmente me entregar como quem entra numa seita, mudar meu cabelo, minha roupa, jogar meus discos pela janela, eles estavam redondamente enganados. Mal sabia eu que era exatamente isso que ia acontecer. (...)

Havia duas bandas principais, o Aborto Elétrico e a Blitz 64. Apesar de a Blitz ter uma certa energia animal, o Aborto tinha mais musicalidade. O Aborto também se outorgava o título de primeira banda punk do Brasil. Segundo testemunhas, em 78 eles já tocavam, embora com outra formação. (...)

Para a nossa surpresa fomos bem recebidos. "Esse é o Fê, esse é o Flávio", se referindo aos dois irmãos que tocavam baixo e bateria no Aborto. Havia dois outros irmãos que tocavam juntos na outra banda, o Geruza e o Loro, respectivamente baixo e guitarra. (...)

Fomos apresentados com uma reverência quase religiosa a um sujeito que a princípio não causava grande impressão, ele era macérrimo, com um cabelo meio bombril, óculos fundo de garrafa e uma roupa alguns números maiores que o seu. Eu já o reconhecera como o vocalista e guitarrista do Aborto, agora eu sabia seu nome: Renato Manfredini. (...)

A escola não era longe, algumas quadras abaixo, então íamos a pé. Assim que saíamos da vista do nosso prédio, desviávamos o caminho e íamos em direção ao matagal do outro lado da L2. Nas proximidades havia algo muito comum à cidade: uma obra inacabada. (...)

O ponto acabou se tornando um local de peregrinação. Toda manhã nos encontrávamos lá para matar aula. Quando chegávamos, em geral pelas sete da manhã, lá já estava o resto da turma, Pedro, Bebebe e Pingay. E assim passávamos as manhãs, tomando sol, jogando conversa fora e fumando maconha. Muito edificante."

"Não esperavam que fôssemos reafirmar o rock"

Dexter, Greg, Noodles e Ron: o Offspring mexe no lixo da cultura americana

OFFSPRING estraçalha "Feelings", de Morris Albert, a deboche do Ratinho da TV americana

Punk é brega

por Daniel de Oliveira, de Los Angeles, EUA

Em seu quinto álbum, *Americana*, o grupo californiano Offspring tempera a pancada punk com melodias pop e aborda o lado trash da cultura dos Estados Unidos. "McDonald's, caminhões enormes e, acima de tudo, Jerry Springer", lista o vocalista Dexter, mencionando o apresentador de um popularíssimo *talk show* que promove baixarias na televisão (Nota do editor: o equivalente ao nosso Ratinho). "Acho esses programas uma tristeza, mas tenho uma mórbida fascinação por eles. A música 'Why Don't You Get A Job?' fala sobre isso diretamente", completa Dexter.

A canção "Pretty Fly (For A White Guy)" menciona Ricki Lake (apresentadora que inspirou o hoje – felizmente – extinto programa *Marcia*, no SBT), e é um dos destaques do disco: usa na introdução um sampler vocal de "Rock Of Ages", hit do grupo inglês Def Leppard nos anos 80. Traz também um divertido trecho em espanhol, mais um item hispânico na receita do Offspring, que batizou seu disco anterior como *Ixnay On The Hombre* e gravou "Demons (A Mexican Fiesta)", no álbum *The Offspring*. "Além da grande influência cultural do México na Califórnia, tenho laços de família, meu pai é de origem mexicana", explica Noodles, desde moleque acostumado a cruzar as fronteiras para surfar, comer tacos autênticos e beber muita cerveja.

Para os brasileiros, a maior surpresa de *Americana* é a versão rápida e pesada de "Feelings", o hit brega dos anos 70 composto por Morris Albert. Os sentimentos *(feelings)* da letra foram adulterados: eram *of love* (de amor), viraram *of hate* (de ódio). *"Feelings like I want to kill you"* ("Sentimentos como o de eu-quero-te-matar"), canta Dexter. "Esta música é tão emocionante e melódica que tínhamos de fazer uma cover", diz Noodles. "Era a mais brega que a gente poderia pensar", classifica Dexter.

Ninguém no Offspring sabia que o compositor desta pérola era brasileiro, o coisa-nossa Maurício Alberto (ver boxe na pág. 23). "Obrigado pela informação. Agora já sei o que falar às pessoas", diz Noodles, após uma boa risada. Dexter brinca, avisando que pretende convidar o brazuca para participar do próximo clipe da banda: "Quando ouvir nossa versão, ele provavelmente vai ficar horrorizado e cair no choro!"

Brincadeira à parte, os Ramones continuam sendo uma grande inspiração para o Offspring, que regravou a clássica "I Wanna Be Sedated" para a comédia *Idle Hands*. O filme, que estréia ano que vem, vai mostrar o quarteto tocando numa festa colegial. ▶

Dexter, Greg, Ron e Noodles. "O punk é melhor sem badalação"

Steve Double/Retna

"Quando ouvir nossa versão de 'Feelings', Morris Albert vai ficar horrorizado"

Lá se foram os dias de superestrelato do punk rock californiano. Em 1994 e 1995 grupos como The Offspring, Green Day e Rancid invadiram a grande mídia em diversos países. Houve quem interpretasse como ironia: a rebeldia punk sendo acolhida por jovens de diversas tribos e classes sociais. Hoje, porém, a situação é diferente. Com as cantoras pop e o rap voltando a dominar as paradas nos Estados Unidos e com o rock se expandindo em fusões com o som industrial e o hip hop, os grandes nomes do punk estão gradualmente voltando a seu status original. "Eu não gostava muito daquela badalação. O punk estava em todas as manchetes de jornal", lembra Noodles. "Aquilo era meio falso porque o gênero tem sido underground há mais de vinte anos."

Em 1994, o Offspring vendeu 11 milhões de cópias do álbum *Smash*, levado pelos hits "Come Out And Play", "Self Esteem" e "Gotta Get Away". *Ixnay On The Hombre*, lançado ano passado, vendeu 3 milhões. E se o trabalho novo *Americana*, vender ainda menos? Seria uma prova definitiva da queda do chamado pop punk? "Não nos preocupamos com isso", diz o guitarrista. "Acho que sempre vamos despertar interesse, mas nunca alcançaremos o sucesso de *Smash*. Se *Americana* vender um terço do que vendeu *Ixnay*, ainda é um milhão. Muitos sonham em vender isso."

O Green Day foi o único da turma a se manter no topo das paradas, mas graças a uma canção acústica, "Good Riddance (Time Of Your Life)". "Não acho que os caras do Green Day tenham feito essa balada para tocar no rádio. Mas, sei lá, posso estar sendo ingênuo", observa.

O Offspring se formou em 1986, em Orange County, município vizinho de Los Angeles, na Califórnia. Após algumas mudanças de formação, se estabilizou com Noodles (seu nome real é Kevin Wasserman), o guitarrista/vocalista Dexter Holland (Bryan Holland), o baixista Greg Kriesel (Greg K) e o baterista Ron Welty. Ninguém sabia tocar, mas arriscamos alguns instrumentos e montamos a banda", lembra Noodles.

Inspirados por grupos locais, como FSOL e Adolescents, os quatro amigos financiaram em 1987 o compacto *I'll Be Waiting/Blackball*. Pelo selo Nemesis, lançaram em 1989 o LP *The Offspring* e em 1991 o EP *Baghdad*. Esses discos despertaram o interesse do selo punk Epitaph, comandado por Brett Gurewitz, ex-guitarrista do Bad Religion. Contratado, o quarteto lançou em 1992 o álbum *Ignition*.

O sucesso pintou dois anos depois, com *Smash*, o disco mais vendido de todos os tempos por uma gravadora independente. Mas, após uma briga com a Epitaph, o Offspring foi para a Sony. Mesmo contando com nomes como Rancid e Pennywise, o selo não conseguiu estourar nenhum outro grupo e Brett teve problemas com heroína. "Foi por isso que saímos de sua gravadora. Mas encontrei com ele há pouco tempo e jantamos juntos. Ele está limpo e saudável", conta Noodles.

Em agosto de 1997, quando o Offspring veio ao Brasil, o guitarrista estava com inflamação pulmonar. "Foi difícil se mover no palco", lembra. Ainda assim, os shows foram incendiários. De cama no hotel, Noodles pôde ver seus companheiros se divertirem no Rio. Greg e Ron dançaram até em cima das mesas no Rock In Rio Café. Impressionado com o tamanho de São Paulo (onde o Offspring tocou duas noites, num Olympia lotado) ele não vê a hora de voltar ao país de Morris Albert e finalmente aproveitar.

Maurício Alberto: sucesso e processo

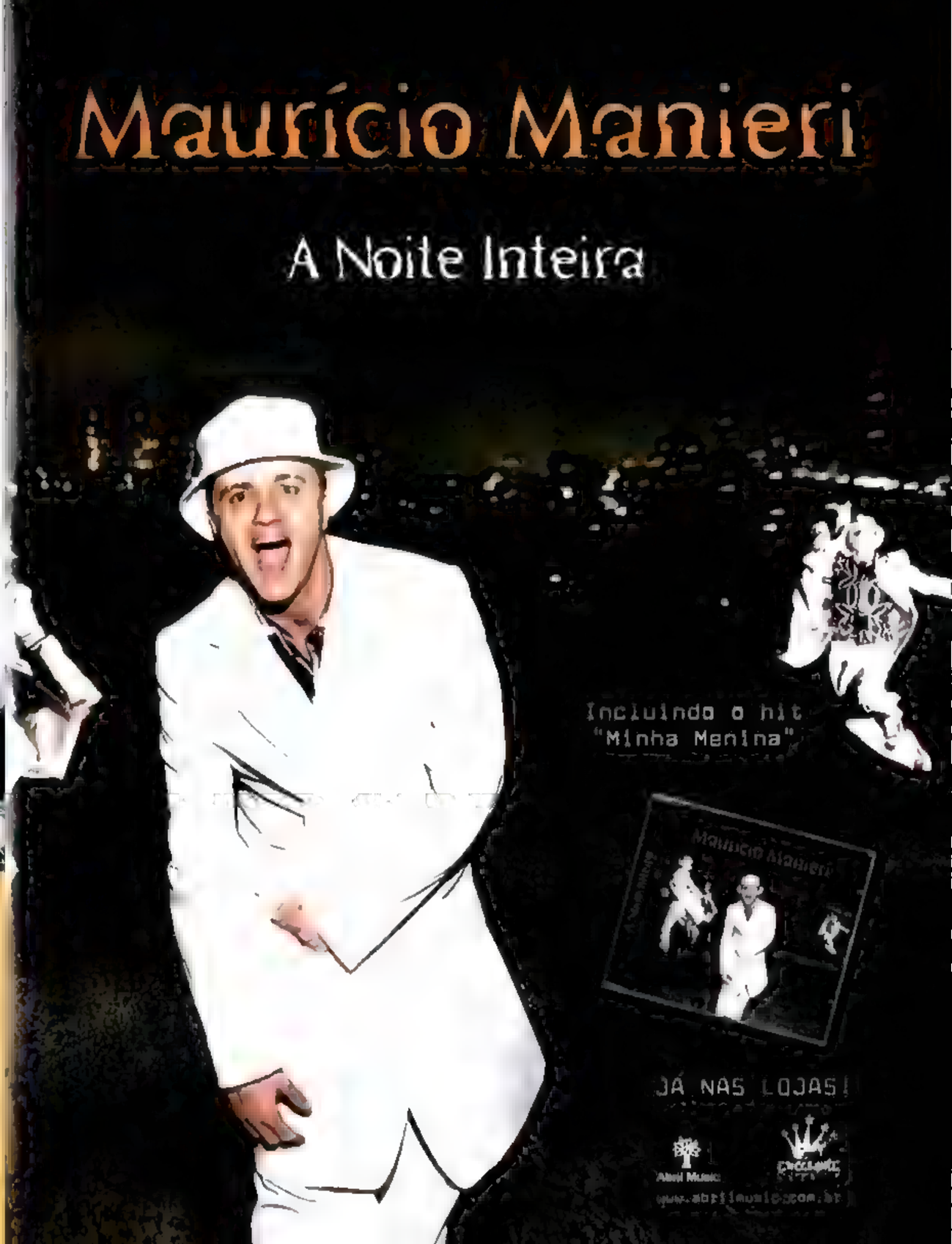
Sentimentos plagiados

Lançada na trilha sonora da novela global *Corrida Do Ouro* (de 1974), "Feelings" transformou o carioca Maurício Alberto Kaiserman, então com 23 anos, no ícone brega Morris Albert. Fã de Ray Conniff (o maestro de nove entre dez consultórios dentários do planeta), Morris estudou inglês na Columbia University, em Nova York, entre 1969 e 1972 e, na volta ao Brasil, passou a ensinar o idioma até compor sua marca registrada.

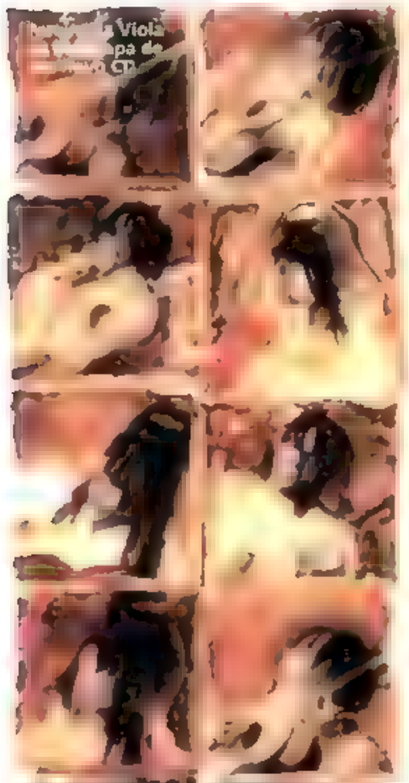
Na época, declarou que o inglês seria a única língua capaz de transformar um brasileiro em astro internacional. "Mas me considero um produto essencialmente nacional", disse à *Veja* em outubro de 1974. "Feelings" teve mais de 4 mil versões e foi traduzida para 24 idiomas. É considerada a música mais regravada do mundo", até Frank Sinatra e Ella Fitzgerald a cantaram.

Morris morou nos Estados Unidos, na Itália e nas Filipinas. Mas sua carreira derrapou em 1987, quando o compositor francês Louis (Loulou) Gasté – autor de músicas gravadas por Edith Piaf e Yves Montand – acusou o brasileiro de plágio. "Feelings" seria "Pour Toi", composta por Gasté em 1957. O francês ganhou a causa na França e nos EUA. Apesar de ter pago a Gasté mais de 3 milhões de dólares, Morris continuou negando o plágio.

Em 1996, ele lançou – sem sucesso – *Live 96 Revival*, disco ao vivo. Hoje, aos 47 anos, mora no Canadá, onde tem um estúdio e compõe trilhas para filmes.



Mande suas demos e CDemos para:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP



Moda caseira

[illegible] tantos [illegible] coleção histórias sobre violas pelos rincões brasileiros. Nascido há 30 anos em São [illegible], Mato Grosso, [illegible] especializou-se em [illegible] Sul. Voltou aos 20 para [illegible] Alegre (MG) e [illegible] Depois de [illegible] Goiás, [illegible] Com 28 [illegible] morar numa [illegible] Em [illegible] Nacional selecionado a Vogel para [illegible] meio. Esteve no Acre, conheceu tribos indígenas e passou pelo Mato Grosso onde assimilou duas [illegible] ções do modo de tocar viola – o raspado e o [illegible] Com [illegible] de [illegible] os [illegible] quintos [illegible] que [illegible] os [illegible] Depois [illegible] Goiás, [illegible] os próprios [illegible] de [illegible] Minha [illegible] preparos [illegible] em São João", conta Pereira em *Viola Cósmica*, terceiro e precioso [illegible] Em [illegible] Horizonte, [illegible] Viola de Reis (presente em várias faixas) à Festa Do Divino, a barroque e à contratanga, porque os discos anteriores, *Tiro Rio*, 1991, e *Tocador*, [illegible] o [illegible] [illegible] [illegible]

A Fiat está lançando uma pick up que provem com espírito de aventura como item de série. • suspensão elevada • a maior altura do chão • estribo no pára-choque traseiro • rodas aro 14 e pneus largos • motor 1.5 mpi, 1.6 mpi e 1.6 16V • direção hidráulica • a maior capacidade de carga da categoria • air bag duplo e freios ABS • cinto de sobreavenca • barras de proteção nas portas • sistema de prevenção contra incêndio • volante com absorção de energia Fiat Strada. Para todas as estradas que você escolher

FIAT STRADA.
SUA ESTRADA É VOCÊ QUEM FAZ.

MOVIDOS PELA PAIXÃO. FIAT

Marcelo Yuka, baterista e letrista d'

O Rappa

Samba, jungle e pioneiros do som black como Tony Bizarro e Erlon Chaves fazem a cabeça deste garimpeiro de velhos vinis

Era um domingo chuvoso. Como combinado, encontramos Marcelo Yuka lá pelas 10 da noite para checar sua coleção. O pretexto é uma boa para uma vasculhada nos discos e bater papo. Afinal, o baterista do Rappa chegou de viagem pela manhã e foi direto para o estúdio ou seja, está assoberbado. Felizmente, não foi bem lá assim. Bastou entrarmos no seu quarto – que ele apelida de "meu mundinho" para começar um verdadeiro banho. O DJ Yuka mandou nas pick-ups muito soul brasileiro, Tony Tornado, King Combo, grupo Abolição e nomes menos conhecidos, como um sujeito chamado Tony Bizarro e uma tal de Alma Negra, com seu "gemidão" nu. Coisas Vão Rolar". São mais de 2 mil vinis sem ordem alfabética e misturados semi-ceremonia. "Sempre que vou a cidades do interior compro discos. Tenho vontade de sair com um auto-falante pelo subúrbio do Rio falando 'compro LPs, compro LPs'", diz.

Além de música, os discos trazem histórias. "Certa vez, queria comprar um do Tony Tornado, estava sem dinheiro. Comprei o disco e pedi emprestado para o porteiro, mas quando voltei o cara já tinha vendido. Anos depois, em São Paulo, fui a uma loja que o Maurício Valladares (*DJ e fotógrafo carioca*) me indicou, mas ele avisou que o dono era muito orgulhoso. Perguntei se tinha o disco e ele disse que não. Mas viu que eu entendia de música e, quando eu estava na porta, me chamou e me deu de presente", lembra.

Seu grande xodó é a *Banda Veneno e Erlon Chaves*. O disco foi lançado pelo Pinto Bonzão em pleno estouro do funk, nos anos 70. Tanto que o pingüim que é a marca registrada da capa vem com uma tesoura na cabeça. Yuka dançou muito quando era criança, mas acabou perdendo o disco. Um dia entrou em um brechó de roupas e estava ele. O plástico ainda estava grudado, não via, nunca tinha sido tocado. Yuka o levou para casa por apenas 1 real. O DJ Pedrinho Nitroglicerina também está entre os favoritos.

Também há espaço para coisas como *O Baule do Curequinha*, muito disco de novela e até de macumba. "O melhor deles é *Seu 7*, uma mulher que incorporava uma entidade. Tem tudo, ela falando com a voz de homem e sua voz mudando", explica, contando que é "tão sinistro que tem até DJ que se recusa a tocar". O samba também está entre as preferências de Yuka, com Claras Nunes, Cardeias e Monarcos espalhados pelo chão.

Na seção gringa, algumas trilhas sonoras de kung fu, como *The Revenge of Mister Moopogi*. "Aposto que alguns desses filmes nunca existiram, só as trilhas.", diverte-se. Esse foi garimpado em uma loja de rap francês. Outra pedida é o jungle. Yuka tem alguns vinis que são os primeiros da Inglaterra. "Não têm nem o nome do DJ e já são considerados *old school* do gênero", conta, mostrando que os discos nem trazem rótulo. Já "Soul Beats" é uma coletânea de músicas que foram devidamente sampleadas por Ice Cube, Wu-Tang, House of Pain e toda a moçada do hip hop. Também rola jazz – Jimmy Smith e Herbie Hancock – e a nova paixão: Villa-Lobos. Quando se fala de música jamaicana, é o dub que impera, ao lado de discos raros da dupla Sly & Robbie.

O baterista – que sonha um dia ter uma festa para tocar tudo isso – reclama que o tesouro musical brasileiro está sendo saqueado pelos estrangeiros. "Eu e que não mostro onde estão os sebos para os DJs gringos que aparecem por aqui. Só com um Gerson King Combo eles pagam a passagem", denuncia. A mãe de Yuka bate gentilmente na porta. "Já são 2 da madrugada e o som está alto demais!" Sorte dos vizinhos.

Giovana Hallack

Alta Rotação

BANDA VENENO
Banda Veneno e Erlon Chaves
"O meu disco preferido. A contracapa diz 'Um brinde para inaugurarmos a nossa nova seção: som. Mas se você não tem aparelho de som para curtir, dê um pulo na loja e compre o seu.' Além das músicas de Erlon, as melhores são 'Cosa Nostra' e 'Eu Quero Mocotó', de Jorge Ben."

Tony Bizarro
Nesse Inverno
"Tony Bizarro é incrível! Tem músicas como 'Como Esta Não Faz Sentido' e 'Adeus Amigo Vagabundo'. O cara tira muita onda. As melodias são fantásticas, é tudo ótimo para samplear. Se o Puff Daddy ouvisse isso ia ficar louco. Tem uma letra maravilhosa que diz 'essa vida é tão gozada, pare um pouco para pensar. Se você me compreende, não precisa me deixar.'"

e Abolição
Som, Sangue e Raça
"Este disco é super para dançar, é uma festa total. Mas o legal é que, ao mesmo tempo, essa turma tinha uma filosofia, era a época áurea do black power no Brasil, havia ótimas músicas, como 'Guanabara' (*do Dom Salvador*) e 'Hei! Você', do Getulio Cortes, irmão de Gérson King Combo."

Os quatro grandes do samba
Nelson Cavaquinho, Candeia, Guilherme de Brito e Elton Medeiros
"O meu disco de samba preferido só mestres em faixas como 'Chove Não Molha'."

Box Set do Primal Scream
"São deste grupo inglês em versão dub. O furo no meio é grande porque na Jamaica é assim. O que eu mais gosto na música de lá é o dub."

Miles Davis, em *Tutu*, de 1986, é considerado por Yuka um precursor do acid jazz

Roy Orbison

In Dreams

(Roy Orbison)

A candy colored clown they call the sandman
Tiptoes to my room every night
Just to sprinkle stardust and to whisper
"Go to sleep, everything is alright
I close my eyes, then I drift away
Into the magic night
I softly say a silent prayer
Like dreamers do
Then fall asleep to dream
my dreams of you

In dreams I walk with you
In dreams I talk with you
In dreams you're mine
All of the time, we're together
In dreams, in dreams

But just before the dawn
I awake and find you're gone
I can't help it, I can't help it if I cry
I remember that you said "Goodbye"

It's too bad that all these things
Can only happen in my dreams
Only in dreams
In beautiful dreams

Um herói do rock
e sua balada
de redenção

tragédia e redenção

Nos Sonhos

Um palhaço colorido
que chamam de João Pestana
vai nas pontas dos pés
até o meu quarto toda noite
Apenas para espiar
por entre as estrelas e sussurrar
"Vá dormir, está tudo bem"
Fecho os olhos e me transporto
Para dentro da noite mágica
Suavemente rezo uma prece silenciosa
Como fazem os sonhadores
Então adormeço para sonhar
meus sonhos com você

Nos sonhos caminho com você
Nos sonhos converso com você
Nos sonhos você é minha
Todo o tempo estamos juntos
nos sonhos, nos sonhos

Mas logo antes de amanhecer desperto
e descubro que você se foi
Não posso evitar
Eu posso deixar de chorar
Me lembro que você disse, "Adeus"

É uma pena que tudo isso
Só possa acontecer nos meus sonhos
Apenas nos sonhos
Nos belos sonhos

© Roy Orbison Music Co Barbara Orbison Music Co BMG Music Publishing Ltd

Parabéns QUATRO RODAS
DÁ O 1º NOVO FUSCA DO BRASIL
DE GRAÇA, ATÉ INJEÇÃO ELETRÔNICA NA TESTA.
SÃO OS CAMPEÕES DOS 2 PRIMEIROS NOVOS FUSCAS DO BRASIL
QUATRO RODAS
PETROBRAS
www.petrobras.com.br

O pop que é popular

Das favelas e subúrbios para o topo das paradas

CLAUDINHO & BUCHECHA
Só Love
Universal Music

MOLEJO
Família
Continental

Se Claudinho & Buchecha tivessem nascido em Brixton, seriam cultuados por *clubbers* e antenados em geral. Fosse o Molejo uma formação de Bristol, haveria mil capas de cadernos culturais para saudá-lo. Mas o preconceito é forte, o complexo de inferioridade, um problema nacional. Então, o formador de opinião preguiçoso, para usar uma expressão do poeta Claucirlei, "critica e humilha numa boa" e não atende ao belo apelo de "Enquanto Eu Viver": "Por favor, minha flor, compreenda, me ouça e entenda o que passei no Salgueiro, Chumbada e Fazenda".

Surgida em 1996, com a irresistível "Nosso Sonho" (canção que faz o Animal Edmundo chorar feito criança) e a colossal "Conquista", a dupla do morro do Salgueiro (São Gonçalo, RJ) chegou para ficar mesmo: este já é seu terceiro CD. A produção foi dividida entre o mago pop Memê, Hiroshi, um ótimo músico, e a dupla sangue-bom Victor Junior e Robson Leandro, que sabe tudo do funk melody. Esse tão desprezado gênero, aliás, pode até ser musicalmente simplório (tanto quanto a house e outros estilos eletrônicos), mas possui um poder de comunicação impressionante. E isso é algo que a *intelligentsia* brasileira só costuma reconhecer depois de uma década.

Na opinião abalizada de gente como Ed Motta, Claucirlei, o Buchecha, é um bom cantor de soul. É também um melodista prolífico que faz surpreendentes colagens de palavras caçadas em dicionário e passa uma [illegible] comovente. Onde mais ouvir versos como "Já que é livre, vem pro Buchecha, vem pro seu pretinho"? Claudinho, esse é um milagre, faz de seus problemas de dicção (semelhantes aos de Romário, Viffentinho e de Luiz Carlos, do Raça Negra) uma peculiaridade deliciosa.

O Molejão? É simplesmente o melhor grupo de sambo pop do Brasil. Projetado em 1994, a partir de uma contagiante pérola da dupla Elson e Odibar ("Caçamba"), tirou o pagodo do desvio sambaba dos anos 90. Sem corneira nem mauriçada, sempre primou pelo humor moleque e pelo ritmo paladinho (descendente do samba-rock paulistano mais lento, homenageado na ótima faixa "Samba Rock Do Molejão", do novo CD). Claro, *Família* (a faixa-título é aquela dos Titãs) apela para duplos sentidos e lições de aeróbica pouco sutis, mas, ritmicamente, é irresistível. E os vocais de Anderson Leonardo honram uma tradição de gaiatice que vem de Grande Otelo e Tião Macalé.

Pedro Só — Notas 7

REPUBLICA
Speed Ballads
Deconstruction/BMG Brasil

Grupo inglês investe no neotecnopop

Quando o Republica apareceu há dois anos, ninguém dava um centavo pelo pop ligeiro do grupo. Mas a canção "Ready To Go" foi hit e a imprensa se encantou com a beleza da vocalista Saffron. Este CD é uma paulada de rock n roll eletrônico. Saffron canta uma barbaridade em cima de bases sonoras que lembram Depeche Mode e New Order. Ficar parado enquanto as caixas de som disparam "From Rush Hour With Love" ou "Kung Fu Movies" é tarefa ingrata.

Thales de Menezes — Nota [illegible]

CHRIS ISAAK
Speak Of The Devil
Reprise/WEA

Ótimo cantor abre espaço para sua banda

Pouco badalado entre os alternativos (afinal, tem excelente voz e é bonitão), o americano Chris Isaak tampouco se deixa promover como "gostosão das [illegible]". Resultado: não tem a projeção que merece. Mas é sempre um prazer ouvir a voz deste galã. Principalmente quando ele se debruça sobre canções inspiradas como as deste CD. Equilibrando a melancolia das baladas à Roy Orbison com energia rock and roll, Isaak chama para os refletores sua banda. O baterista Kenney Dale Johnson, o baixista Rowland Salley e o guitarrista Hershel Yatovitz emprestam elegância [illegible] parceria [illegible] com a *hitmaker* [illegible] Diane Warren. E, quando a faixa exige (casos de "Please" e da faixa-título, que tem um amplificador sendo quebrado a bicudas), sentam a pua.

P.S. — Nota 8

ROLLING STONES
No Security
Virgin Records

Petisco ao vivo elimina obviedades

Sempre que acabam uma grande turnê, os Rolling Stones lançam algum [illegible]. Desta vez, o supergrupo aparece com *No Security*. Sabiamente, o CD não inclui "Satisfaction" ou "Honky Tonk Women", presentes em outras gravações ao vivo. Lá estão, acompanhadas por músicos como o baixista Darryl Jones e com participações de Dave Matthews e do saxofonista Joshua Redman, canções como "Gimme Shelter", "Corinna" de Taj Mahal e as recentes "Saint Of Me" e "Out Of Control". Diversão do mais alto nível.

Bernardo Araujo — Nota 8

MANIC STREET PREACHERS
This Is My Truth Tell Me Yours
Epic/Sony Music

Canções de dor e alegria por cultuada banda galesa

Em fevereiro de 1999 completam-se quatro anos desde o desaparecimento do guitarrista Richey Edwards, do Manic Street Preachers. As pistas existentes indicam que ele se jogou de uma ponte sobre o rio Severn, na fronteira da Inglaterra com o País de Gales. Seu corpo nunca apareceu.

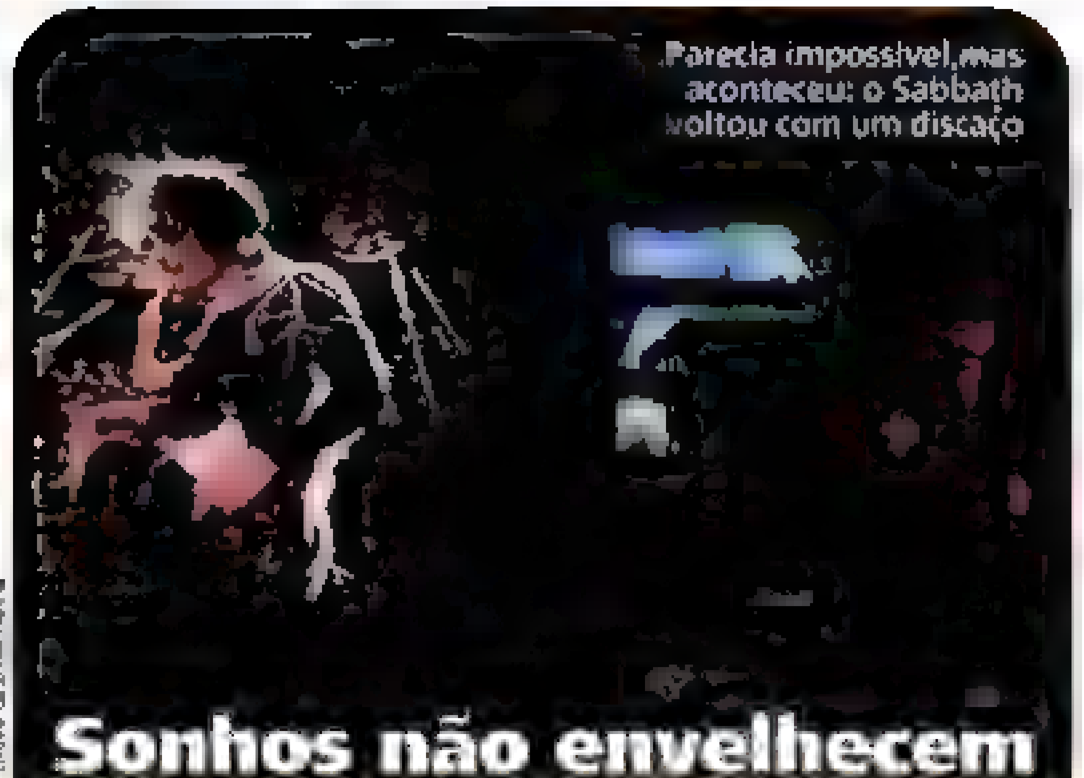
Ainda sob o impacto dessa bizarra tragédia, o trio remanescente construiu e lançou em 1996 a obra-prima *Everything Must Go*, considerado o disco do ano pela maioria dos tablóides ingleses. Agora estes bravos galeses voltam com *This Is My Truth Tell Me Yours*. É um disco acima da média, recheado de melodias sombrias, como "My Little Empire" e a sinistra balada "I'm Not Working". [illegible] o [illegible] forte na catártica e [illegible] "Tsunami" e nas explosões guitarrísticas de "You Stole The Sun From My Heart" e "Nobody Loved You".

A variação entre claro e escuro toma boa parte do álbum. "Ready For Drowning", "You're Tender And You're Tired" e "Be Natural" são canções reflexivas com letras que vão deixar [illegible] público ao [illegible]. Por outro lado, a balada "The Everlasting" é uma ótima para tocar no rádio.

Claudio Luis de Souza — Nota 8

Notas de 0 a 10 dadas pelos colaboradores e críticos de SHOWBIZZ.

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista


Parecia impossível, mas aconteceu: o Sabbath voltou com um discaço

Steve Double/Retna

Sonhos não envelhecem

BLACK SABBATH
Reunion
Epic/Sony Music

Black Sabbath ao vivo? Em sua formação original? E aí, vale a pena? Vale. Para começar, este concerto resgata o prazer de ouvir Bill Ward, um dos maiores bateristas do meu tempo, tocando bem como sempre. Traz ainda o insubstituível Ozzy Osbourne.

Tony Iommi (guitarra) e Geezer Butler (baixo) se reuniram aos citados acima para um show em comemoração a trinta anos de rock'n'roll. Obviamente, a fúria e a energia do Black Sabbath não são as mesmas dos anos 70. Mesmo assim, a performance é excelente, divertida e convincente. A velha química ainda existe e fica provado que uma boa canção não envelhece nunca. Duvida? Ouça então "Sabbath Bloody Sabbath", "Snowblind", "Paranoid" e "War Pigs", entre outras.

Para os fãs eternos e para aqueles que acham *Nine Inch Nails* o máximo, eu digo que este álbum é absolutamente necessário.

Charles Gavin — Nota 10

ZECA PAGODINHO
Zeca Pagodinho
PolyGram

O malandro de Xerém novamente impecável

Disco de Zeca Pagodinho é um pedaço nobre no pudim da indústria fonográfica. Este aqui é dedicado a Heitor Dos Prazeres, tem como sempre a Velha Guarda da Portela, e coisas admiráveis: o clarinete de Dirceu Leite, a gaita da turma Barbeirinho do Jacarezinho, Luiz Grande e Marcos Diniz em "Mary Lu", os arranjos de Rildo Hora, os cavacos de Henrique Cazes, Alceu Maia e Mauro Diniz, um samba espetacular de Casquinha e Dolino, uma aula de geografia inspiradíssima de Nei Lopes e Wilson Moreira, "crítica social" contundente feito a dos melhores MC's da praça. É um CD tão bom que deveria ser muitos. Para que isso acontecesse, bastaria botar a maioria dos compositores e músicos que trabalham com Zeca para gravar seus próprios discos.

Pedro Só — Nota 8

THE BEE GEES
One Night Only
Polydor/PolyGram

Ex-reis da *disco* ao vivo em sucessos e inéditas

Os principais atrativos deste disco ao vivo são as músicas que os Bee Gees compuseram para outros artistas, mas que nunca foram gravadas oficialmente pelo trio. São elas "Grease" (que foi para Frankie Valli), "Islands In The Stream" (Dolly Parton e Kenny Rogers), "Heartbreaker" (Dionne Warwick) e "Guilty" (Barbra Streisand). *One Night Only* também possui uma boa dosagem de hits dos anos 60 ("I Started A Joke", "Words" e "Massachussets") e hinos da *disco music* ("Tragedy", "Night Fever", "Staying Alive").

Paulo Cavalcanti — Nota 7

CAPITAL INICIAL
Atrás Dos Olhos
Excelente/Abril Music

Veteranos de Brasília em volta triunfal

Parece que a retomada da formação original da banda fez o Capital Inicial rejuvenescer. O novo álbum soa como legítimo exemplar do "rock de Brasília", com o frescor juvenil que Legião Urbana, Plebe Rude e o próprio Capital mostravam na segunda metade dos anos 80.

A faixa que abre o CD, "1999", é rock básico com letra esperta. Mas já na segunda canção, "O Mundo" (escrita por Pit Passarell, do grupo de heavy metal paulistano Viper), a banda dissipa qualquer chance de ter feito um disco retrô. O Capital fez um álbum moderno: dançante sem cair nas armadilhas fáceis da cartilha tecno, roqueiro sem apelar para a nostalgia. A frutífera união do vocalista Dinho Ouro Preto com o carioca Alvin L. (ex-Sex Beatles, agora em carreira solo) produziu pérolas como "Hotel Cap Ginet" e a baladona "Terceiro Mundo Digital". Com este álbum, o Capital ganha força para virar o século fazendo bom rock'n'roll.

Thales de Menezes — Nota 8

NATIVUS
Nativus
EMI Music

Reggae de raiz vindo de Brasília

Ao ouvir a banda Nativus tem-se a certeza de que quem escolhe o reggae como profissão de fé não quer saber de complicar a vida. Quer é liberdade, paz, amor. Enquanto incensam Bob Marley (em especial o som "de raiz" produzido por músicos jamaicanos na década de 70) e a natureza, os Nativus ressentem-se apenas da distância que os separa do litoral.

"Eu sei que o Havaí não é aqui/ Que o mar está longe daqui", reconhece o líder da banda Alexandre Carlo Cruz. Mas o *rastaman* candango ainda não se dá por vencido: "O mundo vai conhecer/ Surf lacustre que eu vou desenvolver". Bom que ele poderia canalizar essa energia para melhorar o som que faz e que ainda não passa de uma marolinha.

Celso Masson — Nota 5

KORN
Follow The Leader
Epic/Sony Music

Sensação do rock pesado soa previsível

Roupas Adidas, letras mórbidas e a mistura de vocais hip hop com guitarras distorcidas e ruídos diversos. Esses elementos fizeram do quinteto Korn uma das bandas mais badaladas do rock pesado atual.

O grupo formado por Jonathan Davis (voz e gaitas de foles fora do tom), Fieldy (baixo), Munky e Head (guitarras) e David (bateria) chega ao terceiro disco, com uma produção impecável – a capa, por exemplo, leva a assinatura de Toddy McFarlane, criador do cavernoso quadrinho *Spawn*.

Munky e Head seguem uma tendência atual entre guitarristas de pop/rock, que é a de investir na pesquisa de sons ao invés de tentar mostrar técnica a cada faixa. Eles apresentam texturas interessantes nos instrumentos, fazendo o possível para não deixar o CD repetitivo – missão que nem sempre é bem cumprida. Afora boas faixas como "Got The Life" e "Freak On a Leash", o hip hop metal dos rapazes soa previsível. A adolescência tardia de letras como "Dead Bodies Everywhere" (Cadáveres Por Toda Parte) [illegible] uma confissão da época em que Jonathan [illegible] da sequência das faixas [illegible] CD [illegible] na treze, as doze primeiras são de [illegible]

Bernardo Araujo — Nota 6

ALANIS MORISSETTE
Supposed Former Infatuation Junkie
Maverick/WEA

Fenômeno confessional explica fatos de sua vida

Quando Alanis vendeu 28 milhões de cópias de *Jagged Little Pill*, muito se falou de sua coragem de expor suas confissões sentimentais. Ela assumia mancadas, cuspia no prato em que comeu e ninguém tinha nada a ver com isso.

Seu novo disco é uma tentativa de explicar [illegible] certas coisas. Alanis põe pendências em dia com antigos namorados em "Unsent" – chama cada um pelo nome e manda recados pessoais. "Heart Of The House" é um papo com a mãe, botando o passado em perspectiva. Em "One", ela despeja um *mea culpa* sofrido e comovente. A dilacerada "Would Not Come" fala de frustrações, compensações e preconceitos, e expõe a impossibilidade da felicidade plena ao alcance da mão.

O padrão sonoro cunhado pelo maestro Glen Ballard é o mesmo de *Jagged Little Pill*: guitarras levemente estridentes, bateria programada, harmônica para dar um clima aqui e ali. As poucas diferenças são as bases mais elaboradas, com odores trip hop, e o fato de Alanis, agora, tocar também flauta e piano. Na verdade, ela continua valendo mais pelas letras. Ainda que, ao que parece, nem tudo o que Alanis grita se escreve.

Jaime Biaggio — Nota 6

Um Show De Frota Leva O Seu Espetáculo.

Temos o veículo de acordo com a sua necessidade, porque o espetáculo não pode parar.

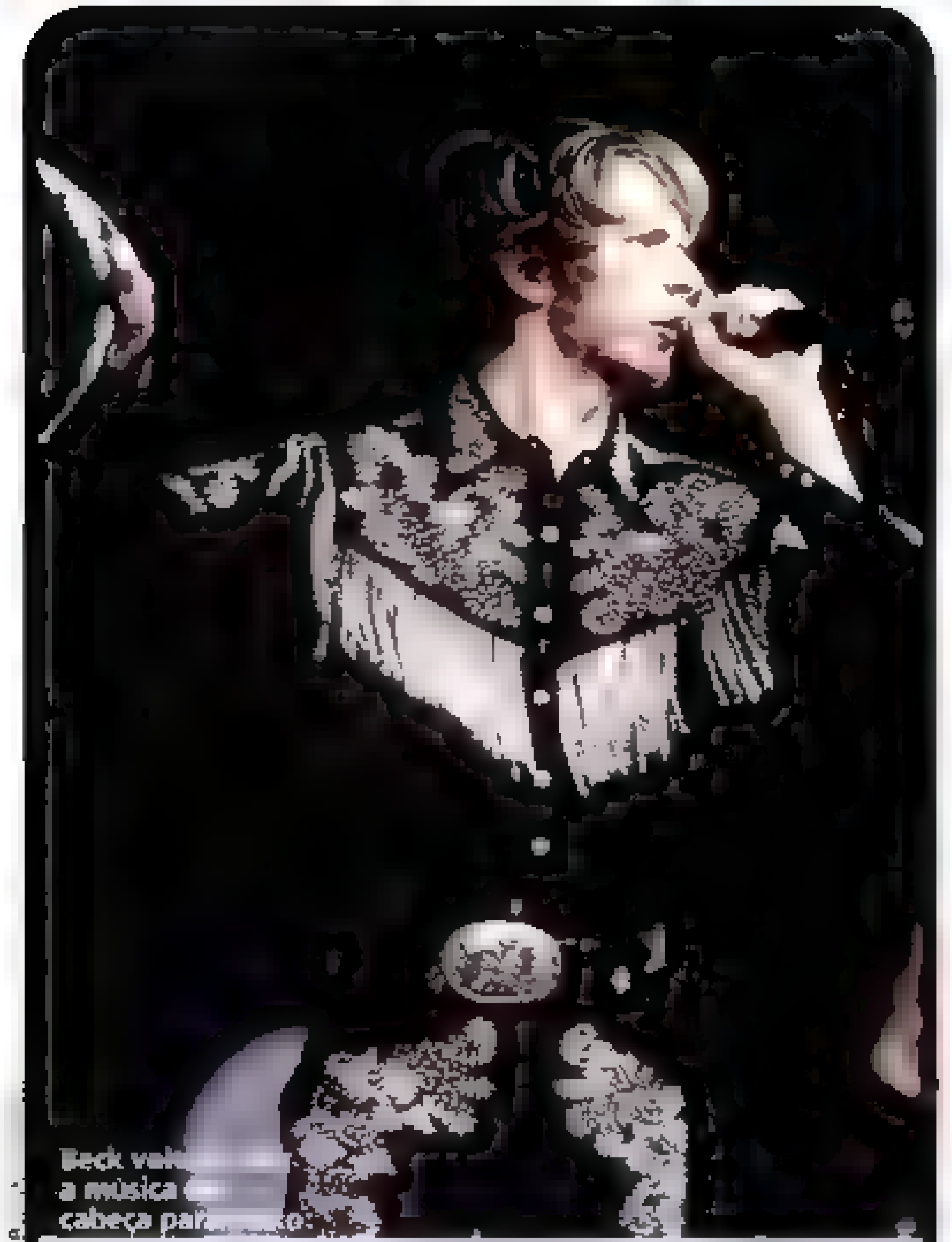
Somos uma empresa especializada em grandes eventos, preparada para viagens nacionais e internacionais e, por isso, temos à sua disposição uma frota completa, com ***ônibus de luxo, Low Driver, Double Deck, Leito e convencional.***

Temos também ***micro ônibus, vans, automóveis com ar condicionado, limousines com TV, vídeo, etc.***

Frete & Cia. Uma empresa que, tendo você como cliente, vai longe.

FRETE & CIA

0800-[illegible]
Central: (011) 834.5298
www.fretecia.com.br
fretecia@fretecia.com.br



Beck vale [illegible] a música [illegible] cabeça par[illegible]

Para confundir

BECK

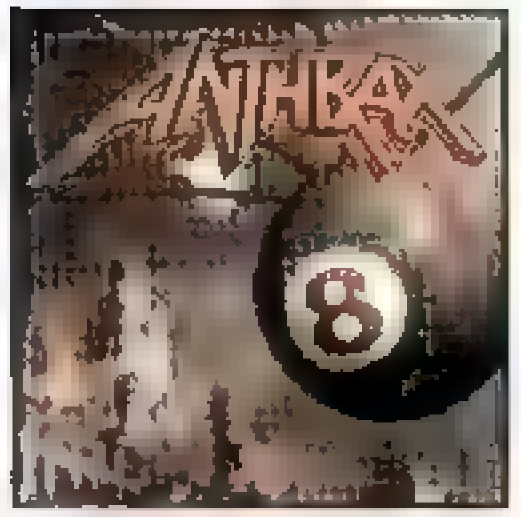
Mutations

Geffen/Universal

Depois do acachapante *Odelay*, Beck resolveu confundir os fãs. Ao invés de gravar uma seqüência de seu disco anterior, com suas misturas de música eletrônica e tradicional, de rap e melodia, de samples e instrumentação artesanal, ele preferiu voltar à origem de suas principais influências. Gravou um álbum despretensioso, em clave menor, sem nenhuma colagem cibernética e com muito piano, *pedal steel* e gaita. Um pouco como havia feito no independente (e excelente) *One Foot In The Grave*, de 1994.

Mutations é praticamente uma compilação de vários gêneros musicais. Estão lá o blues ("Bottle Of Blues"), o country ("Cancelled Check", "Sing It Again"), a música de cabaré ("O Maria"), o rock dito alternativo ("Diamond Bollocks"), a balada ("We Live Again, Dead Melodies"), o pop psicodélico ("Nobody's Fault But My Own") e até samba para gringo ver ("Tropicalia") – esta a única nota que destoa no disco. Por baixo do aparato modernoso, Beck é antes de tudo um grande melodista.

Daniel Benevides — Nota 8



ANTHRAX

Volume 8 – The Threat Is Real

Igni[illegible]/WEA

Grande grupo do metal [illegible]

Da geração que mostrou ao mundo o thrash metal nos anos 80, Metallica, Megadeth e Slayer foram os mais bem-sucedidos. Os nova-iorquinos do Anthrax, sem alcançar o mesmo nível de popularidade, seguiram lançando bons discos e aparecem com este *Volume 8*. O Anthrax ganhou com arranjos mais secos, próximos do punk, com o [illegible] virtuosismo do baterista Charlie Benante (que ainda divide as guitarras [illegible] Scott Ian) e do baixista Frank Bello valorizando as melodias bem cantadas por John Bush. A banda adiciona violões e guitarras slide a algumas canções e surpreende em "Toast To The Extras", uma animada mistura de blues e country.

Bernardo Araujo — Nota 9

ZÉ RAMALHO

Eu Sou Todos Nós

BMG Brasil

Trovador entre o profético e o brega

Certos discursos que se [illegible] muito a sério são difíceis de engolir. O cantor paraibano Zé Ramalho, no entanto, sempre corre o risco: sua lírica deliran[illegible] te parece mais [illegible] Apocalipse de São João.

O tom messiânico [illegible] em *Eu Sou Todos Nós*, [illegible] algumas [illegible] de meditação [illegible] Mas [illegible] impressão de [illegible] de [illegible] do tempo presente [illegible] Zé [illegible] sempre um grão de redenção, [illegible] amor pela solidariedade e até pelos extraterrestres – caso da versão de "Errare Humanum Est", [illegible] *Tô Jain Di Est*[illegible]

Danilo Monteiro — Nota 7

VÁRIOS

Bulworth

Interscope/Universal Music

Rap supimpa embala trama política

Com boa repercussão nos Estados Unidos, o filme *Bulworth* [illegible] história de um senador que usa o rap para den[illegible] esquemas de corrupção. A [illegible] do filme (que no Brasil deve se chamar *Poli[illegible] Incorreto*) também faz bonito, ao mostrar rappers [illegible] representantes [illegible]

Entre os rappers de [illegible] Dr. Dre ("Zoom"), [illegible] [illegible] Method Man, KRS-One, Prodigy [illegible]

Luciano Marsiglia — Nota 8

THE CORRS

Talk On Corners

Atlantic/Continental

[illegible]

[illegible] çou o álbum *Forgiven, Not Forgotten*, que vendeu 2 mi[illegible] Agora os irmãos [illegible] da vizinhança com este *Talk On Corners*. Trata-se de [illegible] própria [illegible] "Dreams" (do Fleetwood Mac). A voz e visual das meninas também são bolos atrativos [illegible]

Paulo Cavalcanti — Nota 6

CAETANO VELOSO

Prenda Minha

PolyGram

Disco ao vivo gravado na turnê *Livro Vivo*

[illegible] lo. Às vezes [illegible] de uma elaboração intelectual alentada e [illegible] que Caetano [illegible] para [illegible] mais recente [illegible] al-re o CD *Sobrevivendo No Inferno*, dos Racionais MC's.

Ao cantá-la agora, Caetano parece dizer ao seu público que [illegible] quem antecipa o mo[illegible] Caetano [illegible] não pode ignorar seus ardis. Se você não leu *Verdade Tropical*, [illegible] *Livro* e nem assistiu ao show *Livro Vivo*, [illegible] *Prenda*.

C.M. — Nota 5

R.E.M.

Up

WEA

Grupo [illegible] supera saída de [illegible]

Os integrantes do R.E.M. costumavam declarar que, "se um de nós desistir, vamos acabar com o grupo". Essa promessa foi colocada à prova há um ano, com a saída do baterista Bill Berry. Então o que fariam Michael Stipe (vocais), Peter Buck (guitarra) e Mike Mills (baixo) enquanto trio, agora com a ausência [illegible] companheiro [illegible]

A resposta está muito bem [illegible] *Up*. O disco apresenta [illegible] e aborda a [illegible] básicos de guitarra, [illegible] outros instrumentos eventuais. Estes, por sua vez, [illegible] perfeita para Stipe desfilar seus versos misteriosos e suas baladas pungentes. As modificações [illegible] R.E.M. [illegible] poético-musicais do que pela eventual imagem transmitida [illegible] artística. Tanto que não há planos para uma próxima turnê.

Celso Pucci — Nota 9

Lados B do U2 trazem o melhor do quarteto

A outra grande banda

U2

The Best Of 1980-1990

Island/PolyGram

Ter sido a maior banda da década de 80, enquanto havia outras tantas, fez do U2 os "Beatles da Irlanda". Até os fãs menos vidrados costumam entoar "Sunday Bloody Sunday" como se fosse o hino nacional em jogo de Copa do Mundo. Os mais fissurados, então, tomam as palavras do vocalista Bono Vox como as de um messias.

Com tudo isso, quem se dispuser a comprar este CD terá uma surpresa. Melhor que as glorificadas "Pride", "New Year's Day" e tantas outras são as gravações lançadas modestamente como lados B dos singles. Por mais que pareça uma heresia, ao ouvir essas quinze negligenciadas faixas chega-se a crer que a[illegible], sim, está a grande banda dos anos 80, [illegible]derada por um cantor fenomenal e fazendo rock'n'roll de primeira. Dá até para esquecer de algumas chatices cometidas pelo quarteto irlandês.

Celso Masson — Nota 9

MARCELO D2
Eu Tiro É Onda
Chaos/Sony Music

Cantor do Planet Hemp cruza samba e hip hop

Desativado o Planet Hemp, Marcelo D2 tira onda solo ostentando samba (e bossa, via João Donato, Dom Um Romão e até Sérgio Mendes) no hip hop carioca. Diferente do paulista pelo dispensável de humor e melancolia no cerne da tragédia social, o ramal se garante com algumas empréstimos das cenas *acid jazz* e *lounge* a partir das artes gráficas do CD.

Em "Batucada" as veteranas *backing vocals* As Gatas encaixam no pancadão suas vozes esmerilhadas. Em "Samba De Primeira", o bate-pronto é do baixista Dôdo Ferreira. Na quebrada do rap, o próprio, fumegam as metralhas verbais de "O Império Contra Ataca", "Encontro Com Nogueira" e do *big beat* "Baseado Em Fatos Reais". Mesmo que tudo funcione no samba hop, D2 deixa os preconceitos e tira a macumba da "encruza" para liberar as caminhas da fusão.

Tárik de Souza Nota

MERCURY REV
Deserter's Song
V2 – IMPORTADO

Rock com flautas, cravo e boas composições

Depois dos High Llamas, o Mercury Rev – outra banda fabulosa, mas de potencial comercial duvidoso – foi parar na V2, a gravadora independente fundada pelo milionário Richard Branson (ex-Virgin Records). Em seu quarto álbum, estes americanos continuam fazendo uma música idiossincrática, ainda que feita dentro de parâmetros "normais" do rock cosmopolita – em que a utilização de instrumentos não-roqueiros, como mellotron, flautas, cravo e "serra", é lugar-comum.

A novidade em *Deserter's Song* é que o sexteto liderado pelos guitarristas/vocalistas malucos Jonathan Donahue e Grasshopper fez canções bem mais consistentes. Se eles não tocarem, por exemplo, "Endlessly" e "The Funny Bird" nos shows ao vivo, com certeza apanham do público. E se os nomes do baterista Levon Helm e do tecladista Garth Hudson (ambos ex-integrantes da Band, o maravilhoso grupo que acompanhou Bob Dylan nos anos 60) não constassem nos créditos do disco, ninguém teria notado.

Thomas Pappon Nota

MARCELO NOVA
Eu Vi O Futuro, Baby, Ele É Passado
Excelente/Abril Music

Cantor revista obra em versões setentistas

O veterano roqueiro Marcelo Nova revê dezoito anos de carreira com um CD acima da média. Ao selecionar quatorze canções de suas fases ao lado do Camisa De Vênus, da carreira solo e da parceria com Raul Seixas, o veterano roqueiro privilegiou sua melhor qualidade como compositor, que é um neo-existencialismo direto e ácido. Além disso a mixagem realçou timbres e efeitos vigorosos de puro rock e blues setentista.

Hagamenon Brito Nota

AEROSMITH
A Little South Of Sanity
Geffen/Universal

Grandes sucessos ao vivo para agradar aos fãs

Registros de shows antigos por artistas de peso do rock tendem a se tornar coletâneas de hits em versões ligeiramente alteradas, servindo apenas aos fãs mais radicais. E o que ocorre com este CD duplo, uma seleção de grandes sucessos ao vivo do Aerosmith. Steven Tyler segura as plateias de modo carismático e Joe Perry se permite alguns vôos mais altos com a guitarra (como o arranjo zepelliniano de "Sweet Emotion"). Mas a sensação final é que já podíamos conhecer um disco ao vivo melhor deles em 1971 [illegible] com *Live! Bootleg*.

Celso Pucci Nota

MARVIO CIRIBELLI
Nazareth Na Confraria
Mantra

Pianista mostra bom gosto e competência

Ao lado de Teddy Cole, Marcos Valle, bons músicos como Idriss Boudrioua (sax), Jerry Bird (guitarra), Dom Chacal (percussão) e até a apresentadora Milena Ciribelli, uma ótima pianista, recomendam este CD quase todo instrumental. A única faixa cantada, "Stay", é de Marvio e Marcos Valle, com canção mais brasileira de Nat King Cole na voz. De resto, Marvio capricha nos arranjos das composições próprias (em geral próximas do jazz e do erudito) [illegible] as interpretações de pérolas como "Você" (de O Sentimental de Chico Buarque e Cristóvão Bastos) e "Turma" (de Ismael Nazareth).

Bernardo Araujo Nota

Talento elevado

PJ HARVEY
Is This Desire?
Island/PolyGram

Em seu quinto disco, a cantora e compositora Polly Jean Harvey consegue articular como nunca seus talentos. Ela ainda se delicia raspando o fundo dos poços e das fossas, ainda se rasga demais, ainda tranca a voz em efeitos que beiram o insuportável. Mas mostra que também sabe cantar com sutileza e usa o cérebro para afiar as emoções que expele. Acima de tudo, está escrevendo maravilhosamente bem. Não é diariozinho adolescente, não é queixume de pobre menina rica, não é sapatismo pseudo-sensível, é construção literária de qualidade mesmo. Sem apelar para os truques vulgares do sexo explícito, em versos rápidos Polly traça personagens femininas riquíssimas e questões profundas. O desejo da faixa-título, por exemplo, é de transcendência. Emolduradas pelos excelentes arranjos e produção de Flood (trabalho admirável no encaixe de loops eletrônicos de percussão), canções como "Angelene", "A Perfect Day Elise" e "The Garden" dão a exata vertigem de fim de milênio. Em mais de um sentido, são bíblia para ouvidos cansados de vazio. Quando gostar um pouco mais da luz e abandonar as influências sinistras de Tricky e de Nick Cave (seu ex), ninguém vai segurar esta maravilhosa mulher.

Pedro Só Nota

Beatle de visão

reedição

THE JOHN LENNON ANTHOLOGY
Capitol/EMI Music

O que ficou para a História do John Lennon artista solitário é algo que praticamente se contrapõe à idéia do John Lennon dos Beatles. O primeiro foi cristalizado na imagem de um militante pacifista hippie e desiludido, fazendo canções engajadas e um pouco melosas. Mas *The John Lennon Anthology* comprova que o cantor era a voz e a alma dos Beatles. O rock fazia parte de sua formação e está no seu legado, como vemos em algumas das 94 faixas da coletânea. O pacifismo, os manifestos libertários, as besteiras autocentradas estão ali. Mas, até seu assassinato, em 1980, Lennon gestava um caminho que acabaria tendo influências tão importantes quanto foram as de seu ex-grupo. A caixa traz boas covers, como "Be Bop A Lula", e sátiras impagáveis: "I'm The Greatest" e "Goodnight Vienna", compostas para o amigo Ringo, além de "Serve Yourself", cutucada em Bob Dylan. Tudo mostra que Lennon era um visionário.

Jotabê Medeiros Nota

A sobrevida de John Lennon depois dos Beatles ganha destaque

Bye, bye, tristeza...

Como foi seu trabalho de composição para este disco?
PJ Harvey – A maior parte das músicas foi escrita em 1996, num período que considero de tremendo baixo-astral. Essa fase acabou há dez meses.

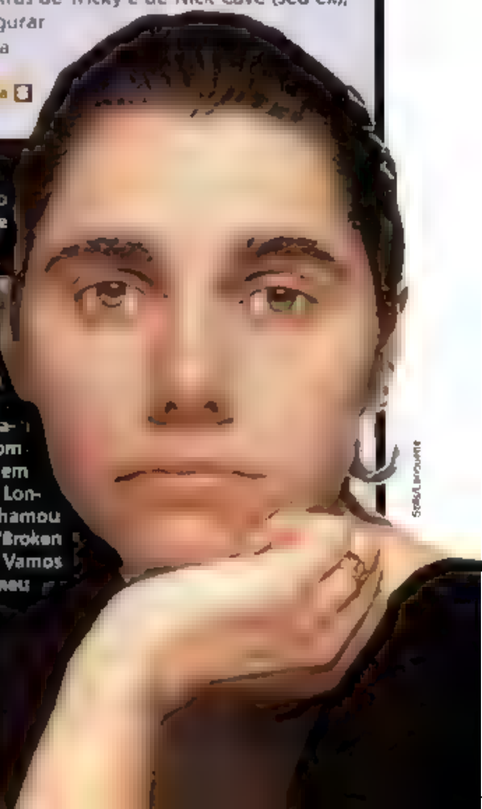
Ela coincidiu com as gravações do disco também?
Quando terminei de gravar o álbum, gostei do resultado. Este é um sentimento estranho para mim. Não lembro de ter terminado qualquer tipo de trabalho e de ter me sentido bem com isso.

Seu jeito de cantar está confiante, puro...
Está mesmo. Fiz uma demo com quatro faixas e resolvi aproveitá-la. Tinha começado o trabalho bem relaxada e isso contagiou as outras faixas. Pela primeira vez na vida estou cantando com minha própria voz. É a voz da Polly, não há máscaras.

Quais são suas músicas favoritas neste álbum?
Existem músicas que me tocam mais do que outras. Com algumas delas me sinto muito aberta e vulnerável. "Catherine" e "The Garden", logo as mais terrivelmente simples, são bons exemplos. Não acontece muita coisa nelas, a não ser minha voz e minha emoção.

Você está mais feliz?
Nunca me senti tão feliz na minha vida como agora. Quando eu era mais jovem, achava que o meu jeito era sempre o certo. Hoje vejo que não existe certo ou errado em música.

Você participou de *Angels With Dirty Faces*, do artista de hip hop Tricky. Como foi?
Pensávamos em trabalhar juntos há um bom tempo, mas ele mora em Nova York, e eu, em Londres. Então ele me chamou para cantar a música "Broken Homes", e foi ótimo. Vamos repetir a parceria no meu próximo CD.



A voz de PJ Harvey está cada vez mais clara

BAUHAUS

Crackle

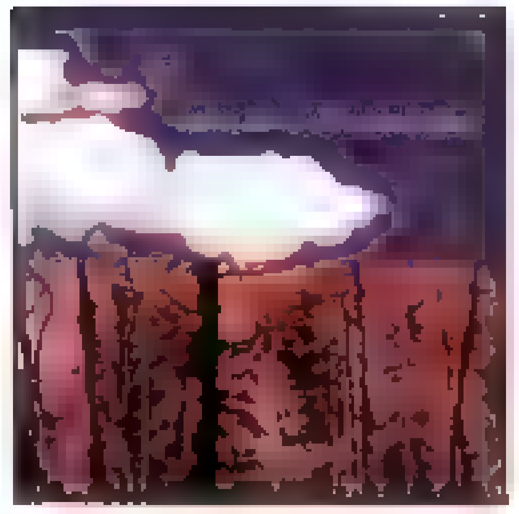
Beggars Banquet/Roadrunner

Coletânea da banda inglesa do rock gótico

Em um belo dia de 1983, Peter Murphy, Daniel Ash, David J e Kevin Haskins [illegible] a vassalagem [illegible] em excesso [illegible] carreira do Bauhaus [illegible] os [illegible] flertaram com o pop em suas carreiras solo (e no grupo Love & Rockets, integrado por Ash, J. e Haskins), mas [illegible] o mesmo impacto de clássicos como "Bela Lugosi's Dead", "The Passion Of Lovers", "Mask" e "Kick In The Eye".

Quinze anos de silêncio depois, o quarteto voltou a se reunir e enfrentar turnês para promover a coletânea *Crackle*, composta de dezesseis clássicos seminais. Se o disco perde em quantidade de material inédito para a outra coletânea do grupo (o famoso álbum duplo *Singles 1979-1983*), é generoso ao apresentar pela primeira vez a versão de estúdio de "Bela Lugosi's...", além de "Burning From The Inside" – ambas editadas anteriormente apenas em compactos. Bela Lugosi está mais vivo do que nunca.

Humberto Finatti — Nota 9



COWBOY JUNKIES

Miles From Our Home

Geffen/Universal

Country e blues classicamente sofisticados

Este quarteto canadense sempre primou pela simplicidade monástica de seu country'n' blues lapidado pela voz angelical de Margo Timmins. Ao lado das levadas básicas de seus irmãos Michael (violão, guitarra, composições) e Peter (bateria), ela canta baladas singelas e melancólicas baseadas em um repertório de primeira que costuma dar nó na garganta de seus muitos admiradores.

Desde a estréia em 1986 com *Whites Off Earth Now!*, Cowboy Junkies nunca se desviou do objetivo de resgatar as raízes do folk e do blues, atualizando-as sem abrir mão do despojamento primitivo de ambos os estilos. Ainda que timidamente, isso ficou claro nos esparsos trabalhos subseqüentes que, verdade seja dita, nunca firmaram o grupo na elite do pop. Com *Miles From Our Home*, o grupo parece tentar se redimir da indecisão. O resultado equilibra dosagens corretas entre sofisticação sonoro-instrumental e a musicalidade rústica do grupo, presente em faixas como "New Dawn Coming", "Blue Guitar", "Darkling Days" e "The Summer Of Discontent".

Celso Pucci — Nota 8

Romântico realmente novo

Johanson: trip hop e bossa-nova em receita escandinava

JAY-JAY JOHANSON

Tattoo

Ricochet/BMG IMPORTADO

Precisou chegar um sueco esquisitão para equacionar a fusão exata entre bossa-nova e drum'n'bass (ritmo eletrônico desenvolvido a partir do reggae). Ela acontece numa das faixas deste que é o segundo CD de Jay-Jay Johanson, "Quel Dommage" (sem relação com "Que Pena", de Jorge Ben), cantada em inglês, a despeito do título. Em outra canção, "A Letter To Lulu-Mae", a influência brasileira entra por tabela: como sample de "Rêve", versão de Françoise Hardy, cantora francesa famosa nos anos 60, para "Transa", uma canção de - pasme! – Taiguara (autor de "Universo No Teu Corpo").

A voz de Jay-Jay lembra muito a do cantor do grupo alemão Alphaville (do hit baba "Forever Young", de 1985), mas a crítica européia o compara a Dean Martin (que, além de ator, foi um bom *crooner*). Jay reclama para si influências de Chet Baker (o vocalista mais cool do mundo, e também um grande trompetista de jazz), compõe tudo no piano e capricha nos arranjos de cordas. Ao mesmo tempo, salpica batidas eletrônicas. Suas misturas são danadas. Abraça o *easy listening* (o pop pré-rock, praticado por Burt Bacharach, e diluidores menos talentosos), resvala pelo kitsch (as letras são ultra-românticas) e, no fim, faz mesmo trip hop. Um trip hop de músico, sem modorra e sem ditadura de DJs.

Pedro Só — Nota 9

SHERYL CROW

The Globe Sessions

Mercury/PolyGram

Cantora confirma talento com sotaque menos pop

Sheryl Crow [illegible] com [illegible] do que às vezes irrita ouvidos mais sensíveis. Mas as semelhanças [illegible] que estourou o hit "All I Wanna Do" param por aí. Neste CD, ela se mostra mais [illegible] ao cantar e mais pessoal ao escrever. As [illegible] deixam clara a origem de Sheryl, na [illegible] caipira. Nessa praia, competência não falta, da balada dolorida ("Crash And Burn") ao pop rock ("Riverwide", "Anything But You"). Sheryl assina todas as doze canções [illegible] com a atual tendência das cantoras pop, a palavra [illegible] das que [illegible] do trabalho.

Bernardo Araujo — Nota [illegible]

MANU CHAO

Clandestino

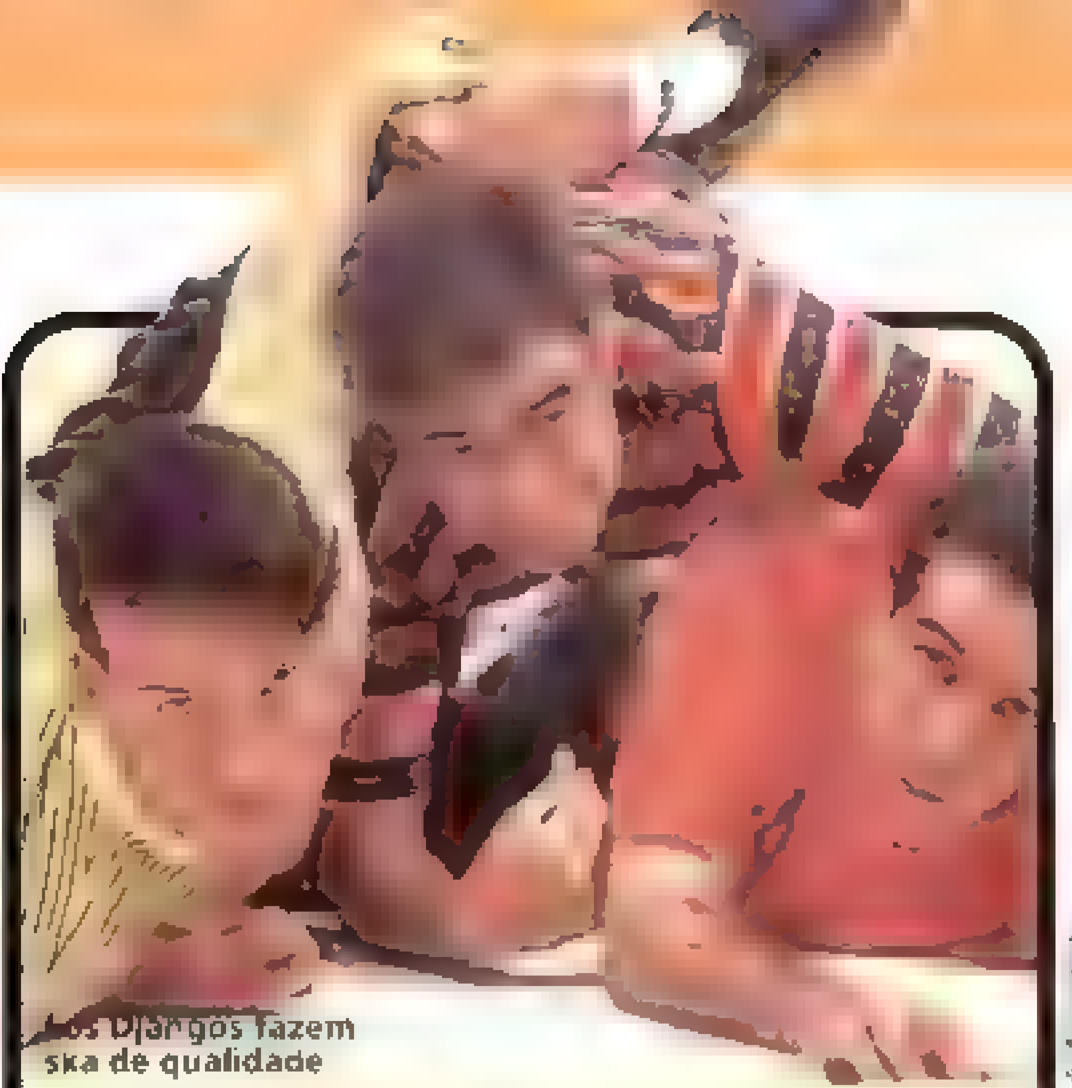
Ark 21 IMPORTADO

Ex-líder do Mano Negra busca novos ritmos

Manu Chao era integrante da banda francesa mais importante dos anos 80, a Mano Negra. Mas achou que isso era pouco para seu currículo [illegible] enquanto os integrantes do grupo se perguntavam o que fazer, ele pegou e [illegible] pela América do Sul [illegible] ouvindo sons e imagens. Participou de "Zé Trindade" e "Sem Terra", faixas do CD *O Samba Poconé*, do Skank. Chao juntou os novos sons com sua formação européia e agora sai com essa mistura [illegible] pop. Ouça [illegible] de viola sobre [illegible] salpicada de rap preguiçoso – a palavra "mentira" é repetida mais do que *hammer* em "U Can't Touch This", sucesso do nada saudoso rapper MC Hammer. Gravá-la com pouco mais de 4 minutos é uma enorme injustiça, porque deveria durar pelo menos meia hora.

A levada de "Mentira" reaparece de várias maneiras: na moleza de "Bong Bong", na malícia de "Je Ne T'Aime Plus", na indolência de "Mama Call". Às vezes Chao fica étnico demais, como mostra "Lagrima De Oro". Mas é um deslize perdoável diante do impressionante conjunto da obra. A diversidade de ritmos e melodias de *Clandestino* também nos leva a acreditar [illegible] identidade. E isso faz [illegible] trabalho [illegible] Que essa busca não [illegible]

Zeca Camargo — Nota [illegible]



Los Djangos fazem ska de qualidade

Pérolas do ska nacional

LOS DJANGOS

Raiva Contra Oba Oba

WEA

Com uma sólida carreira na cena underground carioca, Los Djangos são uma daquelas bandas moldadas por centenas de shows, fitas-demo e afinidade. Produzido por João Barone, dos Paralamas, e por Tom Capone, o CD traz quatorze pérolas recheadas de refrões fáceis e pegajosos. São os casos de "O Futebol (El Perebento)", "Sopa De Jornal", "Raia Bucho Rasta Pé" e "Los Djangos" – esta uma nova versão para "Kamundangos" que tocou nas rádios cariocas há dois anos.

Formado por Marco Hombono (guitarra e vocais), João Aquino (bateria) e Carlyle Diniz (baixo), o trio mostra a realidade da vida nos subúrbios do Rio, com letras densas, mas sem deixar de lado uma boa pitada de humor, na melhor tradição dos grupos ingleses de ska. Destaque para as excelentes intervenções do naipe de metais, gravados pelos mesmos músicos que se apresentam com os Paralamas do Sucesso.

Luciano Vianna — Nota [illegible]

Sacolejo de pegada forte

Como foi a gravação de *Raiva Contra Oba Oba*?

Marco Hombono – Foi meio corrida, mas legal. O (João) Barone deu vários toques para a gente de como funcionava um estúdio. Foi um casamento perfeito dele com o (*guitarrista*) Tom Capone. Rolou uma verdadeira alquimia entre os dois. As gravações ocorreram na mesma época de lançamento do disco dos Paralamas Do Sucesso (*Hey Na Na*) e nem sempre o Barone podia ficar o tempo todo no estúdio com a gente. Ele mesmo diz que matou algumas aulas.

Houve alguma mudança no som da banda?

Continuamos com as mesmas idéias e a mesma pegada forte. Fizemos um grande apanhado do nosso repertório, usando até uma música de quando nos chamávamos Corações E Mentes ("I'm Gonna Babi"). Gravamos também as três que lançamos em *Paredão* (*coletânea que saiu há dois anos pela EMI Music com Los Djangos, Funk Fuckers, Resist Control e outros grupos independentes*).

Vocês acompanham essa nova onda de ska?

Eu vejo essa nova onda do ska no mundo todo meio ressabiado, porque, como qualquer moda, isso logo vai passar. Acho que tem muita banda boa, mas também tem muita gente que está apenas tentando se aproveitar. No final, apenas os melhores artistas vão permanecer.

CAKE
Prolonging The Magic
Capricorn/PolyGram

Revelação de 1997 segura a peteca

Letras muito irônicas e arranjos baseados em guitarra, baixo e trompete – nas opções *mariachi* e *ranchero* – fizeram deste grupo de Sacramento, capital da Califórnia, uma das melhores surpresas do ano passado. Se este seu terceiro álbum não repete o brilho de *Fashion Nugget* [illegible] anterior, também não chega a configurar uma decepção. As mudanças são pequenas: [illegible] e uma guitarra *pedal steel* [illegible] dada em quatro faixas.

Os fãs da cover de "I Will Survive" podem se deleitar com [illegible] "Never There". A melhor faixa, "Hem Of Your Garment", é um show particular do baixista. O vocalista John McRea, um fã do compositor baiano Tom Zé, que não poupa [illegible] nas letras, tem seus momentos de maior brilho em "Satan Is My Motor" e na impagável "Guitar": "Estou sentado na janela do seu apartamento no 32º andar (...) Se eu jogasse minha guitarra pela janela. Será que [illegible] sorrir [illegible]".

Pedro Só Nota **7**

THE BRIAN SETZER ORCHESTRA
The Dirty Boogie
Interscope/Universal Music

O ve[illegible] acerta em cheio

Brian Setzer, ex-Stray Cats, supera a frieza dos seus dois trabalhos anteriores e se supera como vocalista. Entrosada e suingando muito bem, a banda formada por cinco (!) saxofonistas, quatro trompetistas, quatro trombonistas e dois baixistas, além do grande baterista Bernie Dresel e da fantástica guitarra de Setzer, não deixa pedra sobre pedra.

A orquestra recria clássicos com um vigor rockabilly impressionante: de "This Cat's On A Hot Tin Roof" a "Let's Live It Up", o CD enlouquece por quatro faixas até acionar o freio em "Sleepwalk", uma das mais belas canções feitas por [illegible]. Porém, a *big band* continua bailando na ponta dos pés nos *rounds* seguintes, e dá a "Rock This Town" uma pegada mais forte que a original, arrasa em "Jump Jive An' Wail" e esbanja sensualidade em "You're The Boss", na qual até mesmo Gwen Stefani, do No Doubt, canta bem. A Brian Setzer Orchestra tem o gingado e o *punch* devastador de um Muhammad Ali. Nocauteia qualquer adversário.

Luciano Marsiglia Nota **9**

O começo de tudo

Kraftwerk desperta o robô dentro de nós

KRAFTWERK
Autobahn Nota **7**
Radio-Activity Nota **7**
Trans-Europe Express Nota **9**
Computer World Nota **9**
EMI Music

Por sua natureza instrumental e por sua composição "em camadas", a música eletrônica guarda um parentesco bastardo com a música clássica. O elo perdido entre esses dois gêneros é o Kraftwerk, como a audição dos relançados *Autobahn*, *Radio-Activity*, *Trans-Europe Express* e *Computer World* pode comprovar. São obras que azeitam as juntas do robô que existe dentro de nós.

Vindos de conservatórios alemães, Ralf Hutter e Florian Schneider compuseram verdadeiras sinfonias eletrônicas no álbum de estréia, *Autobahn* (1974). É um disco difícil, uma trilha sonora para o laboratório do Dr. Frankenstein, como deixa passar a faixa "Kometenmelodie 1". *Radio Activity*, de 1975, mostra o quarteto alemão brincando com as possibilidades de seu estúdio Kling Klang. O CD traz sonoridades que foram apropriadas anos depois por grupos como o Front 242 e os Chemical Brothers. Em *Trans-Europe Express*, de 1977, os alemães duro de cintura inventaram o baião e funk. Foi desse álbum que o rapper Afrika Bambataa roubou a base para seu "Planet Rock" – o resto é história, pois daí nasceram o eletrofunk, a house e o tecno.

André Gordirro

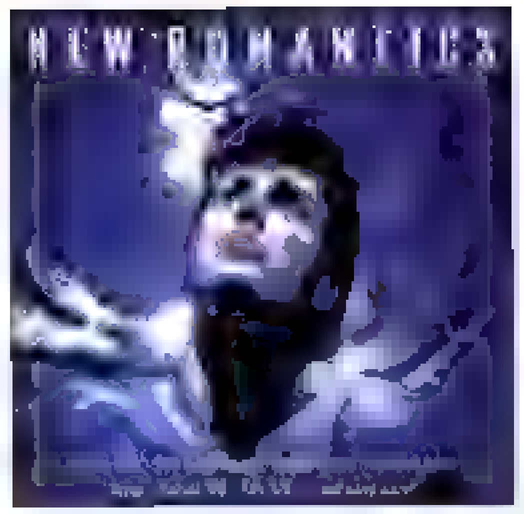
MARK LANEGAN
Scraps At Midnight
Sub Pop (IMPORTADO)

Voz rouca do Screaming Trees em novo vôo solo

O vocalista do Screaming Trees – um dos melhores grupos do rock norte-americano dos anos 90 – chega ao seu terceiro álbum solo mostrando que tem mesmo uma garganta [illegible] pelos [illegible]. Com [illegible] cada por bourbon e tabaco, Lanegan engendra um assombroso mix de bom rock básico, baladas melancólicas e outras com eflúvios psicodélicos, caso da faixa de "Hospital Roll Call". A beleza diáfana de uma canção como "Hell Black Ocean", em que piano e voz, sempre em tom baixo, dialogam a serviço do prazer do espírito e do sistema auditivo, é apenas um dos pontos altos de *Scraps At Midnight*.

O golpe de misericórdia fica mesmo a cargo de "Wheels": o arranjo de cordas, o piano (tocado por J. Mascis, mentor do Dinosaur Jr.) e a interpretação de Lanegan deixam o ouvinte prostrado diante de um trabalho impecável, algo cada vez mais raro dentro do medíocre pop dos dias que correm.

Humberto Finatti Nota **9**



VÁRIOS
New Romantics
Universal Music

Cabelos coloridos e hinos dos anos 80

Esta coletânea reúne quase todo mundo que vem à cabeça quando se pensa em new romantic – apesar da ausência dos representativos Duran Duran e Classix Nouveaux. O disco traz amostras dos trabalhos de Spandau Ballet, Culture Club, Visage, Ultravox, ABC, Human League, A Flock Of Seagulls, Thompson Twins e Adam & The Ants. A maior parte, canções românticas erguidas em torno de riffs primários, com terreno pavimentado pelo *tsss tsss* dos tamborins eletrônicos.

Para apreciar o CD é preciso ter em mente que quase tudo foi registrado entre 1981 e 1984, [illegible] avanços da eletrônica. Mas "Do You Really Want To Hurt Me?", sucesso do Culture Club, é uma delícia assim mesmo, bem como "Don't Go", do Yazoo, canção que é pura *disco*. Giorgio Moroder adoraria ter composto. E "Tainted Love", do Soft Cell, é frescura da boa, contagia e faz a gente passar vergonha na pista de dança.

Jaime Biaggio Nota **7**

Carlinhos volta com um trabalho mais pop que o disco anterior

O baiano dança

CARLINHOS BROWN
Omelete Man
EMI Music

Em 1996, com grande investimento de sua gravadora, Carlinhos Brown lançou seu primeiro disco solo, *Alfagamabetizado*. O CD não vendeu o esperado e revelou apenas o hit "A Namorada". Agora o compositor baiano retorna para a revanche com um trabalho pop e com mais unidade do que o anterior.

Produzido pela parceira Marisa Monte (que imprime vocais de acento soul em sete das quinze faixas, além de fazer dueto na bela "Busy Man"), *Omelete Man* tem bons momentos. É um disco menos prolixo e mais dançante: os reggaes "Vitamina Ser" e "Water My Girl" são parentes de "Uma Brasileira", vitoriosa parceria de Brown com os Paralamas Do Sucesso; a faixa-título é um funk com tempero percussivo do Candeal (bairro pobre de Salvador, onde o artista cresceu e montou seu QG); "Soul By Soul" tem ecos dos Beatles no arranjo de cordas de Eumir Deodato, o funk "Tribal Dance" traz a guitarra de Nile Rodgers (ex-Chic); e as carnavalescas "Cachorro Louco" (com participação do grupo baiano Dois Sapos E Meio) e "Faraó" poderiam facilmente integrar o repertório da Timbalada.

Hagamenon Brito Nota **8**

CD'S POR ENCOMENDA
STUDDIO MUSIC SHOPPING
CD's • LD'S • VHS • Acessórios
Qualquer título por encomenda, nacionais e importados.
Enviamos para todo o Brasil via correio e na cidade de São Paulo, conforme a região entregamos sem custo de frete.
Consulte-nos!
Tel/Fax: (011) 6128-0041 - E-mail: luizmor@mandic.com.br.
Visite Nossa Página
pessoal.mandic.com.br/luizmor/studdio.htm

A mais completa em novidades e raridades
sempre as últimas lançamentos dos EUA, Europa e Japão
Enviamos para todo país
Aceitamos cartão
Rua 24 de maio, 116 - Rua Alta
Loja 15 - cep 01041-000 - Centro - SP
LONDON CALLING
CD'S - VHS - LD'S
(011) 223-5300

"O Rodrigo Santoro É Meu e de Mais Ninguém"

Anna Lisa Sessarego,
estudante e leitora da CAPRICHO

Tem certas coisas que a Anna Lisa Sessarego não divide nem com as melhores amigas. Não adianta insistir ela pode contar seus segredos e até emprestar as roupas, mas do grande amor da vida dela ninguém chega muito perto, não. E ela assume: é ciúme mesmo. Para quem pergunta, ela diz que esse amor todo é do Rodrigo Santoro. Ele é, realmente, especial para a Anna Lisa. Mas ela só diz isso para despistar. Na verdade, ela tem ciúme mesmo é da CAPRICHO.

CAPRICHO é a única revista que a Anna Lisa guarda com carinho naquele canto especial que toda menina tem onde ficam as coisas que elas mais gostam. E a revista não está nesse lugar secreto só porque o Rodrigo Santoro frequenta as suas páginas. Comportamento, moda, notícias e muitos meninos fazem parte da lista de coisas que ela não empresta para ninguém. A CAPRICHO da Anna Lisa é só dela.

CAPRICHO faz parte da vida da Anna Lisa. Ela é do contra, não é estimula a troca de experiências e de opiniões. Com a CAPRICHO as garotas podem contar, desabafar, dividir segredos e até discordar - e criar um relacionamento aberto, direto e verdadeiro.

CAPRICHO faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem tem a agenda lotada de compromissos e não de fotos e de confidências.

Faz parte da vida de quem lê revistas são quase 200 títulos diferentes. Faz parte da vida de quem assiste TV a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril. Faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê [illegible], pela internet, consulta a lista telefônica, vai à escola, compra carros, lembra-se, em toda carreira, negócio [illegible].

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, animar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,8 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo. Com 5,4 milhões de fitas de vídeo, 1,3 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida.

Abril
Faz Parte da Sua Vida

veja · EXAME · PLAYBOY · ESPN BRASIL · info · Abril Jovem · manequim · CLAUDIA · DIGISAT · VIP · CAPRICHO · Estilo · SHOWBIZZ · Abril Vídeo · TV GUIA LISTAS · HBO · GAMES · ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO · MusiClub · ESCOLA · Arte!Brasil · AD · EURO CHANNEL · BOA FORMA · CASA · Saúde! · Abril Coleções · AnaMaria · NOVA

AoVivo

Deboche e entrega total

Green Day
Metropolitan (Rio, 6/11)

A festa começou mais cedo quando três *roadies* do Green Day invadiram o palco para um showzinho de abertura. Uma faixa os identificava como Lub Machine (corruptela de Love Machine, "máquina do amor"). Apesar do nome nada punk, a "abordagem musical" era a mais desleixada e ignorante possível – exatamente o que um roqueiro adolescente quer. Maltratando dois acordes por canção (ou quase isso), os *roadies* fizeram a molecada enlouquecida pular feito pipoca. Depois de 20 minutos estava feito o aquecimento.

Billie Joe, Mike Dirnt e Tré Cool entraram e emendaram, de enfiada, as três primeiras músicas do álbum *Nimrod*: "Nice Guys Finish Last", "Hitchin' A Ride" e "The Grouch". Só então, o cumprimento, por educação, "Alright fucking Rio!". Entre sucessos – ou clássicos, neoclássicos – como "Stic", "Welcome To Paradise" e o atropelo matador "Basket Case" (todas do *Dookie*, de 1995), Billie, pândego brincava de Tom Cavalcante, fazendo imitações. "*The beautiful people, the beautiful people*", bafejou ao microfone, citando Marilyn Manson. Depois ofereceu provinhas de riffs famosos do rock pesado, todos recebidos com muita vibração: "Iron Man", do Black Sabbath, "Rape Me", do Nirvana, "Eye Of The Tiger", do Survivor... "Eye Of The Tiger"? Sim, aquele exemplo máximo do rock farofa e oligofrênico dos anos 80, tema do filme *Rocky 3*. "Não vamos tocar p*** nenhuma de metal aqui", anunciou BJ em seguida.

O barzinho sabe muito bem que está ali para entreter a platéia. Usa todos os golpes e brincadeiras da história do rock: pede para o povo cantar junto, para levantar os braços, diz que não está ouvindo direito quando respondem, convoca moleques para tocar sua guitarra. Há quem chame isso de populismo e apelação. Mas atitudes como a de brincar com "Eye Of The Tiger" deixam entrever um humor cínico vários pontos acima do QI dos que patrulham o Green Day como "traidor" ou diluidor dos ideais punks.

O trio veio para divertir e para escrachambar com tudo – inclusive com um espírito sisudo e pretensioso que, este sim, desvirtuou o que inicialmente era apenas rock debochado. Quem não entende a piada do punk jamais vai achar o que acontece no palco a partir de "King For A Day", música que cumpriu os prazeres de se vestir de mulher sem culpa e sem conotações homossexuais só pelo farra. Pois bem, nessa hora o trio é reforçado por um trombonista vestido de chili e um trompetista de abelha dançando ridiculamente e sacudindo as antenuhas (tipo Chaplin).

Se Billie Joe não tivesse vestido, uma por cima da outra, nove camisetas suadas que lhe foram atiradas da platéia, talvez tivesse sido ofuscado pelo carismático bichinho. Mas até mesmo um show iconoclasta precisa de um pouquinho de hierarquia. Com um visual meio mendigo, meio múmia, o cantor e guitarrista fez 6 mil pessoas cantarem, pularem e morrerem de rir.

O final pastelão, com o quebra-quebra de instrumentos promovido por Tré e por Mike, não deixou opção para o bis, só so-

bram Billie e sua guitarra, para tocar "Good Riddance". O que no disco *Nimrod* é uma balada acústica ganhou um banho de distorção e encerrou uma noite que honra o significado da palavra inglesa *show*.

No camarim, onde recebeu do presidente da WEA Music, Sérgio Affonso, o disco de ouro pela vendagem do álbum *Dookie*, Billie Joe estava um caco. Mesmo assim, fez questão de estourar um champanhe – importante: sem molhar ninguém da gravadora – e de agradecer. "Estamos viradaços, não dormimos quase nada. Tocamos ontem em Belo Horizonte – o som estava uma m***, viajamos direto e não deu para ver nada do Rio. Mas a platéia foi excelente!" Mais entrega, impossível.

Pedro Só

Mike esmurra o baixo, Billie Joe com um fã no palco e, no camarim, o trio recebe o disco de ouro

Billie Joe, a Costinha do punk rock, solta a voz

Rendam-se, terráqueos!

O baixista e tecladista CoCo seduz terráqueos com a magia da surf music

Man... Or Astro-Man?

Broadway (São Paulo), 24/11

Eles não pertencem ao planeta Terra. São seres de outra galáxia, calçam botas de gravidade, usam capacetes especiais (que inclusive lhes ajudaram a ignorar a poluição de São Paulo) e termos estranhos àqueles que não passaram algumas tardes de sua vida assistindo a filmes vagabundos de ficção científica. Musicalmente, soam como as bandas da *Turma Da Praia* (seriado dos anos 60 estrelado pelo cantor romântico Frankie Avalon) com dose extra de anfetamina, tentando imitar os movimentos robóticos do grupo de new wave americano Devo – influência confessa.

Se essas referências fazem parte da sua vida, a apresentação do quarteto americano Man... Or Astro-Man? em duas sessões corridas na casa noturna Broadway foi um daqueles eventos ditos inesquecíveis, que provocam saudades e sorrisos de satisfação à primeira lembrança. Caso você nunca tenha dado sequer uma pescoçada no *Arquivo X*, tudo bem, você também poderia ter marcado presença num dos grandes shows do ano.

O Man... Or Astro-Man? está acima do folclore. Em aproximadamente 45 minutos de show, o quarteto americano seduz a platéia com duas guitarras rápidas e de poucas notas, uma bateria mais veloz que a própria luz e o baixo de CoCo, o líder-mentor dos Astro-Man, golpeando os mortais do público com timbres que vão direto para as cinturas. CoCo ainda reinou absoluto na platéia ao entrar em cena com um capacete flamejante, dançar no meio dos terráqueos e citar um dos bordões mais clássicos do rock-lamê americano dos anos 80. "O que você quer da sua vida? Eu quero é rock!" Para quem já se iludiu com o Twisted Sister (grupo farofa que usava essa frase nos clipes de "I Wanna Rock" e "We're Not Gonna Take It"), ganhou uma emoção extra.

Sérgio Martins

Outros sabores

Festival De Música Mundial

Sesc Vila Mariana (SP), 12 a 22/11

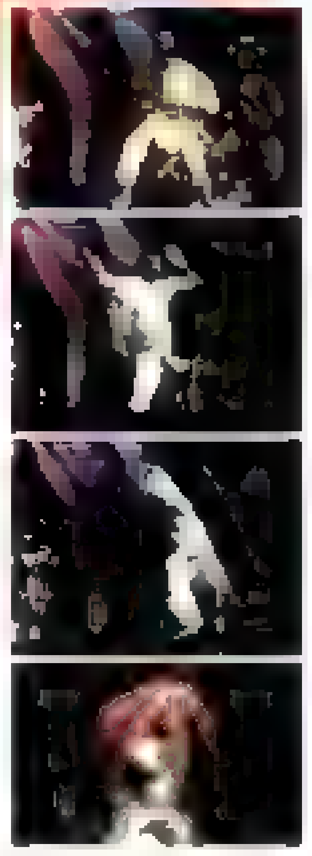
Atrações internacionais que não aparecem nas *Rolling Stone* da vida [illegible] oito noites de festa para [illegible] os espertos que estiveram no excelente teatro do Sesc Vila Mariana. Num cardápio que incluía a formação multinacional [illegible] Beyond (chefiada [illegible] Martin Cradick [illegible] pigmeus Baka de Camarões), o grupo siciliano Agricantus, os brasileiros Uakti e Mawaca [illegible] o pianista Eduardo Agni [illegible] o australiano Wil[illegible] os [illegible] foram servidos na primeira e na última noite.

O encerramento teve musicalidade mais elevada, com shows do excelente [illegible] Kartsinchaga [illegible] Capercaillie, que explo[illegible] festival.

[illegible]

[illegible] samba-para-turista. Exagerando nos solos de dança – nada impressionantes na terra de Carla Perez [illegible] ras com *talking drum* (percussão falante). Baaba [illegible] por o cantor e [illegible] Eles são [illegible] e a banda multinacional que acompanhava a atração de abertura, o tecladista iraniano Jamshied Sharifi.

Pedro Só



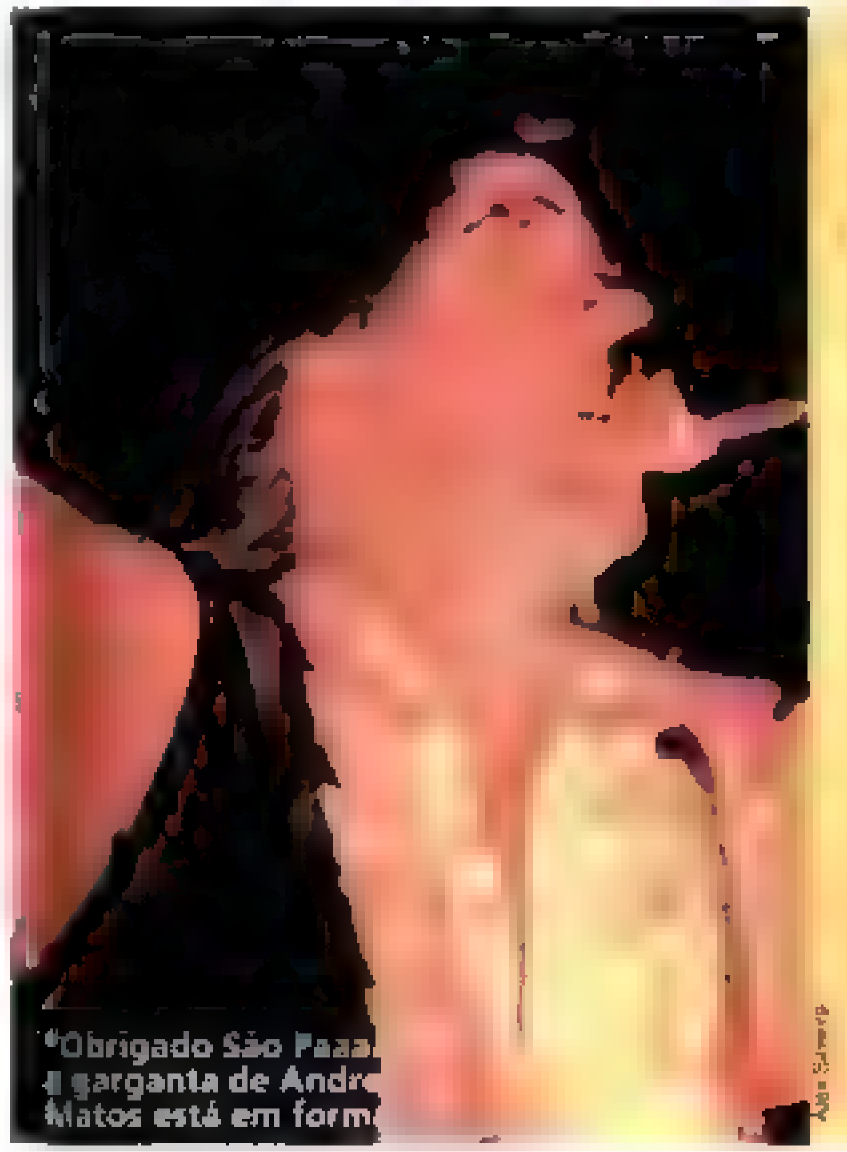
Festa de bambas

Marcelo D2 & Fundo De Quintal

Sesc Interlagos (São Paulo), 15/11

Domingo de sol, projeto Bem Brasil, dois bons shows: Fundo De Quintal e Marcelo D2. Faltou um encontro no palco do Sesc Interlagos (Zona Sul de São Paulo), mas sinceros e fortes abraços aconteceram nos bastidores. Marcelo, fã do Fundo desde moleque, distribuiu cópias de *Eu Tiro É Onda* para os integrantes do grupo, que não tinham ouvido a homenagem do rapper aos sambistas, "Batucada As Gatas Vol. 3". "Tô fazendo o meu som mas quis que ele tivesse a cara da tradição do samba", explicou. Ubirany, o Bira, fundador do Fundo, jogou o confete de volta: "O que ele [D2] faz é cultura e merece o respeito de todos nós". O grupo não tem o mesmo apelo popular dos sambistas mais novos, mas mantém-se ativo há quase [illegible] décadas. "Nunca se [illegible], temos pé no chão", conta Ubirajara, irmão de Bira. O público [illegible] dos shows. Com [illegible] de passagem [illegible] do Fundo De Quintal.

Letícia Calmon



"Obrigado São Paaa[illegible]": a garganta de André Matos está em form[illegible]

Categoria internacional

Angra

Olympia (São Paulo), 16/11

A porta da casa noturna vazia, às 21h30, dava a impressão de que o show de lançamento do CD *Fire-works* do Angra poderia ser um fracasso. Mas foi só entrar para ver: segunda feira e o Olympia estava tomado por jovens com longos cabelos e camisetas pretas.

Logo o cantor André Matos, os guitarristas Kiko Loureiro e Rafael Bittencourt, o baixista Luiz Mariutti e o baterista Ricardo Confessori entraram com o som absurdamente alto e um espetáculo de luzes, em "Wings Of Reality". O popstar André – vestido no melhor figurino *Entrevista Com O Vampiro*, com uma blusa branca de babados e mangas bufantes – e Ricardo, mesmo na bateria, são os que mais agitam. Os dois guitarristas fazem o possível para ocupar espaços e o baixista Luiz parece pregado ao palco.

André mostrou estar com a voz em forma, nas melodias de canções como a bela "Lisbon" e nos gritos de "Valeu São Paaaaaulo". A produção de alto nível – que eles devem usar apenas em grandes cidades, como Paris e Tóquio –, é comparável à de qualquer banda estrangeira.

O Angra encerrou o set com "Fireworks", voltou para o bis com o sucesso "Carry On" e mais "Painkiller", do Judas Priest. No segundo bis, com instrumentos trocados e o guitarrista Rafael nos vocais, "disfarçado" com uma peruca ridícula, vem mais Judas, "Living After Midnight". O *gran finale* ficou por conta de "Run To The Hills", do Iron Maiden, coroando uma memorável apresentação.

Bernardo Araujo

Colorido violão

A história do samba nas mãos de Dino Sete Cordas

Dino já gravou com gente do quilate de Cartola e Carmen Miranda

Ricardo Fasanello

A cena ocorreu num sarau nos anos 50. Dino pousou o violão sobre a mesa e escapuliu para o banheiro. Um desavisado pegou o instrumento e, ao dedilhá-lo, estranhou a sonoridade. Tratou, então, de tentar afiná-lo, mas percebeu que era um violão diferente, em cuja extremidade havia sete tarraxas no lugar das seis habituais. "Ele achou que meu violão estava desafinado", lembra Horondino José da Silva, 80 anos, o Dino Sete Cordas, dono de imensa folha de serviços prestados à música brasileira.

Dino é uma referência do instrumento que virou seu nome artístico e marca de autenticidade em samba. Grava com Beth Carvalho, Paulinho da Viola, Alcione e Fundo De Quintal, entre outros sambistas e chorões. "Falou em violão de sete cordas todo mundo se lembra de mim", conta, orgulhoso, com toda razão. Dá até para levantar a hipótese de Dino ter inventado o instrumento. Mas não. O próprio esclarece que viu pela primeira vez um violão de sete cordas nos braços de China, irmão de Pixinguinha. Maravilhou-se de vez com o instrumento ao ouvir um músico chamado Artur, conhecido como Tuti. Tanto que, em 1952, aos 34 anos, aposentou o violão convencional – que o levara a gravar com Carmem Miranda e Chico Alves – e adotou o pinho com uma corda a mais.

A corda adicional é mais grossa, da qual se extrai um som grave. Ela é um dó, complementando a seqüência, do agudo para o grave: mi, si, sol, ré, lá e mi. Dino foi o responsável pela renovação do instrumento ao inventar um estilo peculiar de tocá-lo, que acabou fazendo escola. Antes de seu aparecimento, os músicos costumavam dedilhar o violão estalando as cordas graves. Foi então que ele teve a idéia de mudar a maneira de tocar. "Passei a bordar o violão e a fazer baixos corridos", conta. Traduzindo: o som ficou menos estalado e mais melódico. A melodia que se ouve nas cordas graves associada ao som dos acordes, mais seco, é ideal para a mistura de simplicidade e sofisticação do samba tradicional. Um exemplo desse estilo é a introdução que Dino fez para "As Rosas Não Falam", no segundo LP de Cartola. O mestre era fã de sua maneira de tocar e o convidou para ser músico e responsável pelos arranjos de seus dois primeiros discos, gravados em 1974 (o de estréia) e 1976. Logo depois de Cartola cantarolar os versos de "As Rosas Não Falam" para o amigo, Dino mostrou a ele a roupagem com que ficou conhecido um dos maiores clássicos do cancioneiro do país. "Eu desenvolvi a música e o Cartola ficou maravilhado", recorda.

Ele aconselha os iniciantes a mandar fazer sob encomenda o violão, "para ficar ao gosto da pessoa". Músico polivalente, Dino arranha também bandolim ("já toquei muito bem"), cavaquinho, pandeiro e clarinete ("só ensaiei"). Nada, no entanto, que se compare ao instrumento pelo qual ficou conhecido. "Tenho orgulho de ser o Dino Sete Cordas". A MPB também.

Sérgio Garcia

Didgeridoo

Originário da Austrália, o didgeridoo era usado apenas por aborígines em rituais. Hoje, acabou entrando no mundo pop por conta da valorização da música étnica que aconteceu a partir dos anos 80. Sendo um dos mais primitivos instrumentos do planeta, não tem variação melódica, geralmente ficando numa nota só e criando uma "hipnose sonora".

É feito de um pedaço oco de eucalipto (ou bambu), medindo de 1,20 a 1,50 metro. Pode ser feito a mão ou ocorrer em "estado natural", em troncos roídos por formigas – dizem que estes últimos são os melhores, pois o ar ressoa também pelos canais escavados pelos insetos. Instrumento de sopro peculiar, a dificuldade em tocá-lo reside principalmente na respiração circular, requerida para a execução: você tem de inspirar pelo nariz ao mesmo tempo em que assopra com a boca.

Da selva para o palco

Didgeridoo no pop

Jamiroquai "Didjital Vibrations"
Gang Gajang "Hundreds Of Languages"
Yo Thu Yindi "Treaty"

Os CD-players tiram férias com você

Portáteis que garantem sua trilha sonora em qualquer lugar

Verão = férias = trilha sonora especial, certo? Pois a melhor maneira de ouvir seu CDs favoritos em qualquer situação é ter à mão um CD portátil, ou discman, como é popularmente conhecido. Leves, práticos, fáceis de carregar e manusear e – melhor – com definição sonora perfeita e independentes de fontes de energia elétrica, eles não podem faltar na sua bagagem.

Os equipamentos disponíveis no mercado são diferenciados por funções e preços. Entre as marcas mais comuns, Sony (única com direito patenteado para utilizar a expressão discman), Panasonic e Aiwa têm produtos de qualidade comprovada. Aparelhos como o **Aiwa XPC 578** (200 reais), munido de sistema antichoque, podem fazer a diferença – a música pára dez segundos e retorna ao ponto original –, visto que não existe CD portátil totalmente à prova de choque. O Aiwa XPC 578 vem com kit para instalação em carro: inserido no toca-fitas do veículo, um cassete reproduz o som nos auto-falantes e um adaptador plugado ao acendedor substitui as pilhas.

Opção mais em conta é o **Sony D 148 CR** (160 reais), com controle remoto e cabo adaptável a qualquer receptor. Já o modelo **Panasonic SLS 221 C** (175 reais) também vem com kit para carro, mas seu dispositivo antichoque é menos sofisticado. Apesar de bem simples, o **D-171 da Sony** (135 reais), um dos campeões de vendas, conta com opção de bateria recarregável (vendida à parte, 25 reais) que se autoalimenta tanto com o aparelho em uso, como ligada na rede elétrica, atingindo autonomia de até nove horas de carga.

Também da Sony, o **DT 401** ($330) reúne todos os ingredientes dos demais e um adicional – vem com rádio AM/FM, daí o custo maior.

Dica final: os preços acima referem-se à média em lojas especializadas, portanto, nunca é demais pesquisar em grandes magazines, lojas de departamentos e hipermercados, que costumam oferecer condições mais vantajosas. Encomendar a alguém que viaja ao exterior também vale a pena: os preços estão dentro do limite alfandegário – e nenhum modelo de marcas de qualidade, (como Sony, Panasonic e Aiwa) é fabricado no Brasil.

Onde encontrar

São Paulo
Studio Two – (011) 212-7793
Telesom – (011) 225-0186
Cassiolândia – (011) 228-6290

Rio de Janeiro
Julico Som – (021) 224-8926
Josias Studio – (021) 259-2519
King Sound – (021) 224-1226

Curitiba
Drebor – (041) 360-8080
Lojas Colombo – (041) 322-7875
Grasom – (041) 233-1365

Salvador
Norberto Som – (071) 354-3577
Hi-Fi – (071) 248-2505

Belo Horizonte
Transistora – (031) 201-8955

Recife
Bob Som – (081) 465-3466
Audio Advice – (081) 325-4242

EntreLeitores

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
email:showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

CORRESPONDÊNCIA

Acid jazz, house music
Marcos Eduardo da Silva
Rua Peixoto Werneck, 507 apto. 11 C – São Paulo, SP CEP 03568-060

Bush e Nirvana
Aline Milene Kämpgen
Rua Voluntários da Pátria, 229, apto. 503 – Campo Bom, RS, CEP 93700-000

Legião Urbana
Roberta de Andrade – Rua Pedro de Aquino, 36 Granbery – Juiz de Fora, MG, CEP 36010-440

Spice Girls e Natalie Imbruglia
Jorge dos Santos – Rua Doutor Takeo Hashiba, 44 – São Paulo, SP, CEP 02276-070

FÃS-CLUBES

Madonna
Madonna's Ray Of Light A/C Júnior – Rua São Vicente de Paulo, 250 – Bambuí, MG, CEP 39830-000

Smashing Pumpkins
Tonight Tonight – Rua Júlio de Mesquita Filho, 4/45 Bauru, SP, CEP 17043-430

Spice Girls
Spice Girls Club – A/C Márcia Arroyo – Av. Rubens de Arruda Ramos, 1784/201 Florianopolis, SC, CEP 88015-700

Simply Red
Simply Red Blue, A/C Patrícia Agrelli – Rua Maria Luiza Tostes, 48 – Juiz de Fora, MG, CEP 36080-490

Titãs
Titanomaníacos – Rua Dom José de Moraes Torres, 88 Casa Verde Alta – São Paulo SP, CEP 02545-080

Marisa Monte
Diariamente – Rua Celestino Jr., 79 – Curitiba, PR, CEP 80510-100

FANZINES

Kiss
Kiss Of Death – Tavessa Brito de Lima, 78 – Maria da Graça – Rio de Janeiro, RJ CEP 20785-480

Depeche Mode
Você quer ver a banda de novo no Brasil? Então participe do abaixo-assinado que o fanzine *Stripped* está organizando e que será enviado à banda assim que conseguirmos um bom número de assinaturas! email: catch-a-cure@yahoo.com/ http://members.xoom.com/dm-stripped

PROCURO

BIZZ
Fichas Do Rock desde a primeira até a última, publicadas com a revista em encartes de oito cada, compro só a coleção de fichas – Fábio Flor – tel. (024) 865-1222

Dado Villa-Lobos
Gravação do *Pé Na Estrada*, da MTV, em que ele foi entrevistado – Cabelo Castro – SQN 116, bloco I, apto 104 – Brasília, DF CEP 70773-090

Jean-Michel Jarre
Troco quatro exemplares da BIZZ por fotos e matérias da turnê que o "mago dos teclados" fez em 1986 e 1987. Tatiana de Medeiros – Avenida Almeida Júnior, 905 Parque das Américas Praia Grande, SP CEP 11713-050

Guns N' Roses, Nirvana
Fotos, edições de BIZZ e SHOWBIZZ que tenham algo sobre esses grupos, também Bad Religion, Green Day e Offspring – Marcio Morçoni – Av. dos Eucalyptos, 846 – Corporal – Aracruz, ES, CEP 29195-000 – tel.: (027) 256-1484

Morrisey
Lados B inéditos do tempo de 1989 a 1992, e outros materiais sobre sua carreira desde os Smiths até hoje. E-mail: sexelson elias@zipmail.com.br tel. 385-7509 ou 887-3942

VENDO

Legião Urbana
Revistas SHOWBIZZ nº 136 e SHOWBIZZ Especial, além de outros materiais, como pôster – Amilton Moreno – Rua Luiz Cláudio Filho, 36, bloco 4, apto. 12 São Caetano do Sul, SP CEP 09581-060

Planet Hemp e Raimundos
Fotos, também do pessoal do Charlie Brown Jr. – Anita Santos – Rua Mendonça Furtado, 540 – Conjunto 5º B Cotia, SP CEP 06700-000

SHOWBIZZ
Marcos Ferreira – Rua João Ribeiro Camargo, 479 – Colombo, PR, CEP 83404-700

MÚSICOS

Baterista e baixista
Procura-se para formar banda, temos vocalista-letrista e violonista. Influências: Joy Division, Depeche Mode, Radiohead, Aderico Público. Rua Antônio da Matta Jr., 33 São Paulo, SP – CEP 05812-040 – tel.: (011) 5061-6750

Guitarrista
Procura baixista, baterista e tecladista para um trabalho sério de formar banda cover, e também trabalho próprio. Terence Venus – tel.: (054) 286-3065

AS REGRAS PARA COLOCAR UM ANÚNCIO AQUI
O espaço é gratuito. Sua mensagem não deve ultrapassar quarenta palavras. Não esqueça de colocar um telefone no qual você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja a divulgação. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

Editora Abril
SHOWBIZZ

Em São Paulo
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 4º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (011) 3037-2000, fax: (011) 3037-2499. Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP

Representantes no Brasil
Rio de Janeiro: Segmento Editora, SC Ltda. – Av. Marechal Câmara, 160 – 4º andar – sala 429 – Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 – Tel.: (021) 240-1567
Bahia: MAMS Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. – Av. Tancredo Neves, 805 – Ed. Espaço Empresarial, nº 805 – Pituba, Salvador – BA – CEP 41820-021 – Telefax: (071) 341-4966/9982-7768
Brasília: Espaço Com. Inc. e Repres. Ltda. – SCS Ed. Bacamarte – cons. 1701/6 – Brasília – DF – CEP 70309-900 – Tel.: (061) 224-2112/321-0305 – Fax: (061) 321-5306
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. – Rua Conceição, 233 – 2º andar – Sala 2604 – Campinas – SP – CEP 13.040-060 – tel.: (019) 231-7775 – Fax: (019) 252-7405
Ceará: Mc Ilustrada Comunicação – Rua Felipe Borges, 1836 – Sala 103 – Fortaleza – CE – CEP 60150-000 – Tel.: (085) 264-3000/1045 – Fax: (085) 231-4701
Minas Gerais: M A M Publicidade e Repres. Comerciais – Av. Contorno, 8000 – 12º Wall Street – sala 1201 – Belo Horizonte – MG – CEP 30110-040 – Tel.: (031) 3339-2592/2657
Paraná: M I C Repres. Comerciais – Av. Cândido de Abreu, 526 – cj. 604 – Bloco B – Centro – PR – CEP 80530-905 – Tel.: (041) 253-4045 – Fax: (041) 252-2846
Recife: Multi Revista Publicidade – Av. Doutor Barreto, 2166 – 1º andar – sala 1501 – Tel. São Bento – Recife São José – Recife – PE – CEP 50020-000 – Tel.: (081) 424-3210
Ribeirão Preto: Interdata Repres. de Publicidade S/C Ltda. – Rua João Penteado, 1164 – Ribeirão Preto – SP – CEP 14025-010 – Tel.: (016) 635-9600 – Fax: (016) 635-9233
Rio Grande do Sul: Press Sul – Al. Coelho Neto, 40 – 2º andar – Bairro Rio Vivo – Porto Alegre – RS – CEP 91340-340 – Tel./Fax: (051) 376-1344
Santa Catarina: Bs Spettacoli – Rua Dr. Arnoldo Duara Jorge, 130 – Cond. Village II – Bairro Lagoa da Conceição – Florianópolis – SC – CEP 88062-200 – Tel./Fax: (048) 232-0899

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
INTERESSE GERAL
ATLAS • ALMANAQUE ABRIL
AUTOMÓVEL CLUBE • INFORMÁTICA EXAME
QUATRO RODAS • GUIA DO ESTUDANTE • SAÚDE
ECONOMIA E NEGÓCIOS
EXAME • VOCÊ S.A.
AUTOMOBILISMO E TURISMO
QUATRO RODAS • GUIA 4 RODAS • ALTERNATIVAS
VIAGEM E TURISMO • TURMA
ESPORTES
PLACAR • FUTEBOL
MASCULINAS
PLAYBOY • VIP EXAME
FEMININAS
CLAUDIA • CELLE • NOVA • MANEQUIM
PUNTO DE CRUZ • CAPRICHO • BOA FORMA • ANA MARIA
TRICÔ E CROCHÊ • ARTE 34
DECORAÇÃO E ARQUITETURA
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
ARTE & DECORAÇÃO
ENTRETENIMENTO
CONTIGO! • SHOWBIZZ • SET

Revista Showbizz, Edição 161, Dezembro de 1998, é uma publicação mensal da Editora Abril S.A. ISSN 0104-1649
Assinaturas: para cadastrar, ou trocar o endereço de assinatura, por favor, entre em contato com a Assinaturas Abril pelo telefone 0800 11 9000 (ligação gratuita). Atendimento: de segunda a sexta-feira, das 8h às 20h, e aos sábados, das 8h às 16h. Para assinar, ligue para 0800 11 9000 ou envie um e-mail para assinesp@abril.com.br. Preço de assinatura: 12 edições de 71,88 reais. Pagamento: à vista, em cheque nominal ou pelos cartões Visa, Unibanco, Diners, Amex, Credicard e Sollo. Todos os direitos reservados. Distribuição exclusiva para todo o território nacional: DINAP S.A. Distribuidora Nacional de Publicações. São Paulo. Distribuidores em Portugal: Distribuidora Jornais de Publicações Ltda., Quinta das Varas, Arrabaia do Ouro, 2685, Camarate, Lisboa.
ANER Central de Atendimento ao Assinante
IVC
IMPRESSO NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Country cósmico

Gram Parsons e Chris Hillman, dois ex-Byrds, integraram de vez o som caipira americano ao rock'n'roll

Caipiras tietados: "Sneeky" Pete, Chris Hillman, Gram Parsons e Chris Ethridge

Reprodução

Performance

Ano de lançamento:
1969
Produção:
The Burritos, Larry Marks e Henry Lewy

Músicas:
"Christine's Tune" • "Sin City" • "Do Right Woman - Do Right Man" • "The Dark End Of The Street" • "My Uncle" "Wheels" • Juanita" • "Hot Burrito #1" "Hot Burrito # 2" • "Do You Know How It Feels" • "Hippie Boy"
O disco saiu em CD pela A&M nos EUA e pelo selo Edsel, na Inglaterra, mas nunca foi editado no Brasil • Na época de seu lançamento, ele chegou apenas ao 164º posto da parada americana • O grupo aparece tocando em Altamont no filme *Gimme Shelter*, dos Rolling Stones

Gilded Palace Of Sin

The Flying Burrito Brothers

Na Los Angeles dos anos 60, o quente era ser hippie e curtir as viagens da efervescente cena psicodélica. Uma de suas expressões máximas era o *space rock* (rock "espacial") do grupo The Byrds, capitaneado pelo guitarrista Roger McGuinn. A banda se utilizava de elementos da música folk, mas quase sempre em um contexto lisérgico. Até então, a country music da costa oeste americana era dominada pela "caipirice", reacionária e com padrões adequados ao gosto do público matuto. Mas um músico uniu esses dois universos, concebendo a gênese do country rock. Seu nome: Gram Parsons.

Filho de uma família abastada da Flórida, Parsons chegou à Califórnia para cursar a universidade de Harvard. Mas abandonou os estudos para se dedicar integralmente à sua International Submarine Band, na verdade o primeiro grupo de cabeludos a tocar no circuito de country tradicional. Esta postura inusitada atraiu a atenção do instrumentista Chris Hillman, integrante do já afamado The Byrds. Hillman convenceu McGuinn a incluir Parsons na banda. Com ele, o grupo registrou em 1968 o álbum *Sweetheart Of The Rodeo*, o primeiro grande marco do country rock. Mas, por causa de divergências internas, Parsons largou os Byrds, seguido por Hillman. Juntos, formaram os Flying Burrito Brothers, ao lado de Chris Ethridge (baixo) e "Sneeky" Pete Kleinow (pedal *steel guitar*). A proposta era fazer um "country cósmico", em que o estilo caipira ancestral americano se fundisse com os mais diversos gêneros musicais. Objetivo atingido em *The Gilded Palace Of Sin*.
O disco traduzia o country rock tradicional para o idioma do rock nas parcerias de Parsons com Hillman ("Christine's Tune", "Sin City", "Wheels") e Ethridge ("Hot Burrito #1 & #2"), além de reler, ao melhor sabor do estilo, pérolas do soul (na versão do hit de Aretha Franklin, "Do Right Woman – Do Right Man"), do rhythm'n'blues ("The Dark End Of The Street", sucesso de James Carr), terminando com uma faixa gospel ("Hippie Boy"). Depois desse disco, Gram parou de se dedicar ao grupo. Afinal, na época ele consumou uma aproximação com os Rolling Stones – "Wild Horses" e outros hits do grupo inglês da época tiveram uma "mãozinha" do guitarrista. Parsons ainda gravou mais dois álbuns solo (*GP* e *Grevious Angel*), antes de morrer de overdose em 1973, aos 26 anos. Hillman continuou com a banda, convocando outros músicos, mas nunca com a mesma inspiração. Os Burritos jamais voariam tão alto.

Celso Pucci

"Minha vida mudou totalmente depois de ouvir este disco. Graças a *The Gilded Palace Of Sin* eu passei de fã de heavy metal a um admirador confesso do country rock"
(James Iha, guitarrista dos Smashing Pumpkins)

Suzanne Plunkett/Reuters

NEGRESCO

JUSTIÇA

TUDO

Negresco

www.nestle.com.br

Nestlé São Luiz